This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

LIVRARIA LUSO-BRAZILEIRA

31 — Rua da Quitanda — 31

Sortimento de livros classicos, de Medicina, Jurisprudencia, Sciencias e Artes, Litteratura, Devoção, &c., &c

Papel, pennas, tinta e objectos para escriptorio. Encarrega-se de qualquer commissão de livros.

RIO DE JANEIRO.

Fry 2 b. 23

FRY COLLECTION

PRESENTED BY
THE MISSES ESTHER CATHARINE,
SUSAN MARY AND JOSEPHINE FRY
FROM THE LIBRARY OF
THE LATE JOSEPH FORREST FRY
AND SUSANNA FRY

MONASTICON

POR

A. HERCULANO.

TOMO II.

LISBOA

EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS

AOS MARTYRES Nº 45.

MDCCCLIX.

NA IMPRENSA NACIONAL.

O MONGE DE CISTÉR

OU

A EPOCHA DE D. JOÃO I.

(SEGUNDA EDIÇÃO).

TOMO I.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1859

TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
6 DEC 1955
OF OXFORD
LIBRARY

De varios livros, pergaminhos, e papeis ajuntei algumas cousas antigas, que estavam já postas de parte, conjecturando, que ordenadas, e vestidas de novas cores podiam tornar á praça, e não parecer mal, como arvores de outono com seu renovo.

G. Estaço, *Var. Ant. Prol.*

Como debaixo dos pés de cada geração que passa na terra dormem as cinzas de muitas gerações que a precederam, assim debaixo dos fundamentos de cada cidade grande e populosa das velhas nações da Europa jazem alastrados os ossos da cidade que precedeu a que existe. Como de paes a filhos as diversas gerações se continuam e entretecem sem divisão,

semelhantes á tunica inconsutil do Christo, assim a cidade antiga se transmuda imperceptivelmente na nova cidade; e como o octogenario na vizinhança do tumulo não vê á roda de si, nem pae, nem irmãos, nem amigos da infancia, mas filhos, mas netos, mas existencias todas virentes, todas cheias de vida, e sente com amargura que o seu seculo já repousa em paz, e espera por elle que tarda, assim o ultimo edificio da cidade que passou, quando pendido ameaça desabar, olhando á roda de si não vê nenhum daquelles que, ahi perto, campeavam senhoris e formosos no tempo em que elle tambem o era. Então, quando a noite de inverno ruge tempestuosa, e a chuva sussurra nas arvores, e estrepita nas torrentes, ouve-se um ruído subito, semelhante ao bater no chão de homem de guerra que morre. É o edificio que sólta o seu ultimo arranco, e vae ajuntar mais uma ossada a milhares dellas, que jazem sob os pés da povoação recente. A obra do homem é como o homem; com a

differença, porém, de que o periodo da renovação do genero-humano conta-se por annos, o da cidade por seculos: mas os annos e os seculos confundem-se e igualam-se diante da vida perpetua do Universo, vigoroso e bello, hoje, ámanhan, daqui, talvez, a milhares de eras, como no dia da creação.

Entre todas as cidades herdeiras do nome das suas antepassadas é a nossa Lisboa uma daquellas cujo tronco é mais antigo, e cujas renovações tem sido mais frequentes. Além das mudanças que nella devia produzir a successão dos tempos, os terremotos, os incendios e as guerras visitaram-na tantas vezes, que apenas lhe restam raros e quasi apagados vestigios dessas existencias de larga vida, desses edificios monumentaes, que ans outras cidades da Europa contam o passado ao presente. Se quereis saber as convulsões violentas, as agonias de trances mortaes em que se tem debatido a filha dos Phenicios, embrenhae-vos no vetustissimo bairro da Alfama; affrontae-vos com

os seus becos tortuosos, sombrios, lodacentos; extraviae-vos no seu labyrintho de terreirinhos, escadas, pateos, arcos, passagens, indelineaveis e enredados como meada, a que se perdeu o fio. O aspecto daquelle grande vulto de casas, que parecem atiradas para ahi cegamente em lucta de gigantes, far-vos-ha crer que lá, nas visceras dessa especie de povoação estranha, embebida no amago de Lisboa, ha uma vida antiga, um monumento de cada epocha, de cada era, de cada decada. Enganar-vos-heis, todavia. Apenas sobre um portal lereis alguma inscripção mutilada em caractéres monachaes, e em portuguez do seculo XIV; apenas vereis uma lapida partida, onde a custo descortinareis algumas letras inclusas e disformes dos seculos XII e XIII, e difficultoso será que as bellas fórmas dos caractéres assentados dos latinos venham lembrar-vos que o solo que pizaes é de um municipio romano. Se, ao cabo de muita lida, a boa-ventura vos deparar um arco ponteagudo do puro gothico, uma

verga florída do renascimento, uma volta de ferradura arabe, acha-la-heis mettida e aproveitada, ou desaproveitada, em edificio de hontem, ou vê-la-heis prestes a desabar em pardieiro velho. Tudo o que haveis de encontrar são folhas rasgadas de um livro precioso e unico. Depois, ajudando-vos a imaginação de artista e o faro de antiquario, muito fareis, se, como os commentadores da litteratura classica, ajunctardes com essas palavras soltas um capitulo do livro perdido. Comprazer-vos-heis então na vossa obra; mas cuidando que reconstruis um pedaço de historia da arte ou dos homens, não fareis, porventura, senão compor um fragmento de novella.

Mas seja historia ou novella o fructo dos trabalhos daquelle que conversa o passado, que se apresse! Com a rapidez da cholera ou da peste corre por todos os angulos de Portugal, e encasa-se em todos os povoados uma cousa hedionda e torpe, que, inimiga do passado e do futuro, se chama illustração; que tendo por

logica o escarneo e por syllogismo o camartello, se chama philosophia. Deus a mandou ao mundo como mandou Attila ou a Inquisição, como um verbo de morte. Seu mister é apagar todos os sanctos affectos da alma, e incarnar no coração, em logar delles, um cancro para o qual nossos avós não tinham nome, e que estranhos designaram pela palavra *egoismo*. Que se apresse aquelle que quizer guardar alguns fragmentos do passado para as saudades do futuro; porque a illustração do vapor e do atheismo social ahi vae livelando o que foi pelo que é, a gloria pela infamia, a fraternidade do amor da patria pela fraternidade dos bandos civis, as memorias da historia gigante do velho Portugal pelo areal plano e pallido da nossa historia presente, a obra artistica pelos algarismos do orçamento, o templo do Christo pela espelunca do rebatedor. Que se apresse; porque esses rastos de antepassados que o tempo e os incendios, e os terremotos nos deixaram, não no-los deixará o descrer brutal deste seculo, que a historia

distinguirá pelo epitheto de bota-abaixo, e cujo legado monumental para os seculos que virão após elle será um cemiterio immenso; mas cemiterio sobre o qual não se elevará sequer a humilde distincção de uma cruz.

É por isso, é porque vejo o marco assentado no fim do caminho por onde esta geração se escoa, que muitas vezes passo horas largas diante de um portal de capellinha carcomida como velha enrugada; diante de uma hombreira partida, onde apenas se divisam cansados e gastos lavores da arte da idade média. Se eu fosse rico, iria comprar a capellinha, iria comprar o pardieiro onde houvesse a hombreira gothica: os homens do progresso vender-me-hiam isso tudo, porque havia d'engana-los; porque havia de prometter-lhes que converteria aquella em lupanar; este em casa de cambio. Depois, eu, que já não tenho pae para affagar nos tedios e dores da decrepidez, tomaria a meu cargo essas pobres ruinas, ampará-las-hia como um filho, livrá-las-hia dos

olhos dos que hoje tudo podem e tudo ousam, e como os christãos primitivos só a seus irmãos revelavam a existencia do altar das catacumbas, assim neste quinto imperio de mentecaptos dissertadores e mechediços, só aos poetas, aos que ainda crêem na arte e em Deus revelaria a existencia do meu thesouro escondido.

Mas eu que não sou abastado, que posso fazer? Ajunctar uma assignatura desconhecida ao protesto lavrado pelos homens de entendimento e virtude contra a barbaria do seculo, para que os meus restos esquecidos não sejam inquietados pelas maldicções dos vindouros.

Foi uma dessas meditações artisticas que gerou o pensamento deste livro, o transmittir aos vindouros alguns fragmentos do passado. Um dia em que atravessava da Lisboa arabe para a Lisboa romana, da Alfama para o Castello, não sei como passei pelo sitio onde existiu o convento dos Bons Homens de Villar, ou Conegos do Evangelista, e parei a examiná-lo. O meu exame foi demorado a consciencioso,

como se costuma dizer nos dous logares onde raro entra a consciencia — nas camaras legislativas e na imprensa politica. Todas as indagações que fiz para descubrir algum vestigio do edificio primitivo, cuja origem o leitor verá no primeiro capitulo desta historia, foram, porém, baldadas: os *Loios* (assim lhes chamava o povo) tinham transformado o antigo collegio do bispo D. Domingos Jardo em sumptuoso convento, de cuja grandeza se pode formar cabal idéa lançando os olhos para a estampa de Lisboa publicada na *Viagem a Portugal* de Philippe II, escripta pelo chronista Lavanha. Veio depois o terremoto e converteu tudo em ruinas. Nestas se aninhou, passado meio seculo, a Guarda Real da Policia, e, por morte desta, a sua successora e herdeira a Guarda Municipal.

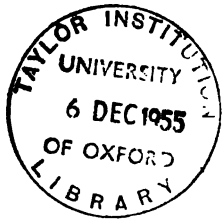
Triste por ter perdido assim inutilmente o tempo e o trabalho, ia a seguir meu caminho, quando me lembrei de um velho manuscripto que lêra, e que falava miudamente de certo successo que Fernão Lopes transmittiu á pos-

teridade na chronica de D. João I. Este successo terrivel, cujo desfecho apenas narra o chronista, e que vinha explicado n'aquella escriptura inedita com todas as suas causas e circumstâncias, está ligado com a historia desse collegio do bispo de Lisboa. Passou-me então pela mente fazer uma desfeita aos loios e ao terremoto, e dar de novo vida áquillo que hoje é só um nome. Procurei colligir as minhas recordações, e quando voltei a casa tinha pouco mais ou menos delineado e disposto os materiaes que constituem o amago e substancia da narração seguinte.

É o que resta a quem é pobre.—Não póde tirar os monumentos das garras dos politicos; mas tem liberdade plena de reconstruir e povoar aquelles que já não existem.

Dos politicos e de nós se condoa o Senhor; porque tanto nós como elles disso havemos mister.

O MONGE DE CISTÉR.



I

O COLLEGIO DE S. PAULO

> Ora vede que door seria para o triste do pay.
>
> Dr. João de Barros — *Espelho de Casados.*

« Vamos, Fr. Vasco, em que scismas? Ha mais de meia hora que levas os olhos pregados na corrente do rio. Ergue-os para o céu. Olha como é formoso! Imagem do empyreo, onde mora aquelle que só te póde dar, que só te ha dado consolação e esperança. Vamos, filho; é necessario que por uma vez acabem

essas tristezas, que denotam estar ainda muito enraizada na tua alma uma paixão mundana.»

«Oh meu segundo pae, oh meu mestre, oh vós, que mil vezes me tendes salvado de mim mesmo, perdoae-me. Má idéa era a que me passava agora pela cabeça. Affigurava-se-me neste momento que D. Leonor estava juncto de mim: via-a, aqui mesmo ao meu lado; via-lhe o sorrir suave; ouvia-lhe o respirar sereno; sentia o brando cheiro dos perfumes dos seus cabellos dourados. Ai! e sabeis qual era minha idéa? Era apertá-la ainda entre estes braços de que fugiu como uma van sombra, e então... atirar-me com ella a esse rio, que vae rapido como o envelhecer desta alma, fundo como a amargura do meu coração! Depois, — proseguiu elle com voz atada — depois... que viesse o inferno.»

«Jesus, Vasco! Estás doudo? Blasphemas? Assassinares uma fraca mulher, assassinares-te a ti proprio, e renegares da vida eterna?»

«Uma fraca mulher, dizeis vós, reverendo nonno? Uma fraca mulher?!... Fraqueza de vibora, que vos toma atraiçoadamente quando dormis, e vos morde, e vos envenena sem remedio a essencia da vida. Essa fraca mulher teve força para me calcar aos pés este pobre

coração, que era bom, que nascêra para amar quantos o rodeavam! Homem de Deus, não sabeis o que é ver cerrar diante de nós o mundo no primeiro quartel da vida, quando a imaginação povôa esse mundo de gosos, de gloria, de felicidade! Vós não sabeis que mysterio infernal se passa cá dentro, quando a uma risada de mulher, que suppúnhamos um anjo, e que era um demonio, a vemos tomar nas mãos o nosso futuro e esmigalhá-lo em terra! Assassinar uma fraca mulher?! E ella não me assassinou a mim! Que sou eu debaixo desta estamenha? Um morto, que fala, e anda, e geme, e comtudo não vive; porque o viver nada disso é... Padre, padre, Deus me livre de mim mesmo!... Mas vós choraes? Oh não, não!... O pobre Vasco está louco. Dissestes bem... Esquecei-vos de seus desvarios. Prometto á Virgem jejuar tres dias a pão e agua, cuberto de cilicios, logo que cheguemos ao nosso mosteiro, para que Deus me perdôe as blasphemias que tenho dicto. Vós tambem me perdoareis. Não é assim, bom Fr. Lourenço?»

«Sim, sim, meu irmão, perdôo-te o escandalo que me déste. Tambem eu cubrirei a minha cabeça de vaso; cingirei os meus rins de cilicio, e ajudar-te-hei a implorar a mise-

ricordia do Senhor, para que te allumie, e affaste do teu espirito as tentações de Satanaz.»

«Oh, como sois bom, meu nonno! — disse entre soluços o outro interlocutor, lançando-se a seus pés, e beijando-lhe a fimbria do grosseiro habito.

Depois ergueu-se, e assentou-se-lhe ao lado, apertando-lhe uma das mãos entre as suas, e derramando sobre ellas lagrymas como punhos, que cahiam a espaços, quentes qual lume, porque do intimo vinham ellas.

Mas quem eram estes dous homens? — Onde estavam? — D'onde vinham? — Para onde íam? — Em que tempo era isto? — Natural é que o leitor faça taes perguntas, ás quaes temos obrigação de responder.

Os dous personagens, entre os quaes se travára o dialogo com que começámos esta mui veridica historia, eram dous monges de Cistér, ou de S. Bernardo. O mais moço, de cuja boca saíam as expressões de desesperação que acima ficam transcriptas, era mancebo de vinte e dous a vinte e cinco annos, bem proporcionado e robusto, tez morena, e cabello negro, basto e crespo, feições talvez não formosas, mas, sem dúvida, attractivas. Os seus olhos eram portuguezes; isto é, reflexo perenne dos intimos pensamentos; tempestuosos com as

procellas do coração, serenos com a calma delle. No rosto do mancebo estava escripto o nome da sua terra natal: era um filho das Hespanhas: a côr, o gesto, o olhar, tudo dizia que ahi dentro havia o espirito de um godo, e ao mesmo tempo que nessas veias corria o sangue de um arabe.

O outro monge era homem de idade robusta. Tinha os cabellos espessos e grisalhos; testa espaçosa, nariz aquilino, os olhos fundos, vivos, e pequenos. Jejuns e meditações lhe haviam emmarelecido e encovado as faces. O todo do seu aspecto era severo e triste, mas quem lh'o observasse attento lá enxergaria, por baixo dessa superficial tristeza, a alegria que gera uma boa consciencia. Quando o velho erguia os olhos ao céu crer-se-hia que, atravez da abobada azul, divisava a patria do repouso, que elle ía conquistando com vigilias e soffrimento sob o peso da cruz. Tumulto ou quietação, angustias ou gosos da vida eram para elle o mesmo que para o peregrino o fumosinho da aldeia do valle, onde apenas dormiu uma noite, visto da cumiada da serra que lh'o vae esconder para sempre: eram uma lembrança, uma saudade duvidosa de juventude; porque o mundo ía lá muito longe delle, meneando-se orgulhoso e senhoril em suas mi-

serias ou grandezas. Das paixões, que este ou alimenta ou gera, só uma restava a Fr. Lourenço; era a paixão que ensina o evangelho: o amor do genero humano.

Fr. Lourenço, chamado o *Bacharel*, por ter estudado *degredos* ou canones na universidade de Lisboa, entrára na ordem de Cistér já homem feito, e ahi fôra recebido com os braços abertos, não só pela reputação de *sabedor* e *letrado* de que gosava, mas tambem por ser pessoa de virtude, e bondoso. O abbade de Alcobaça, D. João d' Ornellas, tinha-o nomeado procurador daquelle célebre mosteiro, que já gosava de certa supremacia sobre os outros da mesma ordem, apesar de, na sua origem, todos serem independentes uns dos outros. Os negocios fradescos obrigavam, portanto, Fr. Lourenço a viver na côrte; e como então residissem cistercienses no collegio ou *estudaria* de S. Paulo e Sancto Eloi (depois convento dos bons homens de Villar), que fôra fundado pelo bispo D. Domingos Jardo em tempo de D. Diniz, e por isso fossem obrigados a ter ahi lentes ou *ledorès* de diversas materias, Fr. Lourenço, quando se via desappressado de negocios, ora ensinava alli as doutrinas das decretaes, sciencia tão séria, tão util, tão profunda, e tão cultivada nesses tempos como a po-

litica, o magnestimo animal ou a homœopathia nestes nossos, ora lia aos escholares, que muitos lá andavam, a sancta theologia, no que tambem o bom do bernardo era poço sem fundo.

Chamámos bom a Fr. Lourenço, e com razão assim o qualificámos. Apesar das emburilhadas e demandas em que frequentes vezes o mettia o despotico, violento, cubiçoso, e ao mesmo tempo perdulario D. João d'Ornellas; apesar dos trabalhos escholasticos, que não pouco lhe quebravam a cabeça, Fr. Lourenço Bacharel ainda sabia achar tempo para gastar em obras de caridade. Onde havia um desgraçado que soccorrer ou consolar, lá estava o nosso cisterciense: riço de sua casa, e abastado de *sollayros,* ou ordenados, que recebia como *ledor* da estudaria (e não eram máus os que deixára D. Domingos Jardo *para sustentaçom dos proves escolasticos)* todos os seus haveres gastava com os necessitados, e nenhum se affastava delle com as mãos vasias,—«*juxta illud,*—dizia Fr. Lourenço,—que lemos na escriptura, *demerge ta orelha ó prove, sem nem uma acidia, e da-lhe sa divida.*»—O povo tinha-o em conta de sancto; a côrte respeitava-o, e até, quando o seu cargo de procurador o obrigava a fulminar perante os juizes os adversarios

da sua ordem, sabia-o fazer com tal modestia, que o tom das suas palavras ainda lhe dava maior realce á eloquencia, do que a fôrça da sua dialectica vigorosa. Emfim era, como todos diziam então delle, na linguagem garrafal daquelle tempo, *barom triguosamente endereçante sa carreira per mui vertuosas vertudes a perduravil einxalçamento em vida eternal.*

No momento em que esta historia começa dava elle uma prova mais do seu ardente amor do proximo. Nesse dia pela manhan recebêra um recado, em que se lhe pedia fosse ouvir de confissão uma pobre mulher quasi moribunda, que vivia na aldeia de Restello, uma legoa de Lisboa para a banda do mar, á beira do Téjo. Como era dia de S. Philippe e S. Thiago, e não havia eschola, Fr. Lourenço não hesitou um momento: disse missa, chamou o escholar seu predilecto, Fr. Vasco, partiu com elle do collegio, veio pela Rua-nova abaixo, e passada a fonte de D. Sancho II, saíu pela porta da Oura, chegou á praia, afretou uma barca, e ei-lo correndo ao longo da margem, caminho da aldeia de Restello.

Fôra dentro dessa barca, que se travára o mysterioso dialogo, que acima fica transcripto, sem mudar uma palavra, pospor ou antepor uma virgula.

Agora cumpre voltar um pouco atraz para sabermos quem era o companheiro do mestre de theologia.

Haveria seis mezes, depois que Fr. Lourenço residia na estudaria de S. Paulo, quando certo dia um cavalleiro moço e gentil-homem chegou sósinho á porta da crasta, e perguntou por Fr. Lourenço. Levado, por ordem do reverendo, á sua estreita cella, demorou-se a sós com elle por horas largas: o que ahi se passou ninguem soube; mas notou o porteiro que, quando o mancebo saíu, o velho veiu acompanhá-lo, e que tanto o desconhecido como Fr. Lourenço tinham as faces banhadas em lagrymas. Abraçaram-se á despedida, e apenas o frade disse ao cavalleiro quando partia:—Filho, constancia em teu sancto proposito!»—Depois ninguem mais tornou a ver o mancebo; mas todos pensaram que era algum desgraçado peccador, que, não podendo soffrer o peso de suas culpas, viera depositar no seio do virtuoso monge a confissão de passados erros, e aquietar remordimentos da consciencia pedindo perdão ao céu.

Passou mais um anno: certo dia, pela volta da tarde, o converso Fr. Julião, que desempenhava havia bem um quarto de seculo as funcções de porteiro da estudaria, veiu cor-

rendo á cella do mestre de theologia, e disse da parte de fóra:

Benedicite, pater doctor.»

«Entrae, Fr. Julião.»

O converso, ou *barbato*, como então chamavam aos leigos, ergueu a aldrava; e com as mãos cruzadas sobre o peito, esperou que o padre mestre o mandasse falar.

«Que me quereis, irmão?»

«Uma carta do *Domno* de Alcobaça.»—Dizendo estas palavras, o converso punha nas mãos do monge um papel fechado, e sellado com o sello do abbade de Alcobaça, a quem por seu cargo competia, segundo a regra de S. Bento, seguida pelos cistercienses, o titulo de *dominus*, ou no romance daquelle tempo *domno*.

«Quem traz esta carta?»

«Um monge do habito do nosso padre S. Bernardo. E voto a Christo, que me parece o mesmo mancebo que vos aqui procurou ha um anno...»

«Basta! Não jureis em vão o sancto nome de Deus. Ide, e guiae para esta cella o recem-chegado.»

Quando este entrou no aposento de Fr. Lourenço, logo elle viu que o converso se não enganára. O bom do monge correu a abraçá-lo:

«Parabens, parabens!—exclamou Fr. Lou-

renço cheio de jubilo.—Esta sancto habito que trazeis, senhor cavalleiro... não digo bem... irmão Fr. Vasco, me diz que Deus vos fez triumphar dos tres grandes inimigos da humanal geração, mundo, diabo, e carne. Soccorrestes-vos ao Senhor no dia da vossa afflicção, e o Senhor vos abriu o porto bonançoso onde podeis rir-vos das procellas da vida. Sois monge de Cistér, e agora... »

« Sou monge de Cistér!—repetiu o moço frade, escondendo a cabeça no seio de Fr: Lourenço, que breve sentiu as suas lagrymas ardentes e abundantes traspassarem-lhe a grosseira estamenha do escapulario e da tunica, e humedecerem-lhe o peito. O accento com que o mancebo proferiu aquellas palavras fazia que ellas significassem exactamente o contrario do que soavam. De monge havia nelle, é verdade, o habito e a cogúla; mas o coração?! No coração de Fr. Vasco estavam ainda todas as paixões do seculo, tumultuosas, fervidas, corrosivas, como quando, em vez de trajar essa tela grosseira, cubria os membros robustos com o arnez de cavalleiro. Se ahi havia alguma differença, era que essas paixões violentissimas, comprimidas por um anno de noviciado, por um anno de abjecção, de silencio, de contradicções, de sugeição, emfim, a todos os

actos exteriores de humildade, de doçura, e de resignação, se tinham tornado mais asperas, e azedado máis aquella alma lacerada por dores fundas e talvez eternas. Fr. Lourenço, a quem elle buscára havia um anno, em dia no qual a desesperação passára a meta do soffrimento, lhe aconselhára o claustro, como remedio unico ao mal que o roía. O pobre frade, pouco entendido nas tempestades do mundo, cria que havia outro ádito cerrado ao tumultuar das paixões, que não fosse a lousa da sepultura; cria que esse ádito milagroso era a portaria de um convento! Se quereis saber se elle errava ou acertava, perguntae-o a qualquer desses que ahi viveram, se ainda algum ha a quem a fome deixe contar historias dos tempos que já lá vão.

«Mas, filho,—dizia Fr. Lourenço, levantando brandamente a cabeça de Fr. Vasco, e encostando-a outra vez sobre o hombro, de modo que o halito ardente do mancebo quasi que lhe crestava a face—cria eu que a misericordia divina e a virtude do nosso sancto habito vos houvessem arredado do espirito essas negras imaginações. Mas, emfim, com o tempo; com o tempo! Fiae-vos de mim: de mim em quem achareis um irmão: mais que um irmão, um amigo!»

«Oh sim! foi por isso: foi para vos ouvir, para dar alguns instantes de frescor a este espirito requeimado, que, apenas fiz meus votos, pedi ao domno de Alcobaça me mandasse para Lisboa estudar. Estudar!... Que posso eu aprender? ou que me importa? É falar com o homem indulgente, que eu quero: é pedir-vos palavras de consolação e de esperança; que me apagueis esta chamma que me consome a alma; que me deis triaga contra a peçonha que me lavra no coração. Homem de Deus, o mundo chama-vos sancto! Paz e esquecimento! paz e esquecimento!...»

Mais se confirmou Fr. Lourenço, por este desalinhado discurso, que a virtude mirifica do sancto habito nada aproveitára em Fr. Vasco; mas, por um movimento de orgulho involuntario, lembrou-se de que com desesperados como este a força da sua eloquencia tinha supprido a pouca efficacia da graça divina. Fez então assentar o moço, e obrigou-o a tomar alguma refeição em quanto descançava: depois, pondo-lhe a mão no hombro, disse-lhe:

«Vamos, irmão Vasco, contae-me outra vez a vossa historia. Choraremos ambos! As lagrymas da piedade consolam, quando é um amigo que as derrama. Se bem me lembra, dissestes-me ha um anno...»

O frade pensou avisadamente que, falando repetidas vezes a Fr. Vasco nos dolorosos successos da sua vida, lhe chegaria a embotar na memoria o sentimento delles. E, em verdade, assim é feito o coração humano. Nunca vereis viuva que fale muitas vezes no marido defuncto, e muito chore a sua falta, que não case cedo. É porque a dor, como a materia bruta, gasta-se com o uso. São mysterios metaphysico-physiologico-moraes desta especie de animal chamado homem, a que eu e tu, leitor, temos a honra de pertencer.

«Disse-vos,—proseguiu o mancebo, tomando a mão immediatamente;—disse-vos que, filho de um cavalleiro nobre e honrado, segui as armas mui moço. Ha tres annos, não longe da morada de meu velho pae, em Aljubarrota, pelejava eu na ala dos namorados, por livrálo a elle e a terra da patria do estranho dominio: pelejava na ala de Mem Rodrigues, porque amava a nobre donzella Leonor; e vós sabeis que Mem Rodrigues só dava entrada naquella ala aos que tinham uma dama dos seus pensamentos. Vencemos essa memoravel peleja. Segui, depois, o pendão do Condestavel. Passados alguns mezes de recontros e pelejas, voltei á terra onde nasci. Pulava-me o coração ao ver ao longe o campanario da

nossa abbadia. Ía ainda ver o meu pobre pae, rezar um *pater* juncto á lousa de minha mãe, abraçar Beatriz minha irman, tão linda! tão meiga! e que eu amava quasi como Leonor. Oh! e tambem ía vê-la a ella, que por certo nem um só dia deixára de se lembrar de mim; ía contar-lhe, não os feitos d'armas, mas as saudades do seu cavalleiro! Ribeiros, fazia-os galgar de um pulo ao meu ginete; veigas, fazia-lh'as desapparecer debaixo dos pés; outeiros, obrigava-o a transpô-los como se fossem plainos. O ultimo tinha-o descido, quando o sol, involto na sua vermelhidão de tarde, entestava com a terra lá no horisonte. Sente-se, mas não se diz o que eu então sentia. Cheguei. Á entrada da povoação era a abbadia: a igreja estava fechada, e o sacristão á porta com as chaves na mão. Já não era o do meu tempo: fez-me isso tristeza. Perguntei sem saber porque: — O abbade véla, ou jaz? » — « Em trintario cerrado hi dentro é com outros clerigos. » — « Por quem é o trintario? — prosegui eu inquieto. — « Por um bom fidalgo da vizinhança que morreu, segundo dizem, de pena, porque uma filha que tinha, e muito amava, fugiu com um cavalleiro, a quem passando por aqui elle dera gasalhado por algum tempo. Nunca mais comeu nem bebeu, e como

era velho finou-se. » — « Fazendo assim, fôra moço e se finára: — disse eu sorrindo descuidado, em quanto procurava na memoria quem seria o fidalgo. Nenhum que eu soubesse nos arredores tinha filha donzella, senão meu pae e o de Leonor; mas que fosse algum delle. claro estava que era impossivel. Ia a apertar ainda uma vez os acicates ao ginete, para chegar antes da noite á ponte levadiça dos meus paços acastellados, mas por demais perguntei ao sacristão o nome do morto que jazia em trintario . . . Era o de meu pae ! . . . Uma faisca de lume me centelhou diante dos olhos: de um pulo eu estava pegado com a porta da igreja: as escamas das minhas manoplas bateram nella como um vaivem, e, com um som que se prolongou pelas naves, vi-a aberta, e lá no meio uma tumba cercada de brandões accesos, e ao redor padres que resavam latim. Logo me achei ao pé delles: abri a tumba: era meu velho pae . . . era elle . . . com os olhos fechados, não me viu . . . com os labios cerrados, não me sorriu . . . com as mãos cruzadas sobre o peito, não me abençoou! . . . Arrojei-me sobre elle: beijei-o: era como uma pedra gelada! Um dos que ahi estavam disse não sei o que, chegou-se a mim, e quiz arrancar-me dalli. Estendi com furia o

braço: a minha manopla tornou a encontrar o que quer que foi. Ouvi um grito rouco, e como um corpo de homem que cahia desamparado sobre as lageas do pavimento. Não percebi mais nada; porque n'esse momento perdi os sentidos.»

Aqui Fr. Vasco fez uma larga pausa, correndo a mão pela testa, como quem affastava uma idéa dolorosa. Tinha os labios brancos, e nos olhos bailavam-lhe duas lagrymas. Pelas faces de Fr. Lourenço já outras duas tinham escorregado.

II

TUDO DESVENTURA.

Tristesa, dor e cuydado,
leixae-me:—que mais quereis?
porventura nam sabeys,
que sou já desesperado?
CANCION. DE RESENDE.—
Trov. de L. Henriques.

«QUANDO tornei a mim—proseguiu o moço cisterciense—estava em cima da cama, em um aposento dos meus paços. A primeira cousa que me lembrou foi chamar por meu pae e por minha irman. Depois recordei-me de que já nem pae nem irman tinha: calei-me. Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho

abbade, que me baptisára e me ensinára a ler. Elle percebeu que tornára a mim: pozse em pé: eu estendi para elle as mãos: deume uma das suas; apertei-a entre as minhas, e levei-a á boca, e beijei-a: era descarnada e enrugada como devia ser a de meu pobre pae. Nem elle me dizia nada; nem eu a elle. Eu por mim, não tinha nada que dizer; porque o que me estava na alma não era cousa que com palavras se dissesse, nem a que com palavras se respondesse. Depois de largo tempo, ouviram os meus ouvidos a minha boca perguntar: — Que horas são? » — « Quarto de prima: — respondeu o abbade. Com effeito, o sol começava a tingir-me a cama de todas as côres das vidraças de uma fresta que me ficava fronteira. E eu olhava para a fresta com os olhos fitos; parecia tranquillo; porém cá dentro ía um tumulto medonho. A imagem de meu pae defuncto, de minha irman deshonrada queimava-me o cerebro. Vingança! Esta palavra sentia-a soar, palpava-a, via-a escripta, affigurava-se-me convertida em effeito. Um cavalleiro estava por terra, o seu peito arquejava debaixo da minha joelheira de ferro, e um punhal me reluzia na mão erguido sobre a garganta do roubador de minha irman. Era um prazer horroroso!... Desde en-

tão para cá sempre cri que podia haver um momento de deleite no meio dos tractos do inferno.

Até ahi nem o nome, nem a imagem de Leonor me tinha passado pelo espirito. Foi depois disso que este nome e esta imagem me appareceram como um pensamento do céu. Rebentaram-me então dos olhos as lagrymas: as minhas mãos apertaram com ancia as mãos do abbade, e o pulso bateu-me com vigor febril. Senti que estava em um leito, em um aposento, ante a luz de Deus, entre os homens, na vida.

Disse algumas palavras ao abbade. Este sancto homem me contou então que eu passára a noite inteira em espantoso delirio, e que elle se encarregára de me vigiar desde a meia noite. Ponderou-me que era necessario tomar algum alimento: recusei: instou. Pedí-lhe então que me chamasse Brites. Primeiro que tudo queria falar com ella.

Brites era uma velha dona, que fôra minha ama, e que ficára depois servindo de cuvilheira de minha mãe. Quando esta falleceu era eu mui moço, e Beatriz uma criança. Meu pae encarregou-a do governo domestico, e nós habituámo-nos a tê-la em conta de segunda mãe: tambem ella nos amava como filhos. Apesar de

perturbado, notei com dissabor não a ver ao pé de mim.

«Mas Brites..... disse o abbade titubeando: e calou-se.»

«Mas Brites—repliquei—devia estar juncto ao pobre Vasco, que, segundo dizia, tanto amava. Tambem ella foge de mim?»

«Não, senhor. Eu fui que não consenti que ella aqui estivesse. De que podia servir-vos a pobre dona, senão de accrescentar-vos agastamentos no coração?»

«Bem pelo contrario!—atalhei eu.—É a unica pessoa que está aqui da minha.... ía a dizer familia.... lembrei-me ainda outra vez de que não a tinha. «Emfim—prosegui em tom de quem quer ser obedecido—que Brites venha cá.»

O abbade cravou em mim os olhos: parecia irresoluto e afflicto: um gesto de impaciencia que me viu no rosto o resolveu. Saíu vagarosamente.

Dahi a pouco pareceu-me ouvir no aposento immediato a voz de Brites, que cantava:

Boa festa, sancta festa,
Em que se canta latim:
De festa vestida, ás bôdas,
Ás bôdas cantando vim.

«Arripiaram-se-me os cabellos. Um *psio!* prolongado cortou a cantiga.

Brites entrou: o abbade trazia-a agarrada pelo braço. Custou-me a conhecer-lhe as feições: estava inteiramente demudada: tinha os olhos esgazeados, as faces pallidas e encovadas, e por cima de tudo isto um como véu de riso convulso. O abbade olhava para ella com aspecto severo.

«Meu criado,—gritou Brites apenas me viu, —mandae embora este máu homem. Tem cara de castelhano. Hoje que é o dia do vosso casamento todos devem ter cara de riso. O senhor Vasqueanes,—continuou a desgraçada, chegando-se ao pé do leito, e falando em voz baixa, como quem me dizia um segredo,—está lá fóra deitado em uma cama preta. E sabeis o mais gracioso? Muitos padres estão ao redor da cama a falar-lhe em latim; mas bem faz elle que finge dormir, e não lhes responde nada. Creio que espera por vós para ir á igreja.....

O abbade interrompeu-a:—«Está varrida, —disse, voltando-se para mim.—Depois que a senhora D. Beatriz fugiu de casa, começou a enlouquecer. Com a morte de vosso pae perdeu de todo o siso. Quizestes que ella viesse: pensei que se conteria diante de vós; mas vejo

que os meus receios eram fundados. Ide-vos embora, Brites!»

«Não!—acudi eu, que sem pestanejar olhava para aquelle doloroso espectaculo.—Não! Vem cá, Brites: abraça-me: fala-me de meu pae... de meu pae só... e dize o que quizeres.»—Não sei o que em mim se passava. A dor começava a causar-me uma especie de prazer.

Brites deitou-me os braços ao redor do pescoço, e deu-me um beijo na testa.—«Vamos, meu criado,—disse depois;—olhae que é tarde, e D. Leonor estará esperando. Vós já não sois Vasco da Silva, sois Lopo Mendes. Já não sois mancebo florido; mas homem grave e mui rico. Não é assim? É: oh que é! Parvos! Suppunham que D. Leonor era donzella que casasse com outro; os pobresinhos não sabem que mudastes de pessoa! Vamos, erguei-vos d'ahi.»—Acabando de dizer isto deu uma gargalhada.

Eu tinha coado cada uma das suas palavras pelo coração. Ergui-me de um pulo: em pé no meio do aposento, o meu aspecto devia ser infernal.—«Velha maldicta,—gritei furioso,—que infamias estás ahi dizendo? Que casamento de Leonor? Que Lopo? Fala ou te faço calar para sempre.»

Procurava o meu punhal na cincta; mas já não estava armado.

«Não o sabieis?! Oh que não o sabieis!... Meu Deus! Meu Deus!»—Isto dizia o abbade, que em um relance se me havia arrojado aos pés, e soluçando me abraçava pelos joelhos.

Brites arredára-se, cruzára os braços, e olhando para mim com ar de compaixão, repetia muitas vezes:—Coitadinho! enlouqueceu!»

Talvez falava verdade.

Todavia, apesar da especie de phrenesi, em que me lançaram as palavras de Brites, a postura e os soluços do veneravel sacerdote chegaram-me ao vivo. Procurei vencer a minha desesperação: ergui-o, e disse-lhe com apparente tranquillidade:

«Não! não o sabia. Contae-me tudo.»

O velho sacerdote alevantou os olhos para os meus, e viu nelles cousa que o fez hesitar.

«Contae-me tudo:—repeti eu.

Da primeira vez o som da minha voz era o da voz de um homem: da segunda, a meus proprios ouvidos pareceu que assim devia ser a de um demonio.

Ao abbade pareceu, por certo, o mesmo. Não hesitou mais. Eis-aqui o que elle me disse. Ficou-me bem estampado na memoria.

«Mezes havia já que Mem Viégas deixára de frequentar a casa do vosso pae. Aquella inteira amisade, que por tantos annos os uníra, começou a esfriar grandemente. Todos os dias, segundo o antigo costume, vinha eu passar o serão com o senhor Vasqueannes, que com Deus é; todos os dias parafusavamos ambos sobre o motivo d'esta novidade, e não podiamos atinar com elle. Salvo se era a necessidade de fazer companhia a um cavalleiro de Lisboa, homem já de idade grave, mas de aprazivel presença, que viera ser seu hospede. Este motivo, porém, não bastava para desculpar o pae de D. Leonor. O casamento de sua filha comvosco, ajustado entre elle e vosso pae, devia ainda tornar mais robusta a amizade inalteravel de tantos annos. Quando ao anoitecer, assentados ao redor do leito do senhor Vasqueannes, que, por sua avançada idade, se recolhia ao pôr do sol, eu, vossa... digo a senhora D. Beatriz, e o infame D. Vivaldo conversavamos ácerca deste successo, buscavamos a causa de tal mudança; mas depois de muito scismar e adivinhar, concluiamos sempre que era impossivel achar o motivo de semelhante proceder.

Um domingo pela manhan, tinha eu acabado de dizer missa, e estava na sacristia des-

revestindo-me, quando o sacristão veiu avisar-me de que um pagem de Mem Viégas estava ahi, e me buscava. Mandei-o entrar. Disse-me que seu senhor precisava de falar-me, e que trazia uma hacanea para eu cavalgar até o paço. Respondi-lhe que estava prestes. Partimos. Chegando á ponte levadiça notei que pagens e escudeiros estavam vestidos ricamente das cores de Lopo Mendes, o hospede de Mem Viégas. Fez-me isso estranheza; porque era signal de noivado. Entrei. O fidalgo veiu receber-me á sala d'armas, fez-me assentar, e disse-me:

« Mandei-vos chamar, reverendo abbade, para que lanceis a benção nupcial na capella destes paços a dous noivos que lá estão. Hoje passareis o dia comnosco. »

« Poderei já saber, meu illustre senhor, quem são os noivos? »

« Porque não?! — tornou Mem Viégas, sorrindo. — O noivo sabereis já quem é pelas cores de que os meus estão vestidos: a noiva, ninguem aqui o póde ser de tão nobre, rico, e esforçado cavalleiro, senão a minha Leonor. »

Estremeci. Havia poucos dias que tinha falado com o senhor Vasqueannes do vosso casamento com D. Leonor. Levantei-me, e, em tom severo disse ao velho cavalleiro:

«Quereis porventura gracejar comigo, senhor Mem Viégas? Vossa filha deve casar com Vasco da Silva, logo que elle volte da hoste de Nunalvares. A palavra de vossa mercê...»

«Deve?!—interrompeu Mem Viégas, dando uma risada.—Creio que sou nobre e livre, e que minha filha é minha filha. A palavra de Mem Viégas, dizeis vós? Se a minha palavra estivesse dada, não a quebrára eu, nem que fôra ao proprio Satanaz. Mas não a dei a ninguem. Verdade é que Vasqueannes me falou nisso, e que não achei estranha a proposta: mas Leonor prefere Lopo Mendes; mudou de amores: tambem eu na mocidade mudei mais de uma vez. Além disso, o meu futuro genro é mais rico, e mais nobre, e o que eu prefiro a tudo é a felicidade de Leonor.»

«Embora, senhor cavalleiro, embora!—tornei eu.—Dae-me licença para duvidar de que vossa filha troque de bom grado pelo segundo o seu primeiro noivo. Sei que se amavam muito; porque vi nascer e crescer o seu amor. Não; não é possivel semelhante mudança.»

«Vê-lo-heis já:—interrompeu Mem Viégas.—Ella está na capella: examinae bem o seu gesto e as suas palavras, e julgareis por vossos proprios olhos se ahi ha outro constran-

gimento, que não seja o de pudor de donzella, que vae trocar a sua corôa virginal pelo grave titulo de dona.»

«Se assim é,—repliquei,—não posso exercitar meu ministerio nestes paços. Em vez de abençoar, eu amaldicçoaria: amaldicçoá-la-hia a ella; porque assassina sem piedade um valente mancebo, o meu desgraçado pupillo, o filho do honrado e bom cavalleiro Vasqueannes.»

Dizendo estas palavras, encaminhei-me para a porta da sala. Não queria demorar-me alli mais.

«Alto lá, dom abbade;—gritou Mem Viégas, afferrando-me por um braço.—Lembrae-vos de que estaes ante um nobre cavalleiro da Estremadura! Ouvi, sem irritar-me, reprehensões, em que ultrapassastes a liberdade que vos dá o vosso ministerio; mas á fé, que não vos ouvirei mais nenhuma. Não quereis abençoar minha filha? Paciencia! O meu capellão o fará. Tambem era honra que vós, filho e neto de mesteiraes e villãos, não merecieis. Todavia não saíreis d'aqui para irdes contar o que vistes e ouvistes a Vasqueannes; porque não quero que esse velho tonto faça alguma loucura. Amanhan pela manhan partiremos para a côrte, e vós podereis relatar ao vosso

amigo o que se passou. Servireis ao menos de testemunha: — proseguiu com um sorriso de escarneo. — Não é assim? Pagens, o nosso abbade padece de gota: talvez lhe custe caminhar até a capella. Se elle não podér ir só, ajudae-o!

Ergueu-se, fez-me uma cortezia, e partiu. Conheci que se empregaria a força se resistisse. Dirigi-me portanto á capella. Dir-vos-hei o que ahi se passou? Adivinhae-lo. Mem Viégas dissera a verdade. Leonor entregava de bom grado alma e corpo a Lopo Mendes! Elle era mais rico e mais illustre que vós! »

Neste ponto da sua narrativa o abbade parou. Eu olhava para elle immovel. O velho sacerdote proseguiu:

« Andei todo o dia livremente pelos paços; mas notei que os bésteiros e homens d'armas de Mem Viégas me vigiavam os passos. Ao cahir das trevas guiaram-me para o aposento, onde devia passar a noite: era o alto de uma das torres que olham para o poente. Deixaram-me só, e senti dahi a pouco correr os grossos ferrolhos da porta que dava para as quadras do palacio. Rezei: deitei-me; mas não pude dormir. Vinha a manhan rompendo, quando percebi ruído de cavallos no pateo interior

do paço. Passado um breve instante abriram a porta da minha prisão. Entrou um pagem, e disse-me que podia saír quando bem me approuvesse.

Desci á sala d'armas: estava deserta. Saí então: atravessei a ponte levadiça, onde não vi mais que dous bésteiros, alguns servos mouros, e o mordomo que passeava pela borda da carcova. Ao longe, pela estrada, enxerguei uma formosa cavalgada de cavalleiros e damas em ginetes e palafrens. Entendi o que era. Sem dizer palavra, sem olhar para trás, endireitei para a abbadia.

Joanne, o antigo sacristão, que ainda a esse tempo era vivo, correu a mim de subito apenas me avistou. Tinha ido bater á porta da residencia, e vendo que eu não abria, estava inquieto; porém quando me conheceu ao longe ficou espantado. Contei-lhe tudo: não me queria acreditar. Incumbi-lhe varias cousas relativas á igreja, e parti immediatamente para os paços do senhor vosso pae, que em gloria está.

Achei as portas abertas. Peões e bésteiros de cavallo corriam para um e outro lado. Tudo mostrava que ahi havia já noticia do que succedêra.—«E eu que compunha medidas palavras para minorar a impressão dolorosa que

tão extraordinario acontecimento deve produzir em Vasqueannes!—» Eis o que eu dizia falando comigo mesmo.

Entrei: ninguem reparou em mim: todos andavam como pasmados. Sem falar com pessoa alguma cheguei á camara de vosso pae. Parece-me que o estou vendo! Assentado em um escabello, com as faces entre os punhos, os olhos fitos no ladrilho do aposento, e o respirar alto e rapido. Aquella grande alma vergava debaixo do peso da afflicção. Cheguei-me a elle sem que me sentisse: bati-lhe de manso no hombro: olhou para mim, e sorriu-se. Este sorriso traspassou-me o coração. Depois o seu gesto recobrou as rugas de uma dor funda. Elle não me dizia nada. Fui eu o primeiro que falei.

«Senhor Vasqueannes, o homem põe, e Deus dispõe. Seja feita a sua vontade.»

«E a sua vontade será que se commettam crimes infames, e que um pobre velho seja deshonrado, quando tem já os pés mettidos dentro do ataúde?»

«A sua vontade é que o bom pague com amarguras do mundo as culpas de que ninguem é exempto; e que o máu folgue e ria cá emcima; porque a sua conta tem de ser saldada no inferno.»

«Oh! mas a deshonra!...»

«A deshonra é para quem commette feitos vis. O que delles padece esse não é deshonrado.»

«Isso dizeis vós outros,—atalhou com vehemencia vosso pae,—os que não herdastes um nome antigo, que se fiou de vós como deposito, para o traspassardes sem nodoa aos vossos herdeiros. Vós não tendes herdeiros! Meu Vasco; meu Vasco! onde estás, cavalleiro, filho e neto de cavalleiros, onde estás tu?! Olha que o meu montante enferrujado já não póde saír da bainha: olha que as pernas tropegas de um velho já não podem apertar as ilhargas de um ginete! Vem! Olha que cuspiram no brasão de teus avós. Lava esta nodoa com sangue.»

Quando o abbade repetiu estas palavras de meu pae, a sua voz se me converteu na delle; e eu rugi por entre os dentes cerrados:—Meu pae, serás satisfeito!»—Um mar de sangue parecia correr diante de mim.

«Sempre eu pensára,—proseguiu o abbade—que a traição de Mem Viégas faria vivo abalo no animo de vosso pae; mas tanto, custava-me a crê-lo. O meu ministerio era consolá-lo, e para a consolação recorri á fonte de todas ellas: lembrei-lhe o justo, o filho de Deus

cuberto de affrontas, perdoando na cruz aos seus perseguidores: lembrei-lhe que mais de uma vez, por obra e por palavra, o Crucificado ensinára o perdão das injurias.

«Mas elle era Deus! Mas elle não tinha uma filha que muito amasse; que fosse como uma flor de innocencia, um anjo de amor, e que se convertesse... n'uma barregan refece e torpe. Um Judas houve entre os seus, como o que entrou n'esta casa; mas esse onde está? No inferno. E este? Folga e ri de mim velho. Ah que este velho tem um filho! Vingança, Vasco! Vingança!»

Eu olhava para vosso pae: não sabia se elle delirava, se n'estas palavras havia algum mysterio inintelligivel para mim. Um pagem que entrou n'esse instante, me fez ver que vosso pae não delirava.

O pagem estava no meio da casa, como um criminoso: os olhos pregados no chão, e os braços pendentes.

«Então?—disse o senhor Vasqueannes com voz de mortal angustia.—«Todos os bésteiros e homens de armas,—respondeu o pagem,—acabam de chegar. Correram quatro leguas por differentes caminhos. Não encontraram a senhora D. Beatriz, nem D. Vivaldo.

«Vasco! — foi o ultimo grito de vosso pae: e cahiu desfallecido.

Então percebi tudo; confesso que tambem n'esse instante me passou pelo espirito um pensamento impio!

Poucas horas antes de eu saír da prisão, em que me retivera Mem Viégas, D. Beatriz tinha fugido com o miseravel D. Vivaldo. Este homem, indigno do nome de cavalleiro, passando por aqui, falsa ou verdadeiramente enfermo, pedíra e recebêra gasalhado de vosso pae. Dentro de poucos dias percebi que os olhos de D. Beatriz se encontravam frequentes vezes com os delle. Julguei que, devendo partir brevemente, se alguma affeição fa nascendo entre os dous se desfaria com o apartamento. Entretanto D. Vivaldo, com seus modos cortezãos e de primor, captivava cada dia mais o animo de vosso pae. Á noite lia-nos o Amadis do nobre Lobeira, que o senhor Vasqueannes muito gostava de ouvir, e de que tinha um traslado dado pelo proprio auctor. Quasi que vosso pae não podia estar uma hora sem D. Vivaldo. Encostado ao seu braço passeava tardes inteiras com elle, ora na mata de carvalhos, ora no horto contiguo. D. Beatriz acompanhava-o, e este amor, que me parecia em começo, já estava convertido em incendio violento. Minto: esse homem não era

senão um seductor infame! Se tivesse pedido D. Beatriz a vosso pae, elle lh'a houvera dado por mulher. Certo que o amava muito! Pobre que fosse, ou de menos puro sangue. Era uma cegueira do honrado fidalgo; e aquelle miseravel devia ser o seu assassino!

Desde este dia vosso pae não disse mais palavra, nem quiz mais comer. Ás vezes viam-se-lhe borbulhar nos olhos as lagrymas; mas enxugavam-se-lhe logo. Durou assim alguns dias. Uma febre violenta o sustentava. Este fatal alimento faltou-lhe por fim, e espirou. O nome unico por que chamou, pouco antes de morrer, foi o de seu filho.»

Aqui o abbade calou-se. Estava em pé diante de mim, e eu olhava para elle fito: Brites, que tinha escutado tudo, immovel como eu, me tirou daquelle torpor, saíndo do aposento e cantando:

Boa festa, sancta festa,
Em que se canta latim:
De festa vestida, ás bôdas,
Ás bôdas cantando vim.

Já, porém, este medonho contraste de uma voz de alegria no meio do ambiente de ferro que me cercava, não me fazia abalo. A dor passára o termo até onde lhe é dado ir esma-

gando o coração humano: o meu era ermo, nú, petrificado. Mas ahi estava gravada pela voz de meu pae uma palavra que não se podia apagar — *Vingança!*

«Que me deem algum alimento. No pateo um ginete enfreiado e sellado. A minha armadura e a minha espada bem limpas na sala d'armas! Um pagem para me acompanhar.»

«Senhor Deus, Jesu-Christo! — exclamou o abbade, com um gesto de terror, que, não sei porque, nelle tinham causado estas palavras.

«Que me deem algum alimento. No pateo um ginete enfreiado e sellado. A minha armadura e a minha espada bem limpas na sala d'armas. Um pagem para me acompanhar!»

Os meus pensamentos eram immutaveis como de bronze: as minhas palavras como um dobre por finado, innegaveis, indestructiveis.

Creio que comi: senti renovarem-se-me as forças. Creio que vesti a armadura: ouvi o tinir do fraldão de malha sobre os coxotes, e o jogar destes e das grevas debaixo das joelheiras. Creio que cingi a espada: o coração percebeu que o instrumento da vingança estava encostado ao peito. Creio que cavalguei o meu

ginete: conheci que escarvava a terra diante da planicie, que se alargava em frente dos paços, já meus, como em dia de peleja no campo da lide.

Tambem um pagem, cavalgando uma hacanea, estava ao pé de mim: trazia-me a lança, e ás costas o meu escudo mettido em uma funda. Como se outras armas houvesse ahi mais que a espada ou o punhal para quem quer vingar-se; outro escudo mais que uma vontade, um pensamento perspicaz, tranquillo, unico, incapaz de errar o alvo, semelhante a uma tenção damnada de Belzebuth!

«Sabes onde são os paços do cavalleiro que esteve aqui? — perguntei eu ao pagem.

«Qual, senhor?»

«D. Vivaldo, cão maldicto!

«Não, senhor. Mas ouvi que seguia a côrte.»

«Para Lisboa!»

Partimos. Caminhavamos emquanto os cavallos se podiam meneiar, e ficavamos onde nos colhia a noite. Approximámo-nos certo dia de uma povoação: era domingo: o sino tocava á missa: o povo apinhava-se á porta da igreja. Cheguei ahi, e passei. Não me importou o dever de christão, e não senti remorsos. Percebi então como um pensamento póde fazer um

reprobo. As mãos estavam ainda puras: a alma já era negra.

Entrei em Lisboa. Ao transpor a porta da Cruz, experimentei o mesmo goso que sentíra ao descer o outeiro, que jaz á entrada da minha terra natal: lá, pae, irman, amante; aqui todas as minhas victimas! Prazer de homem ahi: prazer de demonio cá. Mas que importava? A intensidade era a mesma.

A minha boa espada tinha de ir bater sobre uma cabeça criminosa, como uma maldicção paterna lançada do leito da morte; como os pelouros desses trons ruidosos com que os castelhanos rareavam nossas alas em Aljubarrota, sem haver arnez que lhes resistisse, elmo que, ao perpassar delles, não voasse em rachas com o craneo de seu dono. Qual devia ser a primeira? Hesitei. Lembrei-me da palavra que me legára meu pae: procurei o seductor de Beatriz. Debalde. Ninguem conhecia D. Vivaldo. Entre os cavalleiros d'el-rei nenhum havia tal nome. A febre da desesperação começava a consumir-me. Insupportavel era para mim e para os outros a minha melancholia.

Certa manhan corria eu ao acaso ruas e terreiros de Lisboa, sem saber aonde ir, ou a quem perguntar por esse nome vão, por essa sombra fugitiva, que o meu sonho de vingança

parecia trazer-me perto dos olhos, e que a realidade me punha cada dia mais fóra do alcance. Saindo da pousada, no extremo do bairro dos escholares, passei pelos paços dos Infantes, e cheguei ao terreiro da Sé. Ainda ahi estava o engenho, com que os populares tinham, em tempo de D. Fernando, despedaçado um traidor. Negro, meio podre, cuberto de limos tinha-o esquecido o povo! O monumento sancto, o monumento da vingança não importava a ninguem! Apertei contra o coração o punho da espada. Ella não havia de esquecer-me nunca: só me tardava o dia, em que podesse pendurá-la no logar mais alto da sala d'honra dos meus paços, entre as armas ferrugentas de Vasqueannes, e depois ir ajunctar mais um cadaver no carneiro de meus avós.

Com os braços cruzados e os olhos fitos no engenho arruinado, deixava-me ir ao som dos meus desvarios, quando vozes confuzas vieram despertar-me. Olhei: o povo estava apinhado juncto á torre da Sé, que deita para a banda do aguião. Encaminhei-me para lá, sem saber porque: arrastava-me uma especie de instincto.

Quando me approximei logo vi o que era. Um truão mouro divertia o povo cantando arremedilhos, fazendo momos e visagens, e saltando como alienado ao som de um adufe.

D'ahi a poucos instantes um estrupído de cavallos soou do lado dos paços d'elrei: o povo affastou-se, e dous cavalleiros, acompanhados de seus pagens, chegaram perto da torre, juncto da qual o bom do truão trabalhava por divertir a gentalha. Um delles era homem d'idade madura, mas d'aspecto aprazivel; o outro mancebo e gentil-homem. Embebido em seus momos o jovial folião continuou a saltar, tocando o adufe, com pantomimas lubricas, e cantigas obscenas; mas os dous cavalleiros, vendo que o auctor do drama popular era um mouro, bradaram a uma voz:—«Arreda-te, cão»—e picando os acicates, senhores e pagens saltaram por cima do pobre mouro, que rolou pelo chão, dando agudos gemidos.

O truão alevantou-se: olhou de roda espantado por alguns momentos, e depois cravando os olhos no céu, com um aspecto em que se misturavam signaes de colera e de angustia, exclamou!

«A maldicção do propheta caia sobre vós, infiéis!»

Ouvindo isto, o povo, em vez de se compadecer delle, começou a dizer-lhe injurias, e a atirar-lhe pedradas e lixo, dando grandes risadas.

«Perro, porque não fugiste?—gritavam uns.

«Arriba, e dança no monturo! — bradavam-lhe outros.

Um anno antes teria rido, como os mais, da desventura daquelle mesquinho; mas tudo em mim estava mudado. Acreditareis, virtuoso Fr. Lourenço, que eu, cavalleiro de Christo, tive dó de um mouro, e amaldiçoei os dous nobres?

«Vis sandeus,—disse em voz baixa — deixam passar os poderosos que opprimem, e escarnecem do aggravado, porque é um pobre mouro!» — Porventura esta reflexão nascia de que eu tambem era oppresso. Tambem cavalleiros me haviam calcado como ao pobre maninello.

A minha reflexão foi ouvida por um velho, que estava ao pé de mim. Mediu-me com a vista, e sorrindo-se, disse-me:

«Á fé, senhor, que tenho setenta annos, e é a primeira vez que ouço um cavalleiro doer-se de um villão. Dos melhores são esses que vedes, e apesar de tudo ahi tendes o que fizeram ao triste jogral.»

«Conhecei-los? — perguntei eu.

«E quem não conhece, tornou o velho, o mui nobre e esforçado Lopo Mendes, e Fernando Affonso, o camareiro d'elrei?»

O nome de Lopo Mendes vibrou nos meus

ouvidos, como um trovão, que houvesse estourado subitamente. Fiquei calado por algum tempo: uma tempestade de paixões tumultuosas e encontradas me dilaceravam o coração. D. Vivaldo offendêra a honra, Lopo Mendes o amor. As minhas diligencias para encontrar D. Vivaldo tinham, porém, sido baldadas, e eu, que só vivia para sangue, coava dias após dias inuteis no mundo. O seductor de Beatriz tinha o primeiro logar: era a victima de meu pae e a minha; mas o marido de Leonor passára diante de mim senhoril, orgulhoso, feliz no seu amor detestavel; interpunha-se entre o tigre e a prea. Deus tinha contado os seus dias. Devia morrer mais cedo do que eu proprio imaginára.

Estes pensamentos vieram-me como um relampago; mas a resolução que geraram foi immutavel. Voltei-me para o velho, e perguntei-lhe com apparente tranquillidade:

«E onde pousa ora Lopo Mendes?

«Nas casas de Alvaro Pires, juncto ao muro que desce da Trindade para Valverde, perto da torre de Alvaro Paes.»

Felizmente tinham-me ensinado a escrever. Parti. Nesse dia, ao pôr do sol, Lopo Mendes recebia um papel, fechado com uma cincta preta, em que havia estas palavras:

«Um cavalleiro que te aborrece com as véras da alma, te requesta e repta para um duello a todo o trance. Ámanhan no Campo-da-lide, a hora de prima, com cota e braçaes, estoque e misericordia. Na primeira deveza, além do pinhal da esquerda, o acharás. Vil e refece, mais que sua infame mulher, é Lopo Mendes, se ahi não estiver a hora de prima. Não leva firma: daqui a poucas horas me has-de conhecer.»

O pagem, que levára esta carta, recebeu-a outra vez aberta, e aberta m'a entregou. Trazia no altò escripto:

«Quem quer que sejas, villão, põe ahi teu nome, para que te faça açoutar como a um mouro perro e fugidiço: — Lopo Mendes.»

Ri-me.

III

A CAÇADA.

> Hora devees de saber que aquel boom alaão de Bravor, comprido dardimento e de boomdades, segundo saa naturesa, era assi acostumado, que..... nem porco nem husso, nem outra animalia com que se encontrasse, nom avia de travar em ella, a menos de lho mandarem fazer.
>
> FERNÃO LOPES — *Chr. de D. Fern., Cap.* 99.

Vinte dias e outras tantas noites, — proseguiu Fr. Vasco, — com uma cota de malha vestida por baixo do pellote e da capa, e com o meu punhal na cincta, vagueei horas inteiras em redor da pousada de Lopo Mendes. Muitas vezes o vi saír e descer para a banda de Val-

verde, ao longo da muralha do norte. Seguia-o de longe, até o ver sumir-se nas ruas tortuosas e escuras do coração da cidade. Eu subia então outra vez a encosta, e vinha curtir tardanças da hora de sangue nas cercanias das casas de Alvaro Pires. Finalmente essa hora suspirada bateu.

Era pela manhan cedo de um dia de fevereiro. O tempo ía sereno, posto que frio. Aquella noite, bem como as outras, mal passára pelo somno, e ainda este povoado de sonhos horrendos. Apenas rompeu a alva, montei a cavallo, e, seguido do meu pagem, voltei á occupação quotidiana. Atravessei a cidade, saí pela porta de Sancta Catharina, e corri com o muro ao longo da barbacan. Quando cheguei defronte do postigo de Alvaro Paes vi cousa que me fez parar.

Montado em um corredor ruço-pombo, e vestido de monte, Lopo Mendes saía para o arrabalde. Acompanhava-o um pagem, e o falcoeiro, com um galgo e um alão atrellados, e um nebrí em punho. Cortejou-me ao perpassar. Com um movimento convulso apertei o conto do meu punhal, e tambem o saudei. Partiu. Segui-o de longe: por montes e ladeiras, por logares selvosos e chãos calvos, nunca o perdi de vista. Elle perseguia as aves e alima-

rias innocentes: eu perseguia-o a elle. Qual de nós seria mais feliz? Nem eu o sabia, nem elle.

Por bicadas de montes e por barrocaes, por entre os silvados e olivedos entremeiados de vinhas que se penduram pelas encostas até as margens do Alcantara, nunca me alonguei delle. Tinha deixado o meu cavallo ao pagem; tambem elle deixára o corredor ao seu. Só com o falcoeiro, mettia-se por brenhas, e saía ás clareiras. Eu, como o seu anjo mau, ía muitas vezes bem perto delle, cosido com os comoros e sebes, ou sumido pelos algares das torrentes, ou pelos corregos das quebradas. Chegou a uma ponte de madeira, e atravessou o rio para a banda do occidente. A serra fronteira, calva aqui e acolá, é pela maior parte enredada de urzes e tojos, por entre os quaes apenas se encontram estreitas trilhas de pastores É talvez este o unico sitio dos arredores, a que se possa chamar um ermo. Deixei-o embrenhar, e transpuz o rio após elle. Por alguns momentos julguei que o tinha perdido, mas divisei-o por fim sobre um penedo a meia serra. Acerqueime o mais perto que era possivel. Escutei: batia-me o coração com força. Ouvi-o gritar: *Bravor, ao fojo!* Era ao galgo que falava. Vi partir este destrellado, por entre penedias: uma

lebre corria adiante; o cão ía alcança-la. De repente um e outro desappareceram, como se a terra os houvera engolido.

Lembrei-me então de me haverem contado que por toda esta serra se encontram caminhos subterraneos, cuja origem se ignora. Uns os suppõem obra da natureza, outros dos homens. Tinham-me dicto que os caçadores, usados a frequentar estes sitios, conheciam as entradas e saídas desses corredores tortuosos e escuros e que muitas vezes se aproveitavam disto para lançarem os lebreus por um cabo, e dividirem-se para lhes tomar as saídas. Começára a desanimar; mas esta lembrança me avigorou a esperança.

Não me enganei. Ouvi Lopo Mendes falar com o falcoeiro, e vi partir este, levando o nebrí em punho, e o alão atrellado. O cavalleiro seguiu a pista do galgo, e, como elle, desappareceu entre o fraguedo.

Ajoelhei. Dava graças ao céu, que devia rejeitar a minha gratidão blasphema.

Erguendo-me, parecia-me que o coração se me dilatava. Tinha as mãos, o rosto, os joelhos feridos e ensanguentados; mas já não era preciso arrastar-me por mais tempo, como a vibora, por vallados, balsas e çarças. O tigre arrojava-se acima da prea com a fronte erguida,

com o bramido do contentamento, e diante da luz do sol.

Este havia começado a sua declinação diaria, quando cheguei áquellas concavidades, cujo ádito, escondido entre a penedia, só divisei ao dar de rosto com elle. Era virado ao occidente, e a claridade da tarde, já bastante amortecida, batendo nas paredes irregulares da primeira gruta, penetrava indecisa até meia área da caverna immediata, por um arco de pedras, amarelladas e brutescas como o resto do covão. No meio daquelle arco um vulto de homem, curvado para diante, e firmando as mãos sobre os joelhos, parecia tentar o ver alguma cousa atravez das sombras que tinha diante de si. Escusado é dizer-vos cujo era esse vulto.

Com os braços cruzados contemplei-o immovel da entrada do subterraneo: estava tão embebido em esperar o seu lebreu, que não deu tino de mim.

Entrei: o chão era barrento e humido. Ajudado por esta circumstancia, caminhei com passos lentos e subtis, por tal modo que estava juncto de Lopo Mendes, e elle não me sentia.

Afferrei-o por um hombro sem dizer palavra: elle apenas pôde voltar meio corpo, dando um estremeção.

«Que me quereis? Quem sois?—perguntou perturbado.

«Um villão que vem dizer-te o seu nome, para o mandares açoutar como um mouro fugidiço.»

«Entendo, senhor cavalleiro! Mas escolhestes mau logar e hora para renovar requesta. Em tanto aqui a acceito, se me disserdes vosso nome...»

«O meu nome?—gritei eu.—O meu nome é Vasco da Silva! Conhéce-lo? Requesta já t'a fiz: não a acceitaste. Querias o meu nome para atirar-me a cabeça aos pés do algoz? Tu és vil, Lopo Mendes; vil como tua mulher, que se prostituiu a ti, atraiçoando-me, porque tinhas mais dous avos, mais dous punhados de dobras. Repto!... É tarde para falar nisso.»

Dizendo estas palavras levei a mão á cincta, e arranquei meio punhal.

«Mas é um assassinio!.... »

«Advinhaste!»

Lopo Mendes pretendou desembaraçar-se. Pobre cortezão! Os ossos do hombro rangeram-lhe debaixo da minha mão ensanguentada pelas urzes e silvados: vergou, e cahiu de joelhos.—«Por vosso pae, por vossa irman, Vasco da Silva, que não me assassineis!»

«Meu pae,—tornei-lhe eu com uma tranquillidade que devia ser horrivel,—foi morto por um homem tão vil como tu: irman já não a tenho; converteu-se n'uma barregan tão infame como tua mulher.»

«Por Deus, que não queiraes lançar a minha alma no inferno! Não me mateis sem confissão!»

Não lhe respondi: sentia na boca um gosto de sangue: côr de sangue me parecia a frouxa luz que me allumiava. Saqui o punhal, e cravei-lh'o duas vezes no peito: cahiu. Ajoelhei ao pé delle, curvando-me, e gritando-lhe ao ouvido:

«No inferno nos encontraremos!»

Quando saí da caverna o sol ía-se pondo; quando passei o Alcantara, tocava o sino da oração. Chegando ao logar onde deixára o pagem com o ginete, cavalguei sem dizer palavra: atravessei os campos e as ruas da cidade já desertas, e tanto que entrei na pousada, sem tomar nenhum alimento, sem saber o que fazia, encerrei-me na minha camara.

Que noite, padre! que noite!.... Estes cabellos não estavam brancos no outro dia; mas a alma tinha-me envelhecido vinte annos. Acordado, com os olhos abertos, via Lopo Mendes, ensanguentado, entre chammas, em pé diante

de mim; os seus olhos eram dous carvões accesos, que se lhe revolviam á flor do rosto. Cerrava os meus; via-o atravez das palpebras, immovel, silencioso! O suor corria-me da fronte em bagas. A oração fôra o meu unico refugio naquella affrontosa agonia; mas não havia uma só palavra de oração de que o espirito se recordasse, ou que os labios podessem repetir. O resar é para os innocentes: eu tinha escripto o meu nome com sangue no livro maldicto dos grandes criminosos.

No outro dia, com a luz, com o tumulto da vida, os meus terrores asserenaram. Recobrei o sentimento da vingança; mas já não era tão inteiro e violento, porque com elle se misturavam remorsos. O pagem que comigo trouxera, mandei-o voltar para o meu castello, tomando por pretexto algumas ordens, que tinha de communicar ao mordomo do solar. A morte de Lopo Mendes devia divulgar-se, e eu temia que as desconfianças estouvadas do pagem me atraiçoassem. Não receiava o castigo; mas considerava-me como ligado á missão de sangue, que meu pae me incumbíra na hora da morte. Desempenhada esta, nada me importava morrer, e pouco mais que o logar da agonia fosse uma cama de frouxel e telas alvas, ou o cepo, duro e cuberto de lucto, do cadafalso.

Era pelo fim da tarde quando saí da pousada. Encaminhei-me para o sitio da morada de Lopo Mendes: queria saber o que se passára, e a ninguem podia encarregar disso sem alevantar suspeitas. Quando ahi cheguei, já o crepusculo da noite mal deixava enxergar os objectos. Pelas frestas das casas contiguas ás de Alvaro Pires bruxuleava o clarão das candeias e tochas, mas nessa habitação tudo estava fechado e escuro como um sepulchro. Pelo profundo portal do edificio entravam e saíam vultos negros, e silenciosos. Cheguei mais perto, e então percebi distinctamente os chóros e prantos das carpideiras, misturados com os psalmos religiosos, e com as orações pelos finados. Transpirando atravez das vidraças e portas cerradas, estes sons frouxos e discordes vinham bater-me nos ouvidos, e em vez de me causarem prazer, como eu imaginára nos meus sonhos de vingança, esmagavam-me o coração, e faziam-me eriçar os cabellos.

Era evidente que o cadaver de Lopo Mendes tinha sido encontrado; mas importava-me saber como, e se havia algumas suspeitas ácerca do matador. Dirigi-me a um daquelles vultos que incessantemente entravam e saíam, e perguntei-lhe o motivo dos prantos que ouvia.

Soube então que o falcoeiro voltára em bus-

ca de seu senhor, e que encontrando-o assassinado, corrêra á cidade como louco, a dar conta daquelle successo; que a justiça, guiada por elle, fizera conduzir o cadaver para ser sepultado, o que nessa noite se verificava; que a principio algumas suspeitas tinham recahido sobre o falcoeiro; mas que estas se haviam desvanecido, attendendo a que era um antigo e leal servo, e a que, se tivesse sido o assassino, não seria elle que por si proprio se viesse offerecer ao castigo; que, todavia, tinha sido posto a ferros até se averiguar quem havia commettido aquelle homicidio, o que ainda era um mysterio.

Ainda bem não tinha acabado de ouvir esta narração, quando a luz viva de muitas tochas allumiou subitamente as escadarias e o pateo da casa, e os prantos e hymnos reboaram distinctamente pelas abobadas. Era o saímento que descia. Encostei-me para o angulo do edificio, e d'alli contemplei a minha obra infernal.

Os frades de S. Francisco vinham adiante com os capuzes mettidos na cabeça e tochas accesas nas mãos, resando em voz baixa e soturna: seguia-se a tumba, levada em collos de homens, e cuberta de pannos negros. O suor corria-me em fio da fronte; os dentes batiam-me uns contra os outros. Porque estava eu

alli? Não o sabia. Oh, veneravel Fr. Lourenço, era o meu crime que me tinha de sua mão: era elle que não me deixava tirar os olhos daquella horrivel tumba! Vergava-me o coração debaixo do peso dos remorsos, e todavia, lembrava-me de que ainda me faltavam mais victimas!»

Neste ponto da sua narrativa o monge calou-se por alguns momentos, como quem buscava atar o fio partido das idéas, e trabalhava por cobrar novas forças para proseguir. O mestre de theologia tinha os olhos fitos nelle sem pestanejar, e nas suas feições transparecia o horror em que lhe afogava o animo tão medonha e abominavel historia.

«A tumba havia passado os umbraes da casa, —continuou o moço frade—e ainda eu a seguia com os olhos, quando, após tantos vultos negros, um alvejar de roupas atraz do ataúde, me distrahiu. Era ella: era Leonor! Pendia-lhe da cabeça um longo capuz de vaso, fluctuando sobre a tunica de almafega alvacenta, que lhe arrastava até o chão. Chorava e soluçava pelo morto! E eu alli; trahido, esquecido, miseravel, criminoso por ella! Era ainda formosa: mais, porventura, que no tempo dos nossos amores! Não sei o que me reteve, que não me arrojasse a seus pés, e lh'os beijasse,

e lhe pedisse perdão, e depois a apunhalasse. O meu arquejar devia soar bem longe: mas não disse nada. Padeci e soffri.

Donas, donzellas e cavalleiros, tambem vestidos de burel branco, e com as cabeças cubertas de vaso, rodeavam Leonor. Após elles mais nada, senão algum povo, que começava a ajunctar-se. O portal ficou deserto, e apenas se ouvia, lá em cima nos aposentos, o choro das pranteadeiras, que provavelmente não tinham ousado acompanhar o morto com suas lagrymas venaes.

Metti-me entre o povo, e segui o saímento. Aquelle complexo de frades e cavalleiros e donas e donzellas e hymnos e resar baixo e soluçar e carpir, entre cujo mover incerto e lento, entre cujo ruído soturno e temeroso, eu via a menor acção de Leonor, ouvia o menor accento da sua magoa acerba e afogada em choro, era como um redemoinho que me arrastava e embebia em si irresistivelmente. Vago e monstruoso, como aquelle longo vulto de muitos vultos, como aquelle vozear de muitas vozes, era o que se passava em mim: se afflicção ou prazer; remorsos do crime, ou contentamentos da vingança; sede de mais sangue, ou desejo de perdão; odio immenso, ou amor desperto de novo com dobrada ancia, é o que não saberei

dizer-vos. Porventura era isso tudo, que a um tempo me assaltava e despedaçava o coração.

Chegando á igreja de S. Francisco o saímento atravessou o portal do meio, e seguiu ao longo da nave central. No cruzeiro estava um estrado cuberto de negro: depositaram em cima o ataúde; abriram-no, e os psalmos da morte, momentaneamente interrompidos, reboaram de novo por aquellas fundas arcadas.

Havia-me encostado a uma das columnas das naves, para alli ir bebendo gole a gole o meu calix de amargura. Quando abriram o ataúde, lancei para lá os olhos, sem saber o que fazia. Vi a face livida do morto: tinha os dentes cerrados, as feições contrahidas, e de cada canto da bôca pendia-lhe um fio de sangue negro e gelado, como devia estar o que eu lhe deixára nas veias. Voltei os olhos n'um relance, mas continuei a vê-lo... então... depois... agora mesmo... talvez para sempre... talvez na hora tremenda da derradeira agonia!

O moço frade não disse, murmurou, ou antes rugiu estas ultimas palavras: affastou-se com impeto de Fr. Lourenço, apertou a testa com as mãos ambas, e exclamou: —«Ai, quem me tira isto daqui!»

Este brado, semelhante ao grito de ho-

mem que matam a ferro, despedaçava o coração.

Um grande crucifixo estava encostado á parede na cella de Fr. Lourenço. O velho monge atirou-se de joelhos, abraçando os pés da cruz, e derramando rios de lagrymas.

«Pelas tuas divinas chagas, por teu sangue vertido sobre a cruz, Redemptor do mundo, perdoa a este misero, como perdoaste aos algozes que te crucificaram!»

Estas palavras ainda as ouviu Fr. Vasco. Depois a oração de Fr. Lourenço soava apenas como um murmurio de aragem da tarde por campina de hervas rasteiras. Era a oração que os ouvidos dos homens não ouvem; aquella que Deus entende. E á proporção que o resar do velho se affervorava, as mãos confrangidas de Fr. Vasco lhe iam descendo da fronte, e esta se lhe asserenava. Ficou immovel olhando para o ancião, cujas longas melenas brancas varriam o ladrilho do aposento. Tambem dos olhos lhe rebentaram algumas lagrymas.

Fr. Lourenço ergueu-se por fim. Reluzia-lhe no rosto uma alegria celeste. Fr. Vasco arrojou-se outra vez no seio do homem justo. Que consolação ha ahi semelhante á de alma crivada de remorsos, quando se encosta a outra cujos pensamentos moram aos pés do throno

do Senhor? Comparada com ella a do nú e faminto recebido no regaço do abastado, pode-se chamar desconsolo.

«Leonor, Beatriz, meu pae, D. Vivaldo, a vingança—proseguia Fr. Vasco—tudo me desappareceu da alma com aquella vista medonha. Saí como louco da igreja. Precisava de ar, porque me faltava a respiração: precisava das trevas da noite; porque a luz que ahi havia era luz de mortos. Vagueei horas inteiras pelas ruas da cidade, áquella hora ermas e tenebrosas, até que, meio desfallecido, me recolhi á pousada.

Era meia-noite. Esta, e as que se lhe seguiram foram semelhantes á antecedente, povoadas de visões e de terrores. Lembrei-me umas poucas de vezes de atirar a minha alma ao inferno, apunhalando-me; mas avaliava já os seus tormentos, e não ousei tanto. Crede-me, Fr. Lourenço, um homem que se mata a si proprio ou é um louco, ou tem coração tão damnado que desconhece os remorsos. Só quem passasse pelo que eu passei entenderia plenamente a significação destas palavras—*condemnação eterna.*

Foi depois de quinze dias de insupportavel padecer, que um raio de esperança allumiou as trevas desta alma. Lembrei-me de buscar-vos.

Todos vos diziam bom, e que tinheis a virtude de asserenar as tempestades do espirito...»

«Fr. Vasco.—interrompeu o velho monge com aspecto severo,—esses milagres fá-los Deus, e não o vaso de barro que é seu instrumento, e que, depois de servir, elle parte no dia em que se tornou inutil.»

«Procurei-vos. O meu intento era contar-vos tudo; mas desfalleci no proposito. Ouvistes só metade da minha negra historia: agora ahi tendes nú este coração. Por Deus, que não amaldiçoeis o pobre Vasco: por Deus, que não o amaldiçoeis, quando elle vos disser que este sancto habito, amortecendo os seus terrores, fez ressumbrar de novo o amor, a sede da vingança, a memoria do legado paterno, todos os sentimentos que o fizeram criminoso. Oh, reverendo nonno, eu perdoaria tudo, menos uma affronta ao nome de meus avós; eu esquecer-me-hia de tudo, menos de um amor puro e ardente, como era o meu, despresado, escarnecido por mulher leviana e refalsada; eu cerraria os ouvidos a todas as suggestões, mas não posso cerrá-los á voz de meu pae, que lá debaixo da terra me brada: Vingança!»

«Vasco, Vasco! Desgraçado! Aquelle fez mais do que isso: amou e abençoou os que lhe cus-

piram nas faces, e lhe tiraram a vida nos tormentos da cruz.»

E apontava para o crucifixo.

«Não posso—murmurou o moço frade.

Fr. Lourenço ajoelhou de novo, e curvou a fronte para o chão. D'esta vez, não aos pés da imagem do Salvador, mas aos pés de Fr. Vasco, ora beijando-lh'os, ora abraçando-o pelos joelhos.

«Meu irmão, filho de S. Bernardo, não queiras perder a tua alma. Este pobre velho t'o pede chorando! Perdoa! perdoa! Se os que te offenderam viessem agora ajoelhar-te aos pés e implorar piedade, negar-lh'a-hias tu? Não! E se o fizesses...—aqui Fr. Lourenço ergueu-se rapidamente, e em pé, com o braço mirrado e pallido estendido para Fr. Vasco, e saído um pouco fóra da manga do habito, tomou a postura e o aspecto de um propheta que fala em nome de Deus;—se o fizesses, o Senhor lhes perdoára por ti, e reprobo fôras tu, não elles. Talvez a estas horas desejem dizer-te *peccavi!* Talvez chorem com lagrymas de sangue! E tu? Blasphemas. Se não se arrependerem, crês que a justiça divina dorme? Vasco, tambem tu és réu, como elles. Perdoa, se queres perdão. O juiz de nós todos é o que mora nos céus.»

O monge não respondeu nada.

Tambem nós não protrahiremos por mais tempo esta scena de lucta moral, em que o virtuoso velho trabalhava por salvar um desgraçado, que nascêra bom e honesto, e que a sociedade fizera culpado. Mentirosa, corrupta e má, a vida social, cheia de erros, preoccupações e vicios, damnada nas instituições e nas leis, nas crenças e nos costumes, educa as gerações e os individuos, legando-lhes largo cabedal de perdição; e quando os arbustos plantados em terra peçonhenta, tendo bebido uma seiva venenosa produzem seus fructos de morte, o mundo, ao mesmo tempo malvado e hypocrita, horrorisa-se, abomina a sua obra, e ajunctando-se á roda do cadafalso dos suppliciados, que elle proprio lá conduziu, saúda uma cousa, a que poz por nome justiça, e que não é mais que uma desculpa embusteira da ignorancia e da perversidade, não do individuo criminoso, mas desse vulto hediondo e informe, chamado sociedade, para o qual não ha, nem leis, nem punição, nem algozes. Semelhante ao nosso, semelhante aos que hão-de vir era o século XIV; e Fr. Vasco, lançado na carreira do crime pelo pundonor de cavalleiro e de nobre, pela exaggeração de fortes paixões, era uma victima das idéas do seu tempo, como tantos o são das do nosso.

Desde o dia em que se passou o dialogo que deixâmos escripto, Fr. Lourenço foi como o anjo da guarda do pobre Vasco. Uma sympathia inexplicavel para com elle, o unia a este mancebo, a quem o velho ganhára amor de pae. Era que entre estas duas almas havia uma harmonia: ambas ellas eram nobres e generosas. Como duas arvores gemeas nascidas n'um valle, roto por algum fojo profundo, que misturam as raizes em abraço fraterno, e das quaes uma, posta na aresta do abysmo, tem o tronco e os ramos de um verde malassombrado pendentes sobre a voragem, que ameaça tragá-la, em quanto a outra, aprumada e alegre, braceja vergonteas para o ar e para o sol, assim destas duas almas, ambas na essencia formosas, uma se balouçava triste ás bordas do inferno, emquanto a outra fugia nas azas dos sanctos pensamentos para o seio de Deus.

E como das duas arvores, a que está mais firme obsta a que a outra se despenhe, assim Fr. Lourenço tinha da sua mão o malaventurado mancebo.

As paixões deste eram daquellas que só fulminando soam. Sem vicios, sem ancia de gosar, porque o goso não era para a sua alma queimada pelo padecer; affavel, bom e humilde com todos os que o tractavam, porque o odio,

guardava-o como um thesouro contra quem o tinha offendido; compadecido dos oppressos e desventurados, porque tambem elle o era, Fr. Vasco passava no collegio de S. Paulo e S. Eloi pór um futuro successor de Fr. Lourenço em sanctidade e boas obras. Tendo-se entregado com fervor ao estudo, como um meio de affugentar pensamentos crueis, criam que o amor da sciencia o obrigava a passar as noites sobre os livros, emquanto elle o fazia só porque a vigilia sobre o livro mais semsabor é um folguedo comparado com a vigilia no leito do repouso, que tantas vezes se converte em Gethsemani de agonia.

Assim, Fr. Vasco, indigitado como futuro sancto e futuro sabio, estava bem longe de ser uma ou outra cousa. Fr. Lourenço era quem o conhecia; quem passava horas e horas pedindo a Deus salvasse aquella alma. Todavia, se houvesse alguem que perguntasse ao porteiro Fr. Julião, ou a qualquer outro leigo do collegio de S. Paulo e S. Eloi, qual era o caracter de Fr. Vasco, ouvíra uma linda novella, em que não haveria uma só palavra de verdade.

E no fim o donato, empertigando-se, concluiria com aquellas palavras, que nós e tu, leitor, temos ouvido a tantos donatos, que ainda ha no mundo:

«Conheço-o por dentro e por fóra!»

Parvos!

Mas a nossa barca, ou antes a barca afretada por Fr. Lourenço, abicou a Restello. Saltemos em terra com os dous cistercienses.

IV

A FESTA DA MAIA.

> As gentes juntas em desvairados bandos de jogos e danças per todalas praças com muitos trebelhos.
>
> FERN. LOPES, *Chron. de D. João I.*

NA epocha em que se passaram os factos contidos nesta historia, que não cede em verdade á mais campanuda e edificativa do Flos Sanctorum de Ribadeneira ou de Fr. Diogo do Rosario; nessa epocha, dizemos, quem, subindo pelo Téjo acima, contemplasse a margem direita do rio, teria que ver um painel bem

differente do que ella actualmente apresenta aos olhos do navegante, que, affeito ás solidões do céu e do oceano, se engolfa na magnificente bahia da velha Lisboa. Esses milhares de edificios, que, semelhantes a uma longa cauda alvacenta, a cidade estira até Pedrouços, acompanhando as sinuosidades da margem, ainda não existiam. Esse alto, onde hoje campea o monstruoso fragmento de uma absurda e monstruosa concepção, o palacio egypcio-grego-romano-jesuitico da Ajuda, era uma brenha intractavel. Belem não existia, e pelas altas barreiras do Alcantara, sobre o qual já então havia uma ponte, pouco mais ou menos como a de hoje, fazendo o devido desconto da estatua do sancto martyr advogado das pontes, que ainda então não era nem sancto nem martyr, nem nascido; pelas altas barreiras do Alcantara, entre os barrocaes, verdejavam as vinhas, que desciam em amphitheatro até o fundo do valle, por onde elle se vae deslisando preguiçoso e pobre, condições que, diga-se aqui de passagem, dão ao bom do rio um profundo caracter de nacionalidade.

Estas vinhas, misturadas com algumas hortas e olivaes, espalhando-se pelas alturas de Buenos-Ayres, e estendendo-se para o lado de Sanctos, que já se chamava assim, corriam até

o outeiro conhecido hoje com o nome de Bairro-alto. Era pela assomada deste monte que a cidade findava da banda do occidente. El-Rei D. Fernando I lhe dissera — «não passarás daqui» — e cingíra-a com uma cincta de muros torres e barbacans, que por esta parte corria desde o largo de S. Roque, quasi n'uma linha recta, pelo largo do Loureto e Thesouro-velho até o Ferregial. Foi no anno de 1373, que, vindo el-rei do Alemtéjo, «começou de «cuidar (diz Fernão Lopes) no mal e dapno, «que o poboo da çidade avia reçebido por duas «vezes dos castellãos e como espiçiallmente «ouverom gram perda os moradores de fóra «da cerca em gramdes e fremosas casas, e «mujtas alfayas, e outras riquezas que levar «nom poderom comsigo, quando el-rei de Cas-«tella veo sobre ella; e esto porque mujtas das «mais rricas gentes moravom todos fora em «huum gramde e spaçoso arravallde que avia «arredor da çidade, des a porta do ferro ataa «porta de Santa Catellina, e des a torre d'Al-«fama ataa porta da crus; e veendo elrei como «esta soo çidade era a melhor e mais poderosa «de sua terra, e que em ella principallmente «estava a perda e defenssom de seu reino, des «hi como fora dapnificada dos enimyguos por «fogo, e outros malles que avia rrecebidos,

«de que èl tinha gramde semtido; determinou «em saa voomtade de a çercar toda arredor, «de booa e defemssavell çerca; de guisa que «nenhum rei lhe podesse empeecer, salvo com «gramde multidom de gente, e fortes artefi-«çios de guerra.» Este pensamento posto em execução e levado a cabo em dous annos, salvou dahi a pouco Portugal das garras de Castella. Mas quando os tributos da Africa, e as riquezas do Oriente cahiram como orvalho sobre a cidade dos muitos seculos, ella, desmentindo as palavras de D. Fernando, e semelhante a um velho carvalho, começou a brotar renovos pelas fendas do seu cortex de pedra. Dir-se-hia que as armadas portuguezas, carregadas com os despojos do mundo, e malsofridas de tanto peso, íam lançando ao longo da praia, desde a cidade até Restello, montes de ouro e especiarias, que as mãos dos senhores dos mares convertiam logo em templos e em palacios. Foi nos fins do seculo XV, e principalmente por todo o XVI, que essa cidade maravilhadora de olhos estrangeiros começou a despontar pelo alto de Santa Catharina, e a descer risonha para os outeirinhos e valles do occidente. Até ahi, escondida para além dos seus muros, abrigada aos pés do seu castello mourisco, que era apenas o que se via ao lon-

ge, como que envergonhada da sua pequenhez, confrangia-se, e apoquentava-se a si propria na cincta de muralhas de que a cercára D. Fernando, cioso da sua formosura. Era então como a filha donzella e innocentinha do honrado e guerreiro Portugal, bom soldado da idade media, a quem riquezas de conquistas e embriaguez de glorias fizeram dissoluto, e a dissolução fez antes da velhice caduco. Lisboa, a sua filha, graciosa, pudíca, pura na antiga pobreza, cresceu na abundancia e no luxo, partiu o cincto que lhe dera o ultimo rei da primeira raça, e trepando o monte occidental, que a encobria, sorriu-se, e chamou, como mulher perdida, os estrangeiros que passavam. Elles, mais corrompidos que ella, saciaram-na de vicios e de abominações. Hoje ahi está assentada ao pé do seu velho pae. Elle, veterano tonto, affasta os farrapos que o cobrem, e mostra as cicatrizes de mil batalhas, e levando a mão á fronte calva, procura os louros de novecentas victorias; mas as cicatrizes estão cubertas de vermes, e os louros desfolhados por mãos de nações, de que ha dous ou tres seculos havia já tal qual noticia no mundo. Ella, vestida com andrajos de brocado, ainda formosa, mas descorada e abjecta, quer sorrir-se lascivamente aos estranhos; porém os estranhos que passam, se ho-

nestos, seguem avante, meneiando a cabeça; se corruptos, passam uma noite no seu regaço, e ao partir no outro dia cospem-lhe nas faces, dando uma gargalhada.

Cidade, donzella e pura do seculo quatorze, porque rasgaste o teu véu de innocencia? Porque partiste o cincto que te dera o rei que tanto te amou? Porque te approximaste á foz do Téjo, convocaste os estrangeiros, e converteste a tua morada em um lupanar? Foi porque teu pae perdeu na idade grave as virtudes da idade viril. Foi porque elle te entregou a ti só as riquezas que conquistára por todos e para todos os seus filhos, e tu o fartaste de deleites e dissoluções, e embriagado se te deitou aos pés como um escravo. É por isso, que os que vem buscar os ultimos fios de ouro do roto brocado que te cobre, ou arroxear-te as faces sem pudor com os ultimos beijos de uma sensualidade hedionda e bruta, calcam o velho que dorme a teus pés o somno da embriaguez. É por isso que tu ouves ao longe, na terra e nos mares, um som vago de risadas de insulto, um apupar de gentalha em linguas barbaras. Riem-se de ti, desgraçada! riem-se do Portugal que fez muitas vezes enfiar de terror os avós dos que ora fazem de ti baldão. Este rir, este apupar é a voz do teu opprobrio.

Quando has-de tu ser quem foste, oh terra de D. João primeiro?

«D. João primeiro?! Ora essa!—exclamará algum dos nossos leitores—Deixae-nos com D. João primeiro! Pobre bruto, que não sabia nem conhecia nada: nem os phalansterios nem os charutos da Havana, nem a mnemotechnica nem a pyrotechnica; nem o systema eleitoral, nem as pilulas de familia; nem os coupons, nem as vellas de stearina; nem as inscripções, bonds e carapetões, nem os dentes postiços. Que temos nós, homens do progresso, da illustração, da espivitada e desenganada philosophia, com esses casmurros ignorantes, que morreram ha quatrocentos annos?

Tens razão, leitor. Fecha o livro, que não é para ti.

O peditorio para Fr. Lourenço ir visitar a pobre mulher que se morria, fôra feito na vespera á tarde ao porteiro de S. Paulo, Fr. Julião, que conhecendo o caracter de Fr. Lourenço, e receiando que nessa mesma tarde quizesse acudir á desventurada, o que o podia obrigar a elle a deitar-se a deshoras, calára o negocio comsigo. Um mouro que viera fazer com instancia aquella supplica, farto de esperar resposta, atreveu-se a perguntar ao reverendo leigo se dera o recado, ao que Fr. Ju-

lião acudiu, com um aspecto entre risonho e de sobrecenho, perguntando se elle queria acompanhar sua reverencia.

«Assim é preciso para ensinar a pousada — respondeu o mouro.»

«Ora pois, — replicou o leigo com ar de protecção: — o reverendissimo diz que não póde ir hoje, mas ámanhan não faltaremos. És de Restello?»

«Padre, sim — tornou o mouro. — E esperarei ámanhan na praia pelo vosso sacerdote para o guiar aonde jaz a mesquinha.»

«Isso mesmo. Dize a quem te mandou que confie na nossa caridade. E tu vae-te com Allah... (que é o diabo! — accrescentou Fr. Julião em voz baixa, e benzendo-se — assim Deus me perdoe...) Adeus, amigo; que já tocou uma vez á segunda mesa do refeitorio.»

E a porta, rodando lenta nos quicios, bateu suave e devotamente na cara do mensageiro.

Então o mouro puxou para a cabeça o capello do albornoz, e partiu.

No outro dia, quando Fr. Lourenço saía da cella, correu a elle Fr. Julião, e disse-lhe que um mouro viera ahi pedir a sua reverencia para ir ver uma pobre mulher que se morria, e que a elle se queria *meenfestar*, accrescentando que

o mensageiro partíra logo, dizendo que esperaria na praia de Restello para ensinar ao reverendissimo a pousada da penitente.

«Um mouro — pensou Fr. Lourenço, — «mensageiro de uma christan, que pede con«fissão?!... Aqui ha mysterio.»

E chamou Fr. Vasco para o acompanhar.

A aldeia de Restello, situada a uma legua de Lisboa, dentro do districto chamado, desde as epochas mais remotas da monarchia, o reguengo d'Algés, o qual comprehendia todas as aldeolas e campos ao occidente e noroeste da cidade, por duas leguas ou mais de distancia, era no XIV seculo habitada, em grande parte, por mouros forros, que nos arredores grangeiavam algumas hortas e pomares, de que ajudavam a abastecer a cidade, ou por pescadores, que d'ahi saíam em seus bateis a pescar no Téjo. Grande parte destes pescadores eram tambem mouros, ou livres ou escravos. Restello, como quasi todas as aldeias das cercanias de Lisboa, parecia quasi uma terra mussulmana ainda no fim do seculo XIV. Ainda então avultava, entre a raça goda e christan, a raça africana-arabe. Até esta epocha, ou antes até quasi o fim do seculo seguinte, as Hespanhas offereciam um phenomeno unico, talvez, na historia: o de tres povos, sectarios de tres

religiões inimigas, vivendo junctos, e cada qual adorando Deus a seu modo, sem que por isso viessem ás mãos, apesar de todas essas crenças serem persuasões profundas, e por consequencia exclusivas. As tres religiões eram o christianismo, o islamismo, e o judaismo: o primeiro dominante, o segundo tolerado, e o terceiro consentido. Nobres, cavalleiros, e o grosso dos burguezes pertenciam ao primeiro, os homens de trabalho, em boa parte, ao segundo, os mercadores, em grande numero, ao terceiro. E acima do Evangelho, e da Toura, e do Alcorão, havia um livro que fazia o que nunca souberam fazer os commentadores de cada um delles; um livro que os conciliava. Este livro era a lei. A lei protegia os diversos cultos nacionaes, sem que todavia fosse incredula, como as leis da tolerancia moderna. Nenhuma admiração deve, talvez, causar esta protecção relativamente ao judaismo; porque a favor desta crença falavam as riquezas dos seus sectarios; mas o que em verdade espanta é a tolerancia, quasi diriamos o favor, que achava no animo dos legisladores o mohametismo. A maioria dos mouros era escrava e pobre, e além disso, elles tinham sido, havia apenas dous seculos, inimigos armados, adversarios duros, e senhores das terras, que ora cultivavam

servos: ainda um reino mourisco subsistia em Hespanha — Granada — Granada mãe de valentes soldados, e donde podia partir o raio, que derribasse mais de uma cruz levantada sobre mesquita convertida em cathedral; e todavia estes homens achavam amparo nas leis dos seus vencedores. Por algumas destas leis, feitas na primeira metade do seculo XV, chegaram a ficar sujeitos a graves penas aquelles que ousavam offender esses desgraçados na unica herança que lhes restava, a religião de seus paes.

Todavia não se creia que os legisladores ou o povo eram tibios na fé. Como religionario, o christão detestava, ou antes despresava o mouro e o judeu; como cidadão vivia e tractava com elle. Nas leis relativas a estas duas raças reprobas, não ha uma só palavra que revele hesitação ou indifferença religiosa; mas vê-se que á sua promulgação presidiu a sabedoria. O fanatismo cego, bruto e feroz veiu-nos com as primeiras luzes de uma falsa civilisação, nos fins do seculo XV, e progrediu com ella por todo o XVI. D'antes a raça christan tinha a consciencia de uma grande superioridade religiosa, e fazia-a valer na legislação; mas não confundia a crueldade e a intolerancia com as distincções, que nas-

cem da differença entre o superior e o inferior.

Desta tolerancia politico-religiosa era prova o que succedia em Restello quando Fr. Lourenço e Fr. Vasco ahi chegaram. Dissemos que a viagem dos dous frades fôra no dia em que a igreja celebra os nomes dos apostolos Philippe e Thiago. Até os nossos dias durou o antigo costume, que nos herdaram os pagãos, de festejar nesse dia a vinda da primavera; mas, nos seculos mais proximos ao paganismo, esta especie de culto idolatra estava tão enraizado no animo do povo, que foi para elle caso de grande escandalo quando a camara de Lisboa, querendo pagar a Deus em moeda de boas obras a victoria de Aljubarrota, prohibiu as festas das maias e janeiras «esguardando (diz o assento ou lei municipal) alguns graves peccados que se em esta cidade de mui longos tempos acá faziam, e estremadamente peccados de Dollatria e costumes dapnados dos gentios, »e por isso ordenaram os alvazís e os vereadores que da hi em diante nenhuma pessoa nom usasse nem obrasse de feitiços, nem de ligamento, nem de chamar os diabos, nem descantações, nem d'obra de veadeira, nem obrasse de carantulas, nem de geitos, nem de sonhos, nem d'encantamentos, nem lançasse roda, nem

sortes, nem obrasse de adivinhamentos, »—prohibindo igualmente o «medir cincta, e lançar agua pela joeira,» e rematando por substituir as janeiras e maias com procissões mui devotas, que realmente não deviam divertir tanto o povo como os seus antigos e costumados folguedos.

Todavia nas communas dos mouros, ou mourarias, e nas povoações por elles principalmente habitadas, a lei da camara não podia por certo ter vigor; porque não estavam sujeitas ás usanças christans, nem havia ahi procissões que remissem as maias, para quem não cria em procissões. Nada nos dizem os velhos documentos a este respeito; mas pelo texto desta authentica historia verá o leitor realisadas as nossas bem fundadas conjecturas.

Seriam dez horas da manhan, quando os dous frades abicaram á praia de Restello. Parecia toda a aldeia endemoninhada, tanta e tão confusa e desentoada era a bulha, matinada e ingrezia, que ahi soava. Era o caso que a mourisma da povoação festejava naquelle dia a maia, tanto mais desaffogadamente, quanto os christãos, cohibidos pela recente postura da camara de Lisboa, não ousavam vir involver-se no tumulto, contentando-se com observar, dous aqui, tres acolá, ás bocas das viel-

las e becos, aquelle immenso folguedo, chorando lá no fundo de suas almas as bebedeiras que perdiam, e as bofetadas e pontapés, com que, como de ordinario acontecia nestas festas populares, se desforravam da maior abastança em que mouros e judeus viviam, por serem, regularmente falando, mais sobrios, laboriosos e economicos, que elles, bons discipulos do Evangelho.

«Olha, Martha, — dizia para uma rapariga uma velha muito barriguda, que estava assentada á porta da sua casinha, e cujos braços arqueados sobre o ventre apenas podiam cruzar-se pelas pontas dos dedos — vês aquelle perro de Muça como saíu hoje alfanado com sua aljuba nova e sua aljubeta verde, porque a negregada cadella da filha vae fazer de maia. . .? Pois a sandia! Não queres rir? Gastou dez alnas de ypre azul em uma almexia nova. Olha, sempre te digo, que pae e filha nunca os vi mais nescios.»

«Ai, tia Domingas, nescio é quem é. Se eu fosse como aquella descarada, que anda mettida com o Ruy Casco da almuinha, tambem teria quem me désse, nanja dez alnas de ypre, mas vinte de brocado. Nem me faltariam chapins broslados. . . .»

«Ai, filha, — acudiu a velha com um tre-

geito beato — Deus se amerceie de nós! Essas são outras mil e quinhentas! O excommungado a andar de mancebia com aquella perra! Não: lá isso não! o maldicto não acaba bem. O que elles mereciam era serem queimados. No meu tempo...»

«No teu tempo, grandecissima alcaiota, não tinham os segraes mancebas mouras, mas as mancebas haviam filhos de clerigos. Já te não lembras, minha vassoura de monturo, do conego Fernão Matella? Ai, mana! Foram dous, ou foram tres? A-la-fé que não o sei eu; mas sabe-se no hospital dos meninos engeitados. Já cá me tinha soado que me andavas roendo nas costas, Que te importa a minha vida, pedaço de bruxa? An... an... an... anda, que é para teu ensino.»

Este «an... an... an... anda» queria dizer que a velha estava agarrada pelas orelhas, e que lhe volteava a cabeça, entre duas mãos robustas e calosas, de um para outro lado, como a bussola de um navio entre as paredes da bitacola, em dia de temporal desfeito. Infelizmente a tia Domingas, antes de começar o seu caritativo dialogo com Martha, não vira Ruy Casco, que estava encostado ao sol, do outro lado da esquina, renegando talvez de não ser mouro para ir foliar na festa.

Martha, apenas víra descer as mãos de Ruy Casco sobre as orelhas da tia Domingas, como o endiabrado Phebo dos Homeridas.

. . . . . semelhantes
A tenebrosa noite. . . . . .

fugíra a bom fugir, em virtude da seguinte formula algebrica:

$$A = B$$
$$C = A$$
$$\therefore C = B$$

E substituindo:

Maledicencia da tia Domingas igual a um puxão de orelhas por mão de Ruy Casco:

Maledicencia de Martha igual a maledicencia da tia Domingas:

Logo: maledicencia de Martha igual a puxão de orelhas por mãos de Ruy Casco.

A prompta fuga era o resultado de rigorosa deducção mathematica.

A velha sentia taes baques na cabeça, e via tantos milhares de estrellas, apesar de ser alto dia e de fazer um bello sol de primavera, que mal pôde piar estas palavras, quando os gadanhos do bruto hortelão lhe abandonaram as orelhas:

«Excommungado! Rufião excommungado!»

E mettendo-se para dentro da sua barraquinha, correu o ferrolho, e depois de pas-

sar a mão pela cara, a ver se tinha sangue, não o achando, tomou folego, e desatou a berrar:

«Aqui delrei! aqui delrei! que me mataram.»

Por mal de peccados, todos andavam mirando a festa da maia, e ninguem ouvia a velha, salvo Ruy Casco, que tornára para o soalheiro, e de quando em quando lhe atirava de lá uma apostrophe que tinha a virtude de conservar sempre no mesmo alamiré agudo o berreiro da tia Domingas.

«Anda, barregan de conego!»

«Aqui delrei!»

«Cal-te, basculho de clerigo!»

«Aqui delrei!»

«Fóra, bareja de carne podre!»

«Aqui delrei!»

«Passa, serpente da Arca de Noé!»

Esta era a mais atroz.

«Aqui delrei! aqui delrei! que me mataram.»

Emquanto esta scena se passava por um cabo da aldeia, saía pelo outro o préstito da maia. A filha de Muça, que fazia o principal papel, vinha cavalgando uma formosa hacanea, levada de redea por dous rapazes coroados de boninas, e rodeada de mancebos e donzellas,

do mesmo modo enramados de flores, e cantando certas cantigas ao som de adufes e pandeiros, com uma toada mui de folgar. Atraz seguia-se toda a mourisma de Restello, travada em jogos d'espadas, nos quaes os pacificos descendentes dos guerreiros almoravides e almohades se divertiam em fazer a caricatura de seus illustres avós, ou enredados em choréas vívidas e variadas, que só elles sabiam tecer, e que por isso eram designadas pelo nome caracteristico de *danças mouriscas*. Digno do pincel de Hogarth era o quadro, que, bem como sobre uma tela pallida, se desenhava pelo extenso areal que corria entre a povoação e o Tejo. Cada qual tinha tirado á praça os mais ricos trajos que possuia. As differentes fotas, ou toucas mouriscas, formavam como um xadrez de todas as cores, incertas, cambiantes com o agitar e tripudiar da multidão. Os mais ricos vinham vestidos com suas aljubas, vestido talar de mangas largas, sobre o qual traziam a aljubeta, especie de colete comprido. Viam-se outros com seus balandráus, vestuario que até hoje conserva o mesmo nome, e que as irmandades modernas herdaram delles, com a unica differença de que os mouriscos tinham uma especie de escapulario (e essa denominação se lhe dava)

cosido pelas costas abaixo, emquanto os que vestiam albornoz usavam o escapulario cosido a este por diante. Os pobrissimos, e deste numero eram os mouros escravos, cubriam-se com tristes argáus, dos quaes se póde fazer uma idéa exacta imaginando duas mantas de lan parda, unidas por uma das extremidades, tendo apenas na costura o vão necessario para passar a cabeça. Nesta variedade immensa, que representava o préstito da maia, não faltaria ao debuxador a condição absoluta da arte, o pensamento que devia dar unidade ao quadro: era este o sentimento da alegria que ressumbrava em todos os rostos, desde o do grave alcaide, ou juiz da communa, até o do mais mesquinho, esfarrapado e sujo dos verdadeiros crentes.

E a filha de Muça? A filha de Muça ía como uma sultana no meio dos seus eunuchos e escravas. Não trocaria ella em tal momento a sua gloria pela sorte da esposa querida do propheta. Sorria-lhe nos olhos negros e voluptuosos o deleite; e quem nesse dia visse a pobre moura que vendêra a sua innocencia ao rude quinteiro christão, toma-la-hia pela virgem do deserto, que, rodeada de amadores, hesita na escolha daquelle a quem ha de dar o seu coração, ainda livre como a carreira da

gazella nas solidões profundas dos areaes da Arabia.

Mas a filha de Muça era apenas uma planta de oasis açoutada pelo sopro do Simùn. Em um dia sereno erguia a fronte, como quando pura vecejava no principio do existir. Mas a seiva da vida estava contaminada: o bafo impudíco do homem é tambem como o Simùn. Flor de innocencia por onde elle passou não erguerá a fronte mais que um dia. Depois vem logo o pender e o murchar. Ha ahi então alguem, cujos olhos ella contente? Não. Só o vento do deserto virá ainda uma e outra vez affagá-la com abraço infernal, até que lhe disperse a ultima folhinha, como o algoz espalha ao longe o ultimo punhado das cinzas de um justiçado.

A flor que ainda erguia a fronte era Zilla, a maia de Restello; mas Ruy Casco era o Simùn do deserto.

Quando na extensa volta que dava o prestito a mula em que Zilla cavalgava passou perto do soalheiro do hortelão, elle soltou um suspiro macisso de amor. Pareceu-lhe Zilla formosa como no primeiro dia em que a miseria lh'a vendêra. Pensou então.... Em que? Em que era um longo dia de maio. E suspirou de novo. A filha de Muça viu-o, abaixou os olhos,

e não sorriu mais. A rainha da festa trocaria já a sua sorte pela da ultima escrava do propheta.

Pobre Zilla!

E ao redor della os cantos e os adufes e os gritos e as risadas atroavam os ares. Homens, mulheres, crianças saltavam, corriam, volteavam. Aqui alguns mancebos mais destros fingiam accommetter-se, pelejarem, vencerem, serem vencidos: era o jogo de espadas. Acolá as raparigas dançavam em roda uma dança barbara ao som de pandeiros: era a *mourisca*. Os jograes cantavam ao desafio canções improvisadas e satyricas em portuguez semi-arabico, e as crianças derramavam flores adiante de Zilla, ou sobre as cabeças dos maios pequeninos, que eram como os genios que circumdavam a deusa da festa da primavera.

O folguedo, porém, era incompleto. Faltava ahi a alma, o tudo de semelhantes festas. O truão Alle, a quem os mouros chamavam por escarneo Cide Alle, os judeus Rabbi-Alle, e os christãos *Mossem* ou *Micer* Alle, não viera com seus guizos e palheta, com suas visagens e arremedilhos, fazer estourar de riso os alegres festeiros da maia. A sua mesquinha morada, choupana colmada, que se encontrava a

pouca distancia da aldeia, á beira de uma horta ou almuinha, já não era, havia perto de um mez, frequentada, como d'antes, pelos foliões dos arredores, que estavam certos de encontrar ahi um jovial consocio. Alle tinha-se tornado um modelo de gravidade e compostura. Quando não trabalhava no seu campinho, ou não ía á cidade vender os productos delle, passava horas inteiras assentado na soleira da porta, cantando em voz baixa uma cantiga monotona, bem diversa das que usava cantar. Via-se que um pensamento grande e moral occupava o animo do truão. Notou-se, porém, na aldeia, que quando Alle vinha ao povoado buscar o seu provimento semanal de legumes, o fazia maior que d'antes, e o que escandalisava sobre tudo os mouros velhos e devotos era o cuidado com que sempre levava uma porção do melhor vinho que achava nas tabernas dos judeus, contra o expresso preceito do livro divino mandado do céu a Mohammed. Começavam a alevantar-se algumas suspeitas de que Alle se havia tornado christão; mas ninguem ousava affirma-lo com certezá; porque, habitando elle n'um sitio ermo, não havia quem o podesse observar. Correu tambem fama de que neste negocio andavam encubertos alguns tardos amores, e a maior porção de alimentos

de que usava abastecer-se confirmava a suspeita. Mas para que o esconderia Alle? As uniões menos puras eram naquelle tempo uma especie de *panem nostrum quotidianum* para christãos, para mouros, e para judeus, e quando o não fossem, bastava ser Alle um truão professo, e de mais sectario do Alcorão, o qual não veda esse tracto illicito, para não lhe ser estranhado um crime, que para elle o não era, e que até para os christãos, pela muita frequencia, se tornára em acção indifferente, declarada como tal nas leis geraes do reino.

Todas estas reflexões e muitas outras faziam os ociosos e beatas de Restello, que, semelhantes aos ociosos e beatas de todos os tempos e logares, custumavam occupar-se da vida alheia, por não terem outra cousa em que consumir a propria. Perdiam, porém, o tempo e o trabalho. Se Alle conhecia que alguem lhe fazia perguntas capciosas, com a intenção de lhe pescar o seu segredo, escapulia-se sempre com algum daquelles dictos grosseiros e mordazes, que o uso de muitos annos (elle teria cincoenta) lhe fazia achar a ponto para embatucar importunos, e aos quaes difficilmente se resistia; porque então, como hoje, ninguem tinha as costellas tão unidas, que por entre uma ou outra não achasse facil caminho a ponta

azerada de uma chufa de bobo arremessada a tempo.

Assim todas as conjecturas saíam baldadas. O facto era que Alle estava outro homem: por isso não apparecêra na festa.

O que elle fazia entretanto vamos nós espreitar no seguinte capitulo.

V

O TRUÃO.

Tal foliam, se attentaes,
Digo isto assi de mim,
Que em os dias festivaes
Cuidou não havia mais
Senam foliar sem fim;
E ficou-lhe o atabaque,
Os sestros e o pandeiro...

A. R. Chiado — *Letreir. Glosados.*

No dia em que se passaram os successos que vamos narrando, havia mais de duas horas que Alle passeava á beira da agua no desembarcadouro de Restello, sem que outros foliões seus antigos amigos e camaradas, que correram a elle apenas o viram apparecer, podessem movê-lo a tirar-se dalli, e a vir engolfar-se na-

quella mó de danças, cantares e folias, que redemoinhava bastante longe delle pela extensão do areal. Esperava por Fr. Lourenço. Alle era o mouro que falára com Fr. Julião, e a quem este promettêra, por sua conta protecção, e por conta alheia caridade.

Apenas o truão viu desembarcar os dous frades correu para Fr. Lourenço:

«Obrigado, obrigado, padre christão que não despresastes a petição do pobre mouro.»

«Christo chamou os judeus e os gentios. Deus não despreza ninguem. Mas nem tu, nem os teus ulemas e cacizes entendem estas cousas. Prouvera ao Senhor que as entendesseis! Vamos: foste acaso tu que me buscaste hontem á tarde?»

«Padre, sim!»

«Disseste que uma christan se queria confessar: onde é que ella está?

«Vinde vós comigo. Oh como ficará contente!»

E Alle caminhou adiante dos dous monges, todo risonho, e dizendo como quem falava comsigo só:

«Bom Jesus e bom padre! Bom Jesus e bom padre!»

O caminho que os tres seguiam era ao longo da margem. A um tiro de bésta abria-se

um valle entre dous montes, cujos cimos se prolongavam para o norte. Chegando áquelle sitio, Alle voltou á direita, e tomou por uma trilha que acompanhava o sopé de uma das encostas. Os dous frades calados iam algum tanto affastados. Ouvia-se unicamente o som das passadas dos caminhantes, e a espaços um murmurio confuso do ruído que se fazia em Restello, e que era trazido pelo sopro morno de leste. Depois de largo silencio Fr. Vasco disse em voz baixa para o mestre de theologia:

«Tenho estado a lembrar-me de que já vi este mouro; mas não atino em que logar, ou em que tempo.»

«Grande maravilha,—atalhou rindo Fr. Lourenço.—Milhares de mouros tereis vós visto na vossa vida, irmão Fr. Vasco; e o que vos succede com este succeder-vos-ha com infindos outros.»

«É verdade; mas não sei que tristeza me infunde o vê-lo. Diria que este homem entrou de algum modo nas desventuras que padeci, e nas mal sopitadas agonias do meu coração.»

«É o sitio, só e triste, que vos traz ao pensamento essas melancholias do passado.»

«O coração ás vezes adivinha, reverendo mestre. Quem sabe se neste negocio anda al-

guma traição encuberta? Chamarem-vos de tão longe para exercer o mister de confessor de uma mulher moribunda... um mouro por mensageiro e guia!.. um sitio ermo por vivenda!... Temo alguma cilada: não por mim, que pouco importa ao mundo a minha vida; mas por vós, bemfeitor dos miseraveis. Enganam-se todavia! — proseguiu Fr. Vasco em voz mais alta. — Trazeis o vosso cutello?»

«Calae-vos, irmão, calae-vos! Que cutello?! A minha defensão é Deus. Tenho inimigos; bem o sei; mas tenho-os por defender a justiça e a nossa ordem. Um ferro nas mãos de um sacerdote! Nunca o vereis nas minhas. O braço da Providencia ampara os que nella confiam, e esse braço é mais forte que o do esforçado e guerreiro. O abuso que introduziu o demonio entre os clerigos e monges de tractarem armas para que tem servido? Para rixas e mortes entre homens que se chamam sanctos e irmãos. Perguntastes-me se eu trazia um ferro: pergunto-vos tambem eu agora: trazeis vosso cutello, monge de Cistér?»

«Como todos costumam, reverendo nonno... — respondeu Fr. Vasco, pondo os olhos no chão...

«Dae-m'o.»

Fr. Vasco affastou o escapulario, tirou da

cincta um punhal, e com visivel repugnancia, entregou-o ao seu companheiro.

O mestre de theologia pegou nelle, arremessou-o com força, e o ferro buído foi cravar-se n'uma grande nogueira, onde ficou por algum tempo vibrando. O mancebo olhava para a arvore com o aspecto tristonho de quem se despede de um amigo antigo. Entretanto Fr. Lourenço Bacharel dizia em voz baixa, erguendo o braço esquerdo até a altura da fronte, e movendo-o rapidamente para fóra, como quem sacode um mosquito, ou um pensamento importuno:

«*Vade retro, Satana! Deus fortitudo mea!*»

Esta conversação e o seu desfecho tinham retardado os dous frades. O mouro, não os sentindo atraz de si, parára, e voltando-se presenciára aquella scena, sem que por causa da distancia podesse perceber o que fosse. Ficou espantado; mas não disse palavra, e proseguiu seu caminho.

Parou finalmente. De um e de outro lado da senda alargava-se o valle, formando uma caldeira entre os dous montes parallelos. Da banda esquerda, obra de uma oitava parte da pequena planicie estava cercada de um vallado, por cujo espigão se enredavam bastos silvados: um portello grosseiro dava entrada para

uma especie de pateo, á direita do qual ficava uma humilde casinha, e da parte opposta um cannavial basto, mas ainda curto, que separava o pateo da almuinha, e do vergel. Ao longo do cannavial corria um regato que ía formar uma presa, ou tanque natural, cujas bordas relvosas eram como um tapete de verdura. A porta da casinha estava fechada, e uma grosseira tela de estopa servia de vidraça á janella que dava luz para o interior. Reinava sobre isto tudo um silencio profundo, que só foi interrompido pelo ranger do portello, quando o mouro o fez rodar sobre o prumo que lhe servia de quício, e pelo clach, clach das rans que estavam assentadas gravemente na margem do pego, acabando uma harmonia natural segundo a theoria de Bernardin de Saint-Pierre, e que saltavam dentro da agua assustadas pelo subito ruído do chiador portello, que tambem ía tirando outra natural harmonia com o melodioso clach, clach das timidas fugitivas.

Em quanto o mouro corria o ferrolho da porta, os dous frades chegaram ao pé delle, e Alle, curvando-se respeitosamente, fez-lhes signal que entrassem.

Era a morada do pobre jogral, como a de todos os mouros da sua condição, terrea, hu-

mida, mal-san. Sobre a lareira ardiam alguns toros de lenha, cujo calor não era sufficiente para embeber as exhalações aquosas, que manavam das paredes verde-negras, e do pavimento frio e immundo. A um canto via-se uma bilha de agua, e em uma prateleira alguns vasos de barro vermelho; ao pé, em um prego, estava pendurado um adufe roto e coberto de pó, e defronte uma arca velha, sobre a qual os dous frades se assentaram, em quanto o mouro abria a porta que dava para uma camara interior.

Esta era allumiada frouxamente atravez da grosseira empanada da janella lateral. Fr. Vasco lançou os olhos para lá; mas a luz que entrava livremente pela porta, e enchia o aposento em que estavam, mal lhe deixou divisar ahi dentro uma enxerga, e um vulto deitado em cima della, com o rosto virado para a parede.

«Menina! pobresinha! Aqui está o bom padre do teu Jesus.»

Isto dizia o mouro em voz baixa, curvando-se e estendendo o pescoço, como que receioso de despertar quem quer que era.

«Dorme! — proseguiu elle, voltando para fóra pé ante pé, semelhante á mãe que deixa ainda ondulando o berço do filhinho, o qual adormeceu a custo de muito embalar...

Fr. Vasco fez um gesto de impaciencia.

«Esperaremos: — disse Fr. Lourenço. — Mas ainda assim, explica-me tu, agareno, como esta mulher christan vive aqui só comtigo. Não sabes que te é isso defeso?»

«Padre, padre, — tornou o mouro, como assustado pelo tom em que Fr. Lourenço fizera a pergunta. — Eu topei essa desgraçadinha, por uma noite fria e chuvosa, deitada no meio do caminho que vae de Restello para Lisboa: ergui-a, e perguntei-lhe quem era: não me podia responder: tremia, e estava gelada. A minha lei, padre christão, obriga-me a soccorrer o desventurado: obedeci á lei. Como pude, debaixo da chuva, por caminhos intransitaveis quasi, conduzi-a aqui, e aqui, ao clarão daquella lareira, vi pelos seus trajos que era uma rapariga christan. Pensei então que corria grande risco em a conservar em casa: mas tambem pensei no que resa o livro do propheta, e disse comigo: — Que importa no mundo a vida de um pobre truão, quando ha que escolher entre essa vida, e o obedecer a Allah?» — O calor da fogueira que accendêra reanimou pouco a pouco a pobre mulher. Apenas pôde falar, pareceu-me ouvir-lhe: — Oh desgraçada, desgraçada!» — E, pondo as mãos, dizia-me toda a tremer: — «Não lhe digaes

nada, nada... deixae-me morrer!» — Cortava o coração. A sua voz era tão suave e meiga! As lagrimas, que eu mal sustinha, embaciavam-me a vista, e mais bem as alimpava com a manga da aljuba.»

«Pedi-lhe que comesse, pouco que fosse. Estava queda e de olhos baixos. Quando os alevantou e me viu, poz-se, a tremer. Tinha razão. Se eu era um mouro! Que havia de fazer para aquieta-la? Nem eu sabia. Aponteilhe para aquella alcova, para o ferrolho que interiormente fechava a porta, e para a minha pobre enxerga.—«O Deus grande e o propheta, disse-lhe eu, mandam que a choupana do mouro seja asylo sagrado da que ahi se abrigou. Estás aqui segura.» — Titubeava ainda: queria talvez saír. Mas a noite ía cada vez mais fria: os trovões e os raios eram uns atraz de outros: a chuva era aos cantaros. Para onde havia de ir? Disse-m'o depois: não tinha outro abrigo. Por fim decidiu-se: aferrolhou-se na alcova, e eu encostei-me ao pé do lar, onde ainda reluzia o brazido da fogueira.»

«Estava contente comigo, bom padre; estava contente comigo! Resei a quinta çalá, a nossa oração da noite, com mais fervor que nunca. Allah e o propheta deviam ouvir-me no céu. Nós outros os mouros,—proseguiu

Alle com um sorriso amargo,—tambem temos consciencia; tambem sabemos o preço das boas obras. Agora, padre christão, a donzella de vossa lei vos dirá o que o mouro tem feito para a salvar. Ella dirá se elle merece ser açoutado ou morto, porque recolheu na sua morada uma das que adoram Jesus. Muitas noites ouvia-a soluçar sobre essa enxerga, onde jaz: muitos dias quando voltava aqui, depois de ter ganhado para mim e para ella um bocado de pão negro, achava-a debulhada em lagrymas; mas nem ella me dizia seus pezares, nem eu lh'os perguntava. Affligia-me vê-la chorar e padecer tanto, e conhecia que lhe minguavam as forças de dia para dia. Mas que podia fazer um mouro, sem riqueza, e sem se atrever a dizer nada a ninguem ácerca da triste christan? Scismei muito tempo nisso. Por fim veiu-me uma boa idéa. Tinha ouvido falar de vós, padre: sabia que ereis bom, e que os christãos vos veneravam: um escravo do vosso mosteiro m'o dissera muitas vezes. Ante-hontem essa mesquinha parecia mais socegada. Disse-lhe qual era o meu intento: foi a primeira vez que lhe vi luzir no rosto um signal de alegria. Não tinha ousado pedir-me tanto, receiando o risco do que ella dizia ter sido o seu salvador. Fui procurar-vos, e o resto já o sabeis. Agora

protegei-a a ella, e tende dó do pobre Alle, que não tem outra culpa senão a de ter obedecido á lei do propheta.»

«Á de Christo! á de Christo! — exclamou vivamente Fr. Lourenço, erguendo-se, e abraçando o mouro, que estava em pé diante delle como um criminoso. — Filho, tu não serás condemnado no dia em que vier o juiz. Amaste Deus e o teu proximo. Foste mais christão que a maior parte dos que se gloriam de tal nome. Caridade, e só caridade é a crença de Jesus. Elle te allumiará; porque déste testemunho delle, não por palavras, mas por obra. Em quanto christãos deixavam perecer á mingua uma desgraçada, tu a salvavas. Sabe, porém, que neste momento elles renegavam da cruz, e tu te abraçavas com ella!»

Nem por isso Alle entendeu lá muito bem o que queria dizer o bom do religioso; mas entendeu perfeitamente que o abraçá-lo Fr. Lourenço era signal de que o seu proceder merecêra a approvação de um tão affamado ulema christão. Sorriu-se, e involuntariamente pegou na mão do monge, e beijou-a. Parece-me que eu faria o mesmo a um caciz de Mafamede, se esse caciz pensasse e fosse como o mestre de theologia.

Neste momento ouviu-se um suspiro que partia da alcova.

«Vasco,—proseguiu Fr. Lourenço, voltando-se para o seu companheiro e para Alle,—ide-vos ao horto. É necessario que eu ouça a confissão desta mulher.»—Depois encaminhou-se para a porta da alcova, e disse:—Irmã! eu sou aquelle que vem em nome do Senhor.»

O vulto não respondeu nada, e ergueu-se. O soluçar da mesquinha era o de um chôro perdido. Atirou-se de joelhos aos pés do monge, e, depois de afastar os cabellos que lhe cubriam o rosto, só pôde dizer:

«Misericordia, meu Deus!»

Os dous tinham obedecido. Fr. Lourenço estava a sós com a desconhecida.

IV.

O PUNHAL.

> Viestes a religiom pera serdes temptados mas nom vencidos nem sobrepujados:... e posto que a vida nos anoje ou agrave com estes trabalhos e paixoens, saibamos que nom ha de ser coroado, senom quem trabalhar e pelejar fortemente.
>
> Fr. J. Alvares, *Cart. II.*

«E essa mulher é capaz?»

«Sim, padre. A tia Domingas é uma boa velha christan de Restello. Entreguei-lhe a bolsa de dobras e meias dobras que me déstes, e ella me jurou que nada faltaria á pobre donzella. Podeis ficar descançado.»

«Bem! Agora a Restello, e afreta uma barca. Irás comigo para Lisboa.»

Esta conversação passava-se entre Fr. Lourenço e o mouro Alle, no meio da senda ou azinhaga, que, partindo da aldeia, ía dar á morada do chocarreiro, o qual parecia ter trocado a sua vida truanesca em duradouros habitos de sisudeza e compostura. Depois de duas compridas horas, que o bom do bernardo passára junto da miseravel enxerga da desconhecida, saíra a encontrar-se com o seu companheiro e com Alle, que por elle esperavam, Fr. Vasco passeando de um para outro lado, e o mouro assentado ao sol ardente do meio dia. Fr. Lourenço trazia o olhar esgazeado, os labios descórados, e nas faces todos os signaes de um susto e inquietação, que debalde tentava encobrir. Entregou então uma bolça ao mouro, ordenando-lhe procurasse, com toda a brevidade e diligencia, alguma boa mulher que viesse residir na almuinha, para tractar da desconhecida, que elle Fr. Lourenço tomava debaixo da sua protecção. Alle partiu immediatamente, e dalli a pouco voltou acompanhado da tia Domingas (pessoa conhecida já do leitor), cujos escrupulos tinham sido completamente removidos com a vista da bolça recheada de excellentes dobras e meias dobras

delrei D. Pedro, moeda que era a melhor ou talvez a unica boa daquelle tempo, e que nunca, de memoria de homens, mercador judeu, mouro, veneziano, genovez, flamengo, ou biscainho recusára acceitar em troco de suas mercadorias.

Depois de haver dado em segredo varias instrucções á velha, que respondia a cada palavra do frade com uma mesura, e com as formulas sabidas de—Vá vossa reverencia descançado; deixe vossa reverencia isso ao meu cuidado; percebo, percebo, reverendissimo—Fr. Lourenço partíra, seguido de Fr. Vasco e de Alle, caminho da aldeia. Conhecia-se pelo andar do bom do monge, ora demasiado lento, ora excessivamente apressado, que a sua alma ía embrenhada em graves cuidados. Ao passar pelo sitio onde tivera com Fr. Vasco a conversação que lemos no capitulo antecedente, parára de repente, e olhára para a nogueira frondosa, na qual ficára cravado o punhal do moço monge. Ainda lá estava. Fr. Lourenço erguêra os olhos e as mãos ao ceu, e parando, havia-se assentado n'uma grande pedra que ficava á borda da azinhaga. Depois de scismar por bom espaço, fizera subitamente ao mouro a pergunta por onde este capitulo começa, e dera-lhe ao mesmo tempo a ordem para ir

adiante afretar a barca, que os devia conduzir todos tres a Lisboa.

Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava tambem alguma cousa extraordinaria. Parecia que a inquietação de Fr. Lourenço se havia communicado ao seu companheiro, o qual, desde que saíra de casa do truão até aquelle momento, não proferíra uma só palavra, mas no gesto dava visiveis signaes de que o seu coração não estava sereno. Ou fosse que o aspecto carregado do mestre de theologia, e o lançar-lhe a espaços os olhos de relance, como quem buscava descortinar-lhe alguma cousa no fundo da alma atravez dos seus gestos e meneios, ou fosse que o estado daquella nova penitente de Fr. Lourenço tivesse despertado na memoria do mancebo passadas amarguras, o certo é, que ambos os dous monges, tão amigos, tão promptos sempre em communicar um ao outro os seus menores e mais intimos pensamentos, caminhavam junctos, mas em silencio, como dous cumplices de um crime affastando-se do logar onde o perpetraram, ou como dous homens, que se insultaram sem precauções oratorias, e que, dirigindo-se para o logar de um duello estupido, não esquecem durante o caminho um unico item das regras de boa cor-

tezania, o que lhes não tolhe que d'ahi a pouco se assassinem honradamente e na melhor harmonia do mundo.

O mouro partíra, e Fr. Lourenço, com os cotovellos fincados nos joelhos e a cabeça entre as mãos, havia tornado a embrenhar-se nas suas reflexões. Fr. Vasco, em pé diante delle, torcia e destorcia um vime que arrancára no vallado fronteiro. Este torcer e destorcer significava que o seu espirito estava mui longe dalli.

O mestre de theologia alçou a cabeça, olhou para elle fito um pedaço, e por fim, com voz solemne e triste, disse-lhe, batendo com as pontas dos dedos na extremidade da pedra em que estava assentado:

«Fr. Vasco, descança aqui um pouco.»

O mancebo deu um estremeção, como se de salto o houvessem despertado de somno profundo. Não respondeu nada, e assentou-se ao pé do seu companheiro. Este olhou fito outra vez para elle, e, depois de um momento de silencio, disse:

«Filho de S. Bernardo, haveria neste mundo algum sacrificio que não fizesses para esquecer as desventuras da tua vida, suffocar os remorsos do teu coração, domar o teu amor insensato, e poder alevantar-te sobre as azas

da esperança até o seio amoroso da piedade de Deus?»

Fr. Vasco apertou o peito com a mão direita, e ergueu os olhos para o céu: depois correndo-os pela grosseira estamenha de que estava vestido, respondeu com um leve sorriso:

«Nenhum!»

Fr. Lourenço comprehendeu qual era o abysmo de amargura que havia neste olhar e nesta palavra.

«Entendo, mancebo, — proseguiu o velho monge. — Qual sacrificio haverá ahi que não faça, por obter paz e perdão, aquelle que no viço da mocidade saíu da estrada suave da gloria e do goso, para tomar pelo caminho agro e coberto de urzes da penitencia? Que haverá ahi impossivel, ou sequer difficultoso, para quem trocou o arnez dos combates pela estamenha monastica, as esporas douradas de cavalleiro pelas pobres sandalias dos que peregrinam após a cruz? Tu o disseste, monge de Cistér: nenhum! E todavia o que eu quero pedir-te é facil. Se o fizeres o Senhor se amerceará de ti: o teu amor criminoso extinguir-se-ha: os teus sonhos de remorsos desvanecer-se-hão: a sombra ensanguentada de Lopo Mendes, que povoa de terrores as tuas noites

não dormidas, resolver-se-ha como aquelle fumosinho que se alevanta de Restello, e que o vento espalha e resolve no ar. E sabes o que é, meu desgraçado irmão? É o que ha poucos mezes, a teus pés e de joelhos, este pobre velho, que te ama como a um filho, te pediu em nome de Deus: perdão! perdão!»

«Para quem, padre?! Para quem?! — atalhou Fr. Vasco pondo-se rapidamente em pé.

«Para tua irman, coberta de miseria, saciada de agonias, moribunda sobre a enxerga rota, que lhe cedeu para morrer a caridade de um truão.»

«Beatriz?! Beatriz alli?! — bradou o moço cisterciense, rangendo os dentes, e estendendo os punhos cerrados para o valle onde alvejava a casinha do maninélo. — Ella alli, e o meu punhal aqui! Vasqueannes, teu filho ainda vive!... Não jazerás deshonrado para sempre no tumulo onde dormes.»

Proferindo estas palavras, Fr. Vasco estendeu a mão para a grande arvore, arrancou o punhal, e deu a primeira passada para voltar atraz. Os olhos faiscavam-lhe, como os do lobo cerval no meio das trevas.

Mas Fr. Lourenço estava já em pé diante delle. Não para o reter luctando braço a braço se erguêra o monge. Que podia prestar a op-

posição violenta de um homem de idade grave, e enfraquecido por vigilias de estudo e de penitencia, contra um mancebo robusto e cego de furor? Era para empregar contra aquelle furioso a resistencia passiva e a força moral, que lhe dava a consciencia de que cumpria o seu dever, que Fr. Lourenço, com os braços cruzados sobre o peito, vendo arrancar o punhal da arvore, se pusera como uma estatua diante do seu companheiro.

«Em nome de Deus ou do demonio, deixae-me passar, padre! — rugiu como um tigre Fr. Vasco.

«E embargo-vos eu que passeis? — respondeu com mansidão evangelica e em voz baixa o bom do religioso. — Que ides vós fazer? Assassinar vossa irman; livrá-la do peso da vida alguns minutos antes daquelle em que Deus talvez a houvesse de chamar para si. Que ides vós ser? Um fratricida. Pois bem. Ajunctae o crime menor ao maior: sêde tambem homicida. Para vos despenhardes no inferno, não receeis de saltar por cima do cadaver do monge, que vos consolou nos dias dos remorsos e das agonias; que vos ama como pae; que amastes como filho. Ouvi-me bem, Fr. Vasco!... O caminho por onde esse punhal póde chegar ao seio da desgraçada Beatriz passa atravez

deste coração. Segui-o. Aqui ninguem nos vê, senão Deus; e que vos importa Deus? Tambem elle vos verá no momento em que vossa irman se vos debater aos pés, revolvendo-se em sangue, e pedindo-vos ainda no meio das vossas injurias e pragas, o perdão e o beijo e o abraço fraterno: elle vos verá lá reprobo e maldicto: elle ouvirá o ultimo grito da infeliz. Eu ao menos morrerei calado... Aqui me tendes!.. Passae!»

Dizendo isto, Fr. Lourenço curvou a cabeça como o martyr resignado sob a segure do algoz. As suas ultimas palavras foram proferidas em tom soturno, mas firme e solemne. O moço cisterciense sentiu correr-lhe o suor frio da fronte; porque conheceu que a resolução do mestre de theologia era inabalavel como um decreto da Providencia. Os cabellos eriçaram-se-lhe de horror. Deixou cahir o punhal, e escondendo o rosto entre as mãos, exclamou:

«Oh desgraçado de mim!»

«Acertaste, Vasco, acertaste! — acudiu Fr. Lourenço, lançando-lhe um braço á roda do pescoço, e encostando a cabeça do mancebo sobre o hombro. — Malaventurado és tu, não pelos infortunios da tua vida, mas porque ainda não percebeste o que é ser christão; porque não entendeste que a lei de Jesus foi resumida

na ultima expressão do Verbo sobre o Calvario — perdoa-lhes, pae» — O derradeiro arranco do Justo foi um grito de amor e perdão a favor de crueis inimigos. E tu queres vingar-te! Vingar-te de teu proprio sangue, de tua irman, porque, innocente, foi enganada; porque, fraca, foi vencida; porque, amante, cahiu nos braços de um homem vilmente hypocrita. Queres puni-la, porque cedeu a uma paixão, que só Deus condemna quando se converte em crime. Mas quem te punirá a ti de cederes a outra paixão absurda, vil, amaldiçoada no brotar, no crescer, no vigorar, no satisfazer-se? Sabes quem te ha-de punir? O teu passado com os mal sopitados remorsos, que reverdecerão; o teu presente com os que provarás de novo; o teu futuro, que será para sempre maldicto, até que desças ao inferno...»

«Por piedade, não digaes mais nada! — exclamou o mancebo, afastando-se de Fr. Lourenço com gesto de agonia intima, e erguendo as mãos.

As palavras deste vibravam atravez de sua alma como centelhas de fogo.

«De joelhos, monge de Cistér! De joelhos, criminoso! — bradou o velho com aspecto severo.

Fr. Vasco ajoelhou aos pés delle.

«Jura diante desse astro do dia, que é uma pobre imagem da gloria do Senhor; debaixo desse firmamento, sumido sob os degráus do seu throno, que perdoas a Beatriz o erro que por si mesmo a puniu!»

Fr. Vasco jurou que perdoava a sua irman.

«Agora, filho de S. Bernardo, ergue-te, e abraça o pobre frade, que, se te affligiu, foi porque te amava muito!»

Isto era dicto com tanta brandura e uncção, que o moço cisterciense atirou-se a chorar aos braços de Fr. Lourenço.

«Partamos para Lisboa,—proseguiu o mestre de theologia.—Não convem que neste momento vejas Beatriz. Ella está com os pés na sepultura. O ver-te e o abraçar-te sería matála: melhor supportaria, talvez, a tua maldicção que os teus affagos. Pelo caminho te contarei a sua triste historia, e verás então, que ella é mais infeliz que culpada, e mais digna de compaixão que tu.»

Dizendo isto Fr. Lourenço travou do braço do seu companheiro, e seguiu com elle ao longo da estreita senda, que por entre os dous montes ía dar a Restello.

O imperio de Fr. Lourenço no animo violento do moço monge era na verdade espantoso. Parecia que Deus tinha posto no mundo

o mestre de theologia como um anjo da guarda para salvar de si mesmo o mancebo. Mas ai de nós, que se um anjo bom vigia á nossa direita, um demonio está sempre da esquerda, convocando-nos para socios do inferno!... Muitas vezes os dous espiritos, o da luz e o das trevas, vestem formas humanas: são dous inimigos mortaes que se guerream, e que ambos se chamam nossos amigos. O campo da sua peleja é o coração do homem, de que por fim toma possa um delles, o vencedor. O preço da victoria é a nossa alma; e os hymnos que celebram essa victoria reboam sempre fóra dos ambitos do mundo, ou nas alturas do céu, ou no imperio das trevas. Fr. Vasco teve o seu anjo bom; terá tambem o seu anjo máu. Qual d'elles ganhará a victoria? Esse, por ora, é o segredo de cima, que só a serie dos acontecimentos, que vamos referindo, nos ha-de revelar.

VII

O ABBADE DE ALCOBAÇA.

> A soberba he cousa propria dos demonios e das molheres, a luxuria das animalias, e a avaresa dos mercadores, e destes todos se faz hua cousa assignalada e espãtosa que he ho maao clerigo.
>
> FR. BERN. D'ALCOB.—*Vita Christi*, P. 1, *c.* 7.

Se o leitor quizer partir de Restello comnosco, adiante dos dous cistercienses, e acompanhar-nos até a portaria do collegio de S. Paulo, aonde precisâmos de chegar antes delles, dar-lhe-hemos conhecimento com um personagem, de quem já falámos, mas que ainda não apresentámos em scena. Esse personagem,

que tão grande parte teve nos successos contidos nesta veridica historia, e que não menos importante papel politico representou nas guerras e revoltas por que passou Portugal nos fins do seculo XIV, é o celebre abbade de Alcobaça D. João d'Ornellas ou Dornellas, um dos caractéres mais notaveis d'aquella epocha.

Fôra Fr. João d'Ornellas, quando simples monge de Alcobaça, esmoler d'elrei D. Fernando, e, protegido por este monarcha, subíra á dignidade abbacial por morte de D. Martinho seu predecessor. Pouco depois falleceu D. Fernando, deixando o reino pobre e dividido em facções: uns seguiam o bando d'elrei de Castella D. João I, como representante de sua mulher D. Beatriz filha de D. Fernando, que, antes de morrer, a declarára herdeira da corôa, e regente do reino a rainha D. Leonor: outros entendiam que a um dos infantes filhos de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, que então andavam em Castella, competia a herança do reino: outros, emfim, inclinavam-se ao Mestre de Aviz, irmão bastardo do rei fallecido, e principe geralmente amado por suas muitas bondades e cavallarias. A morte do conde Andeiro, perpetrada pelo Mestre dentro dos paços dos Infantes, onde D. Leonor habitava, foi o signal de uma revolta popular,

que de Lisboa se derramou por todo o reino com espantosa rapidez. Os nobres e senhores com seus clientes encostaram-se, pela maior parte, á parcialidade de Castella, alguns á do Mestre de Aviz, raros á dos filhos de D. Ignez, bando que, de certo modo, era uma pequena excrescencia no que seguia a voz de D. Beatriz. Grande numero de fidalgos, conservando-se neutros no meio d'esta célebre lucta, ou passando de um para outro lado, segundo as probabilidades do triumpho, ou segundo seus odios e amizades particulares, ajudaram a protrahir uma guerra, que deixou Portugal devastado, e empobrecidos para muito tempo os reinos de Leão e Castella.

Do numero dos irresolutos foi a principio o abbade de Alcobaça, que, senhor de quinze villas e de dous castellos, e fronteiro de quatro portos de mar, sería sem duvida alliciado por ambos os partidos contendores para se unir a elles. De um documento, mandado exarar em abril de 1385 pelo arcebispo de Braga D. Lourenço, se vê que o reverendo abbade favorecêra elrei de Castella, prestando-lhe abundantes vitualhas para o seu exercito, quando viera sobre Lisboa. É certo, porém, que quando se deu a batalha de Aljubarrota, elle mandou seu irmão Martim d'Ornellas, com um

bom troço de gente, em soccorro do Mestre de Aviz, pelo qual se havia formalmente declarado nas côrtes de Coimbra, celebradas pouco antes, e em que o Mestre fôra proclamado rei. Desde então este poderoso vassallo da corôa, que antevíra o triumpho provavel da causa da nacionalidade e da independencia portuguesa, ganhou na côrte de D. João I notavel importancia e valia, maior porventura da que tivera como simples abbade de Alcobaça, se muitos fidalgos principaes não houvessem seguido a bandeira do rei castelhano. Ou fosse que o Mestre de Aviz quizesse cumprir as promessas feitas para tornar D. João d'Ornellas seu parcial, ou fosse, como se diz, que o movesse um sentimento de gratidão, é facto que concedeu a esse homem, a um tempo frade, alcaide-mór e fronteiro, privilegios extraordinarios. Servido por pagens e escudeiros nobres, D. João d'Ornellas convertêra a veneranda e tranquilla mansão dos monges de Alcobaça em alcaçar de rico-homem. Acompanhavam-no em suas viagens cavalleiros e homens d'armas, cujos fóros e regalias corriam parelhas com os d'aquelles que serviam e acompanhavam o proprio D. João I. A grandeza e luxo do sacerdote-cavalleiro era objecto de geral admiração e inveja, a ponto de haver, até, quem dissesse que tal

maneira de vida desdizia o que quer que fosse dos preceitos do evangelho, e não se casava exactamente com a regra monastica de S. Bento, patriarcha não só dos monges *negros* ou benedictinos, mas tambem dos *brancos* ou cistercienses.

Elevado a tal gráu de poderio, e dotado de caracter violento, ambicioso, altivo para com os grandes, oppressor para com os pequenos, D. João d'Ornellas chegára a obter a triste distincção de ser temido e odiado em geral por pequenos e grandes, principalmente pelos vassallos do mosteiro, que vexava sem piedade. Quando elrei, nas continuas jornadas que o obrigava a fazer pelo reino a guerra com Castella, ía casualmente pousar a Alcobaça, quem visse o apparato com que era hospedado diria que o monarcha recebia gasalhado de um principe seu igual; tão bem soubera D. João d'Ornellas transportar para o ermo as delicias da côrte. As despesas desarrasoadas que o fastoso monge fazia, assim n'estes casos especiaes, como no seu tracto e viver ordinario, recahiam, todavia, não só sobre os rendimentos da ordem, que por sua morte ficaram grandemente dilapidados, mas tambem, e principalmente, sobre os miseraveis povoadores dos coutos, que viam desbaratar o fru-

cto do seu trabalho nas mãos perdularias do muito reverendo abbade, com quem, por assim dizer, viviam em continua guerra.

Era pelo fim da tarde do bello dia primeiro de maio em que Fr. Lourenço embarcára para Restello. O sol reflectia os seus raios derradeiros nos largos pannos da muralha occidental de Lisboa, e no collegio de S. Paulo tangia a campa a completas, quando chegou á portaria uma numerosa cavalgada, que, subindo das portas da Cruz, passára em frente dos paços dos Infantes, e viera parar ahi. Um frade bernardo alto, grosso e rubicundo, montado em uma possante mula branca, caminhava á frente da cavalgada, conversando e rindo com dous cavalleiros mancebos, que o acompanhavam de um e outro lado, e que sofreavam por tal arte as mulas em que vinham, que os tres animaes quadrupedes, debaixo dos tres bipedes, formavam uma especie de trempe ou triangulo, cujo vertice era a nedia cavalgadura de sua reverendissima. Seguiam-se mais de trinta homens d'armas, entre lanceiros e bésteiros de cavallo, o que bem provava a importancia do personagem que os capitaneava, e ao mesmo tempo o estado revoltoso do paiz, que obrigava um monge a viajar com tal copia de soldados, e alem

disso a vestir armas, como era facil de notar, vendo debaixo da tunica arregaçada de sua reverencia os coxotes, grevas, e çapatos de ferro, que bem davam a entender não faltariam tambem, debaixo da cugulla e do escapulario, boas solhas d'arnez liso, ou cóta de malha á prova de lança e d'espada.

Era o frade, como o leitor já terá percebido, o mui nobre D. João d'Ornellas, abbade de Sancta Maria, esmoler-mór d'elrei, do seu conselho, donatario da coroa, fronteiro-mór, e senhor das terras e villas dos coutos do mosteiro com alçada no civel e no crime. O motivo da sua vinda a Lisboa fôra o ajunctamento de côrtes, que elrei queria celebrar, e para as quaes começavam a apresentar-se na capital, onde se devia fazer o auto, os fidalgos e prelados do reino, entre os quaes tinha um dos primeiros logares o muito reverendo abbade. E ainda que o collegio de S. Paulo não offerecia todas as commodidades necessarias para tão illustre e respeitavel magnate, todavia elle preferíra fazer residencia em uma casa habitada por membros da sua ordem a outra qualquer pousada grandiosa, querendo, talvez, mostrar com isso que antepunha a todas as magnificencias profanas a vida monastica, aspera em si, é verdade, mas que elle sabia converter

em existencia de suavidades e deleites, sem lhe tirar o perfume da sanctidade do claustro.

Apenas descavalgou, D. João d'Ornellas deu varias ordens aos dous cavalleiros, que partiram com a gente d'armas, e seguido de todos os frades e barbatos, que tinham vindo esperá-lo á portaria, subiu com aspecto risonho e ademânes cortezãos para a cella do reitor do collegio, que, de relance e atrapalhado, ía incumbindo ao leigo encarregado da cozinha uma ceia mais lauta que de costume, e ao mesmo tempo respondia ás perguntas, que sobre o governo e estado da casa lhe fazia D. João d'Ornellas.

Apenas tinha cessado o tumulto causado pela chegada do nobre hospede, quando Fr. Lourenço, Fr. Vasco e o mouro cruzaram o limiar da portaria.

VIII

O POSPASTO.

> Ca bem sabereis, senhor, que vós sois posto no mundo, por autoridade do apostolo, para louvor dos bons e vingança dos máos.
>
> INF. D. PEDRO, *Carta a elrei seu irmão.*

Á roda de um bufete, onde se viam em pratos de metal, não rico, mas pulido e brilhante, alguns restos de iguarias, estavam assentados tres frades. Uma lampada, pendente do tecto profundo da casa por uma delgada cadeia de ferro, dava um clarão bastante forte sobre o bufete, e banhava em luz as faces dos

tres monges, cujas feições discordavam completamente. Um tinha o aspecto alegre, com todos os signaes de vigorosa saude, e os cabellos espessos, posto que já grisalhos: outro, cujo rosto era macilento e magro, tinha a fronte calva, os olhos encovados, porém serenos e ao mesmo tempo penetrantes, e viam-se-lhe na testa rugas que ahi havia sulcado não tanto a idade como o habito de fundo meditar: o terceiro era um destes homens, em cujo craneo Gall perderia todo o seu tempo e trabalho; em cujas feições Lavater gastaria debalde toda a sua perspicacia: craneo sem prominencias; feições sem significado: homem que hoje seria optimo para juiz de paz ou vereador; que teria talvez lido alguns livros, mas que de certo não faria nenhum; e que, apesar de lançado na vida activa, não sería capaz nem de um crime, nem de uma verdadeira virtude; emfim, um destes caractéres safados, como as moedas demasiado antigas, aos quaes quadra ás mil maravilhas um titulo, que o mundo costuma dar a quem se accommoda com todas as suas opiniões, quer absurdas, quer judiciosas; o titulo de *excellente pessoa.*

O frade calvo e macilento tinha começado a falar, e os outros dous escutavam-no em silencio.

«Já vejo, reverendo abbade, que vos lembraes ainda do noviciado de Fr. Vasco, cuja historia acabaes de ouvir: agora resta-me contar-vos a de sua desgraçada irman, para poderdes fazer-me certa mercê com que se dará por bem pago o pobre Fr. Lourenço, a quem, segundo affirmaes, a ordem de Cistér deve bons e longos serviços.

«Falae, reverendo doutor: — respondeu D. João d'Ornellas, que escutava o mestre de theologia, em quanto o outro frade, o reitor de S. Paulo, cabeceava e sentia cerrarem-se-lhe os olhos quasi invencivelmente: — Mas, primeiro que tudo, dizei-me como soubestes a historia da irman de Fr. Vasco, a quem, se me não engano, déstes o nome de Beatriz?»

«Uma e outra cousa vos direi em breves palavras, — acudiu Fr. Lourenço. — Chamado hoje para ouvir de confissão uma pobre mulher de Restello, fui encontrar essa malaventurada donzella, que o seu roubador deixára entregue ao proprio destino logo que d'ella se aborrecêra. Sósinha, abandonada por aquelle malvado, sem conhecer ninguem na côrte, teria morrido ao desamparo, se não fosse a caridade de um pobre mouro, truão de officio, que lhe deu gasalhado e alimentou largo

tempo. Acompanhava-me Fr. Vasco; mas não a viu. Só depois de partirmos lhe disse que a' pessoa que eu acabava de confessar era sua irman; era Beatriz. Custou-me a retê-lo, impedindo que voltasse atraz e a assassinasse. Mas salvei-a e salvei-o a elle. Agora pedir-vos-hei a mercê que espero me concedaes.»

«E qual é ella? — interrompeu D. João d'Ornellas.

«Que faleis a elrei neste caso atroz, e que imploreis a sua justiça a favor de um monge da nossa ordem, e de sua mesquinha irman.»

«Atroz... sim atroz... — tornou o abbade, hesitando, e fazendo uma pausa a cada palavra que proferia — atrocissimo!... Mas, em verdade, reverendo Fr. Lourenço, que quereis que elrei faça? Taes crimes em tempos trabalhosos como estes, convem disfarçá-los; porque elrei ha mister de bons cavalleiros...»

«Perdoae-me, dom abbade! — atalhou Fr. Lourenço, a cujas faces subíra o rubor da indignação. — O que mais convem a um rei em todos os tempos é ser justo. Quem tira uma filha da casa paterna sem consentimento do que a gerou; quem, para enganar uma donzella innocente, troca por nome supposto

o verdadeiro nome, é que, satisfeitas as suas paixões brutaes, entrega a malaventurada á deshonra e á miseria, é um infame. Que a acceite por esposa, ou cáia sobre elle a pena da lei: seja infamado para sempre, e perca seus bens. Não faltarão a Portugal cavalleiros honestos para o salvar das mãos dos inimigos. A benção de Deus valerá bem a elrei a espada e a lança de um homem traiçoeiro, embaídor e vil.»

«Que? Pois D. Vivaldo não se chama assim?—replicou machinalmente o abbade, a quem as reflexões moraes de Fr. Lourenço começavam a seccar soffrivelmente.

«Não! Tomou esse nome em quanto residiu nos paços de Vasqueannes. O verdadeiro revelou-o a Beatriz quando a arremessou no abysmo da perdição, asseverando-lhe que o escondêra porque entre a sua familia e a della subsistiam odios antigos, que só o tempo podia destruir. Com este pretexto a persuadiu á fuga; com este pretexto a obrigou a viver occulta em Lisboa. Foi tambem por esse meio que pôde rir-se impunemente da vingança de Vasco, que o teria apunhalado, se o imaginario D. Vivaldo não fosse uma sombra van, que elle não podia encontrar. Sabeis quem é o miseravel hypocrita? É um es-

cudeiro cortezão e gentilhomem: um nobre fidalgo, valído de D. João I; é Fernando Affonso, o irmão mais moço de João Affonso de Santarem.»

Ouvindo aquelle nome D. João d'Ornellas recuou o tamborete em que estava assentado, e fa soltar uma exclamação; mas conteve-se. Abaixou a cabeça, e começou a esfregar as mãos e a estorcer os dedos com grande rapidez, mechendo os beiços como quem falava comsigo mesmo, sem proferir palavra.

Houve um largo espaço de profundo silencio.

«Se vós, padre abbade—disse por fim Fr. Lourenço com visivel anciedade—não quereis tomar sobre vossos hombros o peso deste negocio, permitti que eu, monge sem valia e desconhecido, o faça; que vá pedir justiça a D. João I. Elrei é generoso e justo: não a negará ao pobre frade, quando elle invocar, além das leis do céu, as da terra, que seu avô promulgou, e que seu virtuoso pae soube fazer respeitar por tal arte, que mereceu dos máus o nome de cru, dos bons o de justiceiro.»

«Não! reverendo Fr. Lourenço!—acudiu D. João d'Ornellas.—Falei de leve. Agradeço-vos essa linguagem, severa mas justa,

que me revoca ao sentimento do proprio dever. Estou, pela minha situação, no caso de contribuir para a boa execução das leis. Fernando Affonso é nobre, mimoso d'elrei e protegido pelo insolente prelado de Braga; mas, á fé, que um abbade de Alcobaça mostrará que não val menos que um primaz das Hespanhas. Obrigarei elrei a fazer justiça contra esse miseravel que abusou do gasalhado recebido; que lançou uma nodoa indelevel sobre o nome de uma familia honrada; que se cubriu a si proprio de infamia. Fernando Affonso, Fernando Affonso, a espada da lei está erguida sobre a tua cabeça!... O braço que ha de descarregar o golpe é o de D. João d'Ornellas. Saberás se elle é duro! Juro que o saberás!»

Dizendo isto, o abbade desandou uma punhada sobre o bufete, com tal violencia que o reitor meio adormecido deu um pulo, e levou as mãos á cabeça. Fr. Lourenço tomou as palavras e o murro do abbade por um movimento sublime de sancto zelo de justiça.

Sancto homem era o bom Fr. Lourenço!

«Reverendo reitor — proseguiu D. João d'Ornellas erguendo-se — preciso de recolher-me á cella que me está destinada. Avisae

tambem o irmão Fr. Vasco de que, ainda esta noite, lhe quero falar: dispenso para isso qualquer disposição em contrario, que me possaes apontar da nossa sancta regra.»

«Padre abbade — disse Fr. Lourenço, interrompendo o reitor que ía responder; — a sancta regra ordena que um monge de idade grave pouse sempre juncto com um dos mancebos. Fr. Vasco é o meu companheiro desde que veio para S. Paulo. Avisá-lo-hei de que deve comparecer ante vós, e por Jesu Christo vos rogo tranquilliseis aquella alma, onde entraram de novo todos os sentimentos de odio e vingança, desde que soube quem era o roubador de sua irman, e as artes infames de que se valêra para a fazer desgraçada.»

«Oh, por esse lado — tornou o abbade — podeis ficar descançado, virtuoso Fr. Lourenço. Eu restituirei a paz ao coração do mancebo. Ás minhas consolações e conselhos não resistirá elle. Fiae-vos em mim!»

«Mal o conheceis, senhor! — respondeu tristemente o mestre de theologia.

«Conheço os homens e o mundo. É quanto basta! — replicou o abbade.

Dicto isto, D. João d'Ornellas encaminhou-se para a porta do aposento, lançando os olhos de travez para Fr. Lourenço, e sorrindo com

um sorriso, em que havia o que quer que era diabolico.

Dalli a pouco os passos dos tres monges soavam ao longo do dormitorio contiguo.

IX.

O CONCILIABULO.

E ja nom posso chorar,
Cá ja chorand'ensandeçi.
CANC. DO COLLEGIO DOS NOBRES.

HAVIA poucos minutos que D. João d'Ornellas se recolhêra ao aposento que lhe destinára o reitor. Quem o visse passear de um para outro lado da estreita cella a passos largos, ora bracejando, ora rindo-se, ora carregando colerico o rosto, suspeitaria facilmente que o agitavam pensamentos encontrados e violentos; mas a suspeita se converteria em certeza, se podesse ouvir o soliloquio em que o

mui poderoso abbade desafogava a violencia das suas paixões, as quaes fôra obrigado a esconder diante de Fr. Lourenço, cujas virtudes e respeitavel caracter tinham constrangido o prelado a dar essas mostras de moderação.

O monge alcaide-mór escutára com sobrada indulgencia a historia do rapto de Beatriz, porque estava habituado a não considerar qualquer individuo dos que compõem a metade feminina do genero humano, senão como um pomo delicioso, que a natureza poz diante do homem para elle saborear, e proseguir no caminho da vida, sem de tal mais se lembrar. Mas, quando soube o nome do que o colhêra, e reflectiu em que, para este, se podia converter n'um lento veneno d'infamia e perdição, a sua alma rugiu de prazer; porque havia n'essa idéa uma esperança lisongeira de vingança satisfeita. Era meditando nisto que o reverendo abbade parecia tão agitado, e fôra por esse motivo que mandára chamar Fr. Vasco, com o intuito de ajunctar o seu odio ao do mancebo, e deste contacto fazer surgir um plano seguro de fulminar o commum inimigo, como do ferir do aço na pederneira se faz rebentar a chispa, que, batendo nas folhas seccas, vae incendiar a floresta.

Este odio figadal de D. João d'Ornellas

contra Fernando Affonso procedia de acontecimentos que antecederam á epocha d'esta historia, acontecimentos que se acham referidos pelos nossos chronistas civis e ecclesiasticos. Foram elles as famosas dissensões entre o abbade de Alcobaça e o arcebispo de Braga D. Lourenço. O que os historiadores, todavia, não relatam é que Fernando Affonso tivesse parte nessas dissensões, nem que entre elle e o arcebispo houvesse relações algumas. Nada sobre isso dizemos que não seja extrahido do rarissimo manuscripto de que vamos tirando a substancia desta narrativa. De tudo, porém, daremos uma breve idéa, quanto baste para o leitor perceber as causas occultas que faziam tomar a D. João d'Ornellas tão vivo interesse na punição de um crime, de cujo genero porventura mais de um lhe roía na consciencia; pois que, segundo elle affirma em seu testamento, muitas vezes *a carne o perduzia a usar de peccado, consentindo em tentações do diabo.*

Os antigos abbades de Alcobaça costumavam ser eleitos pelos seus monges, e confirmados pelo mosteiro de Claraval em França: na eleição de D. João d'Ornellas occorrêra, porém, uma circumstancia extraordinaria: o papa reservára para si o provimento da abbadia, e foi elle quem confirmou a eleição. Em

consequencia d'isto D. Lourenço, então colleitor apostolico em Portugal, entendeu que devia exigir do novo abbade a annata ou renda do primeiro anno do seu governo: mas, desgraçadamente, tambem D. João d'Ornellas entendeu que não devia pagá-la. No mez de fevereiro de 1385 o arcebispo foi buscar o refractario, e chegou a Alcobaça com grande copia de homens d'armas. Entretanto o abbade tinha-se acolhido ao castello, e fechára as portas do mosteiro. Ainda então não existia n'aquelles sitios, afora o castello e o convento, senão a primeira igreja, que os monges primitivos haviam edificado em tempo de D. Affonso Henriques. Ahi se recolheu D. Lourenço, e passou uma das mais aziagas noites da sua vida, cheio de fome e de frio, sem que podesse obter do cercado o menor provimento ou conforto. Depois de porfiada lucta, em que nenhum dos contendores chegou a recorrer ás armas materiaes, mas em que se não pouparam citações, appellações, excommunhões, protestos e mutuas injurias, o arcebispo se retirou desbaratado para o Porto, onde continuou a demanda, que finalmente foi decidida em Roma a favor de D. João d'Ornellas em 1390.

Considere o pio leitor a zanga, despeito, odio, raiva, furia e rancor que ficaria subsis-

tindo entre os dous religiosos varões desde aquella memoravel epocha. Que o abbade muitas vezes acoimasse o arcebispo de injusto, violento, e até de ladrão é mais que provavel; que o arcebispo lhe retribuiu com dar-lhe o nome de desobediente, traidor, perjuro, e scismatico, é historico e certo. Além disso este rancor, em vez de diminuir, devia crescer lavrando occultamente; pois que, ligados ambos ao mesmo bando politico, ambos cortezãos de D. João I, eram obrigados a mostrar, se não mutua amizade, ao menos mutuo respeito. E se fosse verdadeira a celebre carta do *rexoxó*, escripta pelo arcebispo ao abbade, deveriamos confessar que, não obstante a virtude que a historia attribue a D. Lourenço, era impossivel que D. João d'Ornellas lhe levasse a melhoria em dissimulação.

O odio reciproco dos dous ministros do Altissimo estendeu-se, como era de esperar, aos clientes de ambos. Um dos de D. Lourenço foi o primeiro que se atreveu a guerrear abertamente o capitão do bando contrario.

Eis o caso:

Os habitantes de Turquel e de Evora, povoações que ficavam dentro dos coutos de Alcobaça, cansados de soffrer as vexações de D. João d'Ornellas, tomaram a heroica resolução

de recorrer a elrei, para que, como pae de seus vassallos, atalhasse a destruição que, semelhante á raposa em festa nocturna de capoeira bem povoada, nelles fazia sua despotica e dissoluta reverendissima, o mui honrado padre abbade. Com este intuito redigiram uns capitulos, cuja substancia poremos aqui para edificação do leitor.

Queixavam-se os povos do couto de que o abbade, quando elles lhe não obedeciam cegamente, mandava prender os juizes, officiaes de justiça e quaesquer outras pessoas, e os fazia descer por cordas aos subterraneos dos castellos d'Alcobaça, onde *não viam sol nem lua*, até que ahi cegavam;—de que não lhes permittia, nem colher os fructos das proprias arvores, nem tirar a casca dos carvalhos para curtimentos, mister em que principalmente se occupavam naquellas povoações, nem cortar madeira nos matos e florestas para edificarem suas moradas, ou repararem as cubas de suas adegas;—de que, em havendo nobres hospedes no mosteiro, o abbade mandava rapinhar as vaccas, porcos, gallinhas e carneiros dos miseraveis, e com isso banqueteava elrei e os senhores, pagando tarde, mal, ou nunca os objectos assim furtados;—de que tirava os *mesteiraes* (officiaes mechanicos) a quem os

tinha assoldadados;—de que ordenava aos homens livres lhe carreassem as madeiras cortadas nos pinhaes da Pederneira e na matta de Maiorga, como se os moradores do couto fossem servos da gleba;—de que, na conjunctura da batalha de Aljubarrota, tendo-se recolhido ao castello de Alcobaça e aos mattos circumvizinhos as mulheres e filhos dos que pelejavam pela patria, e havendo estes levado ás suas familias despojos que valiam cem mil libras, o abbade lhes tomára tudo, mandando prender aquelles que para si reservavam alguma cousa;—de que, para obrigar os povos a pagarem um imposto que por propria auctoridade lançára, fôra certo dia de madrugada pelas casas dos refractarios, e pondo fóra dellas as mulheres e crianças nuas, fechára as portas, e não deixára entrar ninguem, sem lhe pagarem quanto elle queria;—de que, ao mesmo tempo em que lhes tomava, para a guerra contra Castella, cavalgaduras, dinheiro, e mantimentos, os obrigava a trabalharem gratuitamente nos reparos dos seus castellos, e até em serviços peculiares do mosteiro, promettendo, como grande beneficio, descontar-lhes estes serviços nos impostos e fintas que segundo seu alvedrio lhes lançava;—de que, finalmente, substituindo os juizes de eleição po-

pular por outros da sua escolha, todas as queixas dos povos eram resolvidas a bel-prazer delle abbade, e não conforme os dictames da boa justiça.

Estes capitulos, escriptos com eloquente aranzel em um extenso rôlo de pergaminho, foram apresentados a elrei por mão de Fernando Affonso, que, ligado por amizade e parentesco com o arcebispo D. Lourenço, e por isso, como dissemos, inimigo capital de D. João d'Ornellas, se prestou de bom grado a ser procurador dos queixosos, e a aproveitar a entrada e privança que tinha com elrei, para com mostras de generoso descubrir o máu procedimento do abbade, e diminuir a sua influencia. Todavia, o terrivel prelado era demasiado poderoso, e o seu poder pesava demasiado na balança das questões politicas, internas e externas, que agitavam o reino, para não ser refreado e punido em obsequio da justiça. Posto que na epocha de D. João I o povo fosse ainda uma cousa grande e forte, porque a vida municipal, garantia unica possivel de verdadeira liberdade, não era ainda convertida em comedia pela monarchia absoluta, para esta a legar, transformada em farça de titeres, ás hexarchias ministeriaes, que acceitâmos benevolamente como governos represen-

tativos; posto que, dizemos, o grito popular de angustia ou de colera soasse ainda tremendo nos ouvidos dos poderosos, a voz dos pequenos municipios de Turquel e de Evora era mui debil, para só per si sobrelevar ao tumulto da guerra d'independencia, e fazer pospor as considerações a que, para levar esta a bom termo, era necessario attender. Assim as queixas esqueceram-se, o clamor dos vassallos de Alcobaça soou debalde aos pés do throno, e os habitantes de Turquel e d'Evora tiveram de contentar-se com aquelle desafogo inutil.

Não perdeu, todavia, Fernando Affonso o seu trabalho. D. João d'Ornellas soubera de tudo, e jurára vingar-se. O cavalleiro devêra tê-lo percebido; porque a primeira vez que o reverendo abbade viera á côrte, o tractára com desusada affabilidade e carinho.

Era por isso que, ora exultando de prazer, ora recordando-se colerico da offensa que recebêra, o abbade de Alcobaça, agitado por pensamentos diversos, esperava ancioso a chegada de Fr. Vasco.

«*Benedicite, Domine!*—disse uma voz tremula, que soou á porta da cella.

«Entrae, irmão:—respondeu o abbade.

A porta rangeu nos gonzos. Fr. Vasco, em

pé, com os braços cruzados, e a cabeça baixa, estava diante de D. João d'Ornellas.

«Assentae-vos! — disse este, apontando para um tamborete dos que se viam enfileirados ao longo das paredes.

«Senhor!... — replicou Fr. Vasco duvidoso.

«Assentae-vos!»

O mancebo obedeceu. D. João d'Ornellas arredou outro tamborete, e assentou-se defronte delle.

«Agora escutae-me, e respondei sinceramente ás minhas perguntas.»

Fez uma pausa, fitou no mancebo o seu olhar de milhafre, e proseguiu:

«Ha um homem nobre, rico e poderoso, que derramou sobre vosso nome a infamia, que assassinou vosso pae, que converteu vossa irman em uma barregan miseravel, e depois a abandonou. Houve um tempo em que vós, na flor da mocidade, fidalgo, valente, e cavalleiro, vos poderieis ter desaffrontado chamando-o ao juizo de Deus na estacada do combate. Hoje sois um pobre monge, que trocou a armadura e as esporas douradas pela cugúla e sandalias, a espada e a lança pelo bordão de peregrino, o orgulho da fidalguia pela submissão monastica, o valor de soldado pelos pensamentos e

terrores da morte. Nada, pois, vos resta, senão resignar-vos na infamia, na abnegação da vingança, no esquecimento do passado. Pela sancta obediencia que deveis, dizei-me a verdade, a verdade nua: estaes resolvido a assim o cumprir?»

«Reverendo e mui veneravel abbade,—respondeu Fr. Vasco, cujas palavras, ora rapidas, ora lentas, bem mostravam a tempestade da sua alma—ha oito horas que eu tenho provado quantas dores de espirito é possivel padecer na vida: duas dessas horas passei-as sósinho a clamar ao Senhor que minorasse a minha angustia; mas o Senhor não me ouviu. Então, desesperado, invoquei o demonio; e rolei-me furioso pelo pavimento da minha cella, que humedeci com o suor da fronte, não com lagrymas, porque estes olhos já não podem chorar. Daria nesse momento a vida,—mais que a vida, a salvação,—por vingar-me, e vingar a minha pobre Beatriz, que, filha e irman de cavalleiros, creu que nenhum neste mundo podia ser desleal: por vingar minha irman innocente, e que tanto tempo julguei culpada, daria o corpo ao patibulo, a Satanaz a alma! Padre abbade, quebrae, se é possivel, os meus votos, lançae-me, como um homem perdido, fóra desta sancta morada, e dae-me

uma acha d'armas, um montante, um punhal!.. Eu irei arrancar Fernando Affonso, se preciso fôr, do paço, dos degráus do throno, da camara do proprio D. João I. Um ferro!...: e arrastá-lo-hei a Restello, aos pés de Beatriz, e far-lhe-hei pedir perdão com lagrymas de sangue, e ella lhe perdoará talvez, e esse perdão será inutil!... Mas isto é um sonho, veneravel abbade!—proseguiu o moço cisterciense com voz afogada.—Que posso eu fazer! Appellar para a justiça d'elrei, com a esperança da qual o bom Fr. Lourenço pensou que me confortava! Quizestes que eu vos dissesse quaes eram as minhas intenções: fiz mais; contei-vos a infernal historia do meu coração... Agora,—accrescentou com um sorriso doloroso,—esperarei resignado pela justiça d'elrei.»

«E se eu vos ordenar que, no caso de D. João I não castigar o criminoso, perdoeis a este todo o mal que vos causou?»

«Padre abbade,—replicou o mancebo com o accento da desesperação,—não vos obedecerei.»

«Mas vós sabeis que no mosteiro de Alcobaça ha um carcere, e nos fundamentos do seu castello masmorras onde não entra o sol.»

«E que importa ao coração em trevas que

os olhos vejam o dia? Que importa ao espirito captivo na estreita regra do claustro que o corpo esteja comprimido entre as paredes de um calabouço? Não, padre abbade, não!... A minha alma não se manchará com o pensamento insensato do perdão. O meu odio é o ultimo thesouro que me resta de tudo o que deixei no mundo: está muito dentro para vós haverdes de roubar-m'o. Não creio que o minorasse ver cumprida essa pena que a lei impõe aos seductores; pena mesquinha, porque não foi feita por homem, que, como eu, tivesse recebido uma grande e imperdoavel affronta. Mas as vossas palavras me provam que não devo ter nem essa miseravel esperança! Guardarei pois o meu rancor inteiro, e se quizerdes, ámanhan mesmo parto para o carcere de Alcobaça. Aqui ou lá, pouco me importa onde é que tem de escoar-se o resto de meus dias. Fr. Lourenço cá fica para acudir com as suas esmolas á minha pobre Beatriz.»

D. João d'Ornellas olhava para Fr. Vasco com um sorriso que mal lhe despontava nos labios, e quando o frade acabou de falar, estendeu para elle a mão:

«Á fé, que encontrei finalmente um homem debaixo da estamenha monastica!»

O mancebo pensou por um momento que o

mui reverendo abbade escarnecia delle; mas breve se desenganou.

«Um homem, sim! — proseguiu D. João d'Ornellas; — porque só merece este nome quem não sabe vergar debaixo do peso das affrontas. Mancebo, eu quiz experimentar-te: quiz conhecer se eras como qualquer desses monges vilissimos que julgam dever, ao cruzar o umbral de uma portaria, renegar da honra, e acceitar oppressões e injurias como se fossem beneficios e mercês. Tu não és como elles; a tua alma é grande e altiva como a de D. João d'Ornellas, cujo odio é indestructivel e fatal. A differença entre ti e elle consiste em que o monge nada póde, e o abbade póde muito; póde tudo. Mas tu poderás tambem; porque eu te erguerei da terra. Alegra-te, Fr. Vasco! O teu inimigo primeiramente o foi meu. Como tu lhe votaste odio immenso, inflexivel, perpetuo, assim lh'o votei eu. Vingar-nos-hemos ambos, e o abbade de Alcobaça, o senhor de quatorze villas, o alcaide de dous castellos, o cavalleiro cujo pendão se ergue na guerra sobre as cabeças de centenares de homens d'armas, vae consagrar á tua vingança, que é sua, quanto val e quanto póde. Irmão, amigo, ser-te-ha D. João d'Ornellas. Façamos uma liança d'odio: cavalleiro, aperta esta mão

de cavalleiro. Juro ser-te fiel como a acha d'armas ao braço robusto do pelejador: jura-me tambem tu que serás meu na vida e na morte, que para ti não haverá nem hesitação, nem remorsos!»

Com um movimento convulso Fr. Vasco apertou a mão do abbade, e com voz rouca e lenta respondeu:

«Alma e corpo, padre abbade, dou-vos tudo nesta vida: que na outra... a minha alma pertence aos demonios!»

«Outra vida! outra vida!—interrompeu o monge alcaide-mór com um sorriso.—Quem sabe lá nada da outra vida? Viste já tu o demonio? Não. Nem eu. É impossivel que Deus queira que o homem, o rei da creação, em cujo seio gravou o sentimento da propria nobreza, o valor que contrasta os perigos, e o engenho que domina a terra, seja um ente vil e covarde. Os theologos dir-vos-hão: Deus fez o homem á sua imagem e semelhança: depois lembrar-vos-hão como elle vinga as injurias que lhe fazemos, e concluirão, por fim, recommendando-vos o perdão das que vós recebeis! Boa dialectica será essa, mas não para D. João d'Ornellas. Mais forte que o amor, que a ambição, que tudo, é a sede de justa vingança: neste sentimento, que não em outro qualquer,

reconheço eu a origem divina do homem. O que soffre e se abraça com a cruz será, talvez, um ente sublime; mas o proprio S. Paulo chamou a isto loucura.»

O frade mentia e blasphemava; mas as suas blasphemias calavam no coração de Fr. Vasco como um balsamo suave; porque o ultimo trago d'infamia que bebêra o fizera chegar á méta da desesperação; e o desgraçado, vendo tardar a justiça divina, renegára inteiramente de Deus!

D. João d'Ornellas contou então ao moço cisterciense a historia das suas dissensões com o arcebispo de Braga; mencionou as antigas relações que existiam entre o primaz e Fernando Affonso, e como este, incitado, talvez, occultamente por D. Lourenço, ousara apresentar a elrei, acompanhando esse acto com suggestões malevolas, os capitulos dados contra elle pelos seus subditos rebeldes de Turquel e d'Evora; e concluiu declarando a sua firme tenção de tirar amplo desaggravo da damnada ousadia do moço escudeiro, e de tomar a seu cargo a defensão de uma causa tão justa, qual era a de Fr. Vasco; de um homem, que, como elle, vestia o habito de S. Bernardo.

Depois disto, D. João e o moço frade approximaram-se mais um do outro, e falaram

muito tempo em voz baixa, como se receiassem que as paredes da acanhada cella podessem vir a revelar alguma parte dos seus intentos. Com as faces encendidas, e os olhos banhados em alegria feroz, os dous monges, conversando assim junctos á luz avermelhada das tochas com que se allumiava esta scena, formavam um quadro semelhante áquellas visões phantasticas, repugnantes, e dolorosas, que passam em nossa alma, quando por noite de febre nos aperta o coração longo e afflictivo pesadello. O mysterio d'odio implacavel que ahi se passou, ficará patente aos olhos do leitor, se tiver paciencia bastante para seguir comnosco a serie dos successos derramados nos seguintes capitulos.

X

A TAVOLAGEM DO BÉSTEIRO.

> Hordenamos e estabellecemos por ley que nós nem outrem de nosso senhorio, de qualquer estado e condiçom que seja, nom tenha tavolagem em praça, nem em escondudo.
>
> LIV. DAS LEIS E POST. ANT. *Lei de D. Aff. IV.*

QUEM hoje se encaminhar ao longo da rua vulgarmente chamada dos Capellistas, dobrar o penultimo quarteirão da Rua-nova da Princeza, e seguir pela rua dos Confeiteiros, caminho da Ribeira-velha, terá passado por cima da sepultura das mais nobres ruinas da antiga Lisboa. A *Rua-nova*, designada assim por antonomasia, passava pouco mais ou menos pelo sitio em que hoje está lançada a Rua-

nova d'Elrei: a sua origem remontava quasi ao berço da monarchia, e já no tempo de D. Fernando era o centro da actividade commercial da cidade, então frequentada d'estrangeiros de diversas nações, que vinham buscar o nosso trato e commercio. Depois da feitura da nova muralha (1373—5) prolongava-se com esta, e vinha findar nas proximidades da moderna igreja de S. Julião pelo lado do occidente, em quanto pelo topo oriental terminava no Pelourinho-velho. Aqui a povoação se dividia como em dous troncos; um que, subdividido em muitos ramos de ruas enredadas e escuras, subia para a Alcaçova; outro, que seguia ao longo da muralha e ía desembocar fóra das Portas-do-mar, no bairro chamado Villa nova de Gibraltar. Entre estas duas divisões jazia a Alfama, a cuja frente se elevava a velha cathedral. A Alfama fôra no tempo do dominio sarraceno o arrabalde da Lisboa gothica; fôra o bairro casquilho, aristocratico, alindado, culto, quando a *Medina Achbuna* pousava enroscada tristemente no seu ninho de pedra, no que dépois se chamou a Alcaçova, e hoje o Castello. Quando, porém, no seculo XIII a população christan, alargando-se para o occidente, veiu expulsar os judeus do seu bairro primitivo, situado na actual cidade

baixa, e os encantoou para a parte do sul da cathedral, a Alfama foi perdendo gradualmente a sua importancia, e converteu-se a final n'um bairro de gente miuda, e, sobretudo, de pescadores. A Rua-nova, a aorta de Lisboa, rica de seiva, chamara a redor de si toda a vida da povoação. A velha judiaria era agora o coração da cidade, e a Alfama, em parte feita plebea, e judaisando em parte, viu pender e murchar a sua guapice, transitoria e morredoura como todas as glorias do mundo.

Nesse bairro, no fim da rua chamada ha seculos das Canastras, juncto ás Portas-do-mar, corria uma casa baixa, mas solidamente edificada, a qual contrastava com as que lhe estavam proximas pela sua muita antiguidade: duas janellas, cujas vergas se arqueavam á feição de uma ferradura, abertas nos dous extremos da frontaria, a igual distancia do espaçoso portal que lhe ficava no meio, desdiziam das frestas ponteagudas e estreitas que davam luz ás moradas vizinhas, bem como o portal, igualmente terminado em volta de ferradura, largo e baixo, contrastava com as elegantes portadas gothicas dos outros edificios, cujos tectos esguios e bordados de ameias tambem diversificavam do tecto do edificio mourisco, que offerecia aos seus habitadores um eirado

espaçoso, onde pelas madrugadas serenas, ou ao pôr do sol de um dia de estio, podiam ir respirar uma viração mais pura, que raras vezes passava pelas ruas tortuosas, estreitas e immundas da velha cidade mourisca.

Eram perto das seis horas da tarde do dia seis de maio do anno de 1389. No pequeno terreiro que formava, pela parte interior, a entrada das Portas-do-mar, já mal se divisavam os objectos, porque a noite descia rapidamente do lado oriental, posto que ainda o clarão avermelhado do crepusculo tingisse os altissimos corucheus azulejados, que serviam de topo e remate ás torres da cathedral. Pelo arco escuro e profundo das Portas-do-mar entrava grande multidão de povo miudo, principalmente pescadores, que se recolhiam antes que a escuridão da noite tornasse mais temerosos os encruzilhados becos e ruas torcidas, que davam para o interior d'Alfama. Com estes se misturavam os judeus, que, vestidos como os christãos, e divisando-se-lhes escaçamente os sinaes vermelhos, que traziam cosidos nas roupas sobre o estomago, corriam apressados para o seu bairro, situado mais ao oriente juncto á Porta d'Alfama, no angulo da velha cerca, para lhes não saír da bolça a inevitavel mulcta, que deviam pagar, sendo encontrados fóra da Ju-

diaria depois de terem soado as tres fataes badaladas do *sino da oração*. Com igual ou mais rapido movimento se viam branquejar os albornozes alvacentos dos mouros no meio do encontrado perpassar da gente. Mais raros em numero, que os judeus, e seguindo differente rumo, estes se encaminhavam para a banda da antiga Porta-do-ferro, donde, atravessando pelo sopé da Alcaçova, desciam para o valle da Mouraria, cujo nome provinha de ser ahi situado o bairro em que elles habitavam, e em que ao mesmo signal das trindades, eram obrigados a recolher-se, sob pena de castigo igual ao que se impunha aos judeus. O dia pois acabava, e a noite ía em breve estender o seu manto de escuridão e silencio sobre a vetusta cidade, cabeça da boa e nobre terra de Portugal.

Encostado á hombreira do portal mourisco, que dava entrada para a casa contigua ás Portas-do-mar, que acima fica descripta, um homem, que mostrava ser de idade de quarenta a quarenta e cinco annos, tinha os olhos pregados naquella mó de mesteiraes, pescadores, villãos, judeus, mouros, que passavam como torrente, fazendo um borborinho infernal de gritos, risadas, motejos, cantigas, e passadas a um tempo rapidas e resonantes; ruído

tal que fazia semelhar o pequeno terreiro a uma especie de pandemonio. A personagem que contemplava esta scena popular era pelo seu trajo homem d'armas, ou pelo menos bésteiro de cavallo, e parceiro folgasão pela sua figura e aspecto. Baixo, grosso e roliço, nariz rombo e vermelho, faces avultadas, rebarbativo e risonho, podê-lo-hia tomar por uma figura de Sileno, quem para elle olhasse, se naquelle tempo houvesse alguem assaz lido em mythologias pagans para se lembrar do jovial deus dos toneis. Tinha vestido um tabardo de valencina azul, umas calças de panno viado, ou de riscas, de Larantona, e por cima um capeirão de barregan: cubria-lhe a cabeça um sombreiro grande de lan: tinha calçados uns sapatos de couro branco; e para completar este trajo, um tanto aprimorado, trazia pendente da cinta de cordovão vermelho uma grande algibeira ou bolça de argempel, onde já muito a custo se descubriam alguns reflexos metallicos.

A attenção com que o estafermo, cuja figura e vestuario acabamos de examinar miudamente, olhava para o tropel de povo que se recolhia, não indicava a mera curiosidade de uma pessoa desoccupada que neste semsabor divertimento gastava o tempo por não saber

como o occupar melhor. Conhecia-se pelo estender do pescoço de espaço a espaço e pelo franzir dos sobrolhos, que elle esperava anciosamente alguem, que começava a tardar mais do que o bom do bésteiro entendia ser justo. A sua impaciencia não foi, todavia, posta a larga prova. Um moço de monte desceu correndo do lado da sé, e chegando de leve ao pé do bésteiro, que tinha os olhos fitos no vão da porta da cidade, já inteiramente obscurecido, bateu-lhe no hombro dando-lhe um piparote na barba.

«Olé, Lourencinho amigo! Que imaginações vos trazem assim enlevado? Esperaes dessa banda os vossos amores?»

«Nem migalha, Galeote: — tornou o bésteiro, voltando-se rapidamente, e agarrando pelo braço o rapaz, que se estorcia pára lhe fugir. — Dês que elrei D. Fernando me deu quantia para bésta de garrucha, aljava de cem virotes, e rocim de encavalgar; depois que o carniceiro se converteu em homem de hoste, as mancebas parece que fogem do pobre de mim. Por vós esperava eu. Que novas do senhor conde?»

«Aqui estará logo que tanja o sino de correr. Vim de volta pela Porta-do-ferro, porque... Mas, com a fortuna! Já eu ía badalar

por onde vim, com quem falei, o que disse... Nada, nada, meu amo! Ponto em boca!»

«E que me importa a mim — acudiu o homem baixo e roliço — a mim, Lourenço Braz, bésteiro de cavallo, com tavolagem de fidalgos e homens d'armas, em que peze ás justiças d'elrei, se pela banda da sé, ou pela de Villa nova de Gibraltar, Galeote Estevens, o moço de monte do conde de Seia, me veiu avisar de que seu nobre amo e senhor vinha esta noite com seus parceiros perder ou ganhar á jaldeta, ao curre-curre, ou aos dados alguns centos de dobras de ouro, na honrada casa de jogo das Portás-do-mar, a que certos traidores scismaticos se atrevem a chamar casa de perdição? O que eu precisava de saber era se elle vinha de feito.»

«Virá, virá, e não só. E diz que tenhaes prestes a collação do costume; mas algo mais avultada.»

Então é noitada de vulto? Temos algum mercador judeu, prazentim ou flamengo a esfolar? Ou é o arraes da carraca de Alexandria que chegou ha pouco, e que vem arrevesar com vomitorio de dados as marcas esterlingas de bom ouro, por que vendeu os assucares rosados nas boticas da Rua nova? Ou é...»

«Ou é, ou é, ou é—interrompeu o trefego rapaz imitando a voz rude do bésteiro.—Não é nada disso, homem!»

«Então que é?»

«Eu sei lá!»

E o moço de monte desatou a rir. Depois, encolhendo uma perna, agarrou-a pelo tornozello, e poz-se a saltar sobre a outra, volteando diante do gordo bésteiro, e cantando uma volta antiga:

«A que vi entre as amenas
Deus! como parece bem!
E mirei-la das arenas:
Dês-hi penado me tem.»

«Forte doudo!—exclamou o bésteiro.—Boa occasião de cantar trovas velhas como a sé.»

O rapaz soltou a perna esquerda, alevantou a outra, volteou ainda mais rapidamente em sentido opposto, e começou a trautear em diversa toada:

«Dama do corpo delgado,
Em forte ponto eu fui nado;
Que nunca perdi cuidado,
Nem afan, dês que vos vi!
Em forte ponto eu fui nado,
Dama, por vós e por mi!»

Lourenço Braz era curioso. Quem não tem seu defeito? O moço de monte sabia alguma

cousa que não queria dizer-lhe. Mas elle tinha receita experimentada para lhe desempeçar a lingua. Puxou por um braço ao dançarino cantor, e arrastou-o para ao pé de si.

«Acaba já com esse chilrear de rouxinol de maio. Se não me queres dizer quem vem com o senhor conde, não digas. Repito-te que não me importa. Mas entra cá um pouco, e ao menos dir-me-has se o vinho do bésteiro é digno dos seus hospedes. Entretanto eu porei a ceia ao lume para tudo estar a ponto. Tira-te d'ahi, que a noite vae humida e fria, e cerra a porta após ti.»

Proferindo estas palavras, Lourenço Braz entrou, e Galeote Estevens, sem lhe responder nada, seguiu-o arrastado por força maior, mas sempre cantarolando. Agora, porém, a volta era moderna: uma dessas cantigas que surgem da imaginação dos Beethovens populares em epochas revolucionarias, e que se nacionalisam com a rapidez do relampago.

«Abite, abite, abite,
Mate-te a mazella:
Perro castelhano
Vai-te pr'a Castella.
Se é vinho de mais d'anno,
Venha uma escudella.
Abite, abite, abite.....»

«Vae cantar dessas trovas, Estevens, em casa do senhor conde:—disse o bésteiro, voltando-se para traz, e rindo.

«E porque não? Elle é tão bom vassallo d'elrei como João Rodrigues de Sá, ou outro qualquer dos melhores.»

«Sim, depois de Aljubarrota, quando no seu castello de Cintra já não podia ter voz muito tempo pelo scismatico de Leão e Castella. Mas, caluda, que ambos nós somos homens de sua mercê.»

Dizendo isto, os dous tinham atravessado um longo e escuro corredor, e achavam-se n'uma vasta quadra do edificio, a qual ficava na extremidade d'elle juncto com o muro da cidade. Cinco lampadas de tres lumes pendentes do tecto allumiavam este aposento, que durante o dia apenas recebia luz da janella mourisca rasgada no angulo da banda da muralha, e que pouca lhe podia transmittir, fechada como era por uma grade de ferro tão basta que melhor lhe caberia o nome de rede. Até a altura da cabeça de homem as paredes da sala estavam forradas de taboas de castanho, madeira de que igualmente era tecido o pavimento e construida uma enorme banca collocada no meio da casa. Uns como sophás, de encostos mui baixos nos topos, e cubertos com

mantos ou coberturas de picote de Palencia, que cahiam até o chão, viam-se enfileirados ao longo das paredes e ao redor da grande mesa, cuja superficie estava cheia de picadas de punhal, o que provava que os jogadores costumavam ter prompto e á mão juiz, senão recto, ao menos inflexivel, que pozesse termo, bem que de modo um pouco violento, ás suas contestações.

O bésteiro apenas entrou encaminhou-se para uma descompassada chaminé, rasa com o chão, e embebida na parede, em que ardiam algumas achas de zambujeiro: puxou para o lume dous grossos tóros que estavam arrumados com outros no fundo da lareira: tirou de um armario contiguo uma perna de boi quasi inteira; pô-la em uma certan com duas alentadas postas de toucinho, e pendurou esta de um gancho que ficava por cima da fogueira: depois tornou ao armario, e veiu collocar sobre a mesa uma grande agomia de cobre cheia de vinho, e duas taças de estanho, fazendo ao mesmo tempo signal a Galeote Esteves para que se assentasse.

O moço de monte obedeceu, em quanto, de pé, o bésteiro enchia as duas taças, e empurrava uma para defronte d'elle.

«É do especial! — disse Galeote Estevens,

depois de ter bebido, pousando a taça em cima da mesa, e chupando a um tempo ambos os beiços.

«Não o ha melhor dez leguas em volta — respondeu Lourenço Braz, tornando a encher-lhe a malga, que o bom de Galeote Estevens despejou de um golpe com o mesmo garbo.

O bésteiro pegou de novo na agomia e na taça para repetir a dose, depois de ter ido virar a carne que chiava na certan.

«Tá, tá — acudiu o moço de monte interpondo a mão de vagarinho entre os dous vasos, nos quaes se ía ainda uma vez fazer a demonstração de que os liquidos tendem a nivelar-se.

«Que diabo de homem és tu? — disse Lourenço Braz com aquelle tom de mau humor que indica a boa vontade. — Impas com duas sedes de vinho? O capellão da mouraria, Zein-al-Din, que, segundo dizem, nunca lhe tomou o cheiro, não creria ter quebrado o preceito do seu maldicto alcorão se não tivesse bebido mais do que essas duas lagrymas delle, que duvido te chegassem ao gasnete por pouco furados que tenhas os dentes.»

«Agora por mouraria... já me passava o dizer-vo-lo!... — exclamou o moço de monte,

rindo a bom rir, e pondo as mãos nas ilhargas, como se receiasse estourar.

«O que?—interrompeu o bésteiro, aproveitando ao mesmo tempo a retirada das mãos de Galeote para lhe encher de novo a taça até as bordas.

«O que?! A cousa mais graciosa deste mundo: o mouro Alle está sancto.»

«Quem, o jogral que foliava por essas ruas, e que desappareceu desde o dia em que o atropellaram á sé, quando tu e os outros velhacos da tua laia lhe estorroaram na cara lixo e terra, porque arrenegava de Christo e de Mafamede no meio das suas lastimas doridas?»

«O mesmissimo, sem tirar nem pôr.»

«Ora essa!... Ah, ah, ah!—disse Lourenço Braz, fazendo a segunda á risada de Galeote, mas com uma voz de Stentor.—Onde anda elle! Metteu-se beguino? Quero vê-lo depois de baptisado, com a cabeça rapada, e a roupeta da sancta regra. Ha de ser cousa famosa! Ah, ah, ah!»

«Ainda não vae n'essas alturas; mas espero que lá suba dentro em pouco!—atalhou o moço de monte.—Tenho-o visto entrar e saír do collegio de S. Paulo, e andar muito sisudo atraz de Fr. Lourenço Bacharel, e d'aquelle frade moço seu compa-

nheiro, com os olhos sempre no chão, e com taes ademanes de beato, que parece, como elles, um homem de Deus, de tal guisa, que, a-la-fé, de todos os seus momos este ultimo é o que mais me faz rir.»

«Ah! então o caso é outro: — replicou o bésteiro, bebendo o vinho, que ainda tinha intacto diante de si. — Todavia, lá vae á saude do futuro servo de Deus, que será canonisado, nanja pelo padre sancto de Roma, mas pelo herege scismatico que está em Avinhão. Anda, Galeote, bebe; e vamos a falar no que importa; dize-me quantos são os hospedes que hoje. . .»

«Á saude de Sancto Alle, ex-jogral de officio, e escholar de beato na estudaria de S. Paulo: — gritou Galeote Estevens levando a taça á boca, e já quasi embriagado ao ponto em que o bésteiro o queria.

«Um ruido de muitas passadas reboou então pelos ecchos do aposento. Tão embebidos estavam os dous no seu dialogo, que só então deram tino de que alguem se approximava.

Estremecendo, o bésteiro voltou-se rapidamente: Galeote Estevens, pondo-se em pé, deixou cahir a taça, e ficou com a boca semiaberta, e com os olhos pregados na porta.

No limiar della estava uma pinha de vul-

tos, embrulhados em grandes capuzes de almafega parda, de modo que não lhes appareciam os rostos. Lourenço Braz olhou de travez para o moço de monte, como accusando-o de ter deixado a porta aberta, e saltando de um pulo ao canto da casa lançou mão de largo cutello, que tinha pendurado de um prego, e gritou:

«Olé, que ninguem dê passo sem dizer seu nome, senão com esta almarcova far-lhe-hei nas pernas um traço como o que fiz nas do cavallo de Fernão Sanches, na cavalgada entre Elvas e Badalhouce, em tempo do bom rei D. Fernando.

«Devagar, Lourencinho, devagar:—disse o conde de Seia D. Henrique Manuel, deitando para traz o capello do capuz.—Não tens de que te arreceiar. Sou eu! Parecia-te o meirinho da côrte e os seus algozes? Heim?»

«Lá a dizer a verdade, não é graça:—respondeu o bésteiro, largando o cutello e coçando na cabeça.—Uma pessoa, aqui, anda a bem dizer com os tagantes nas ancas, os degráus do pelourinho debaixo dos pés, ou a corda de linho canave de tres ramaes ao redor do pescoço: açoutado, posto na gaiola, ou enforcado por dar gosto aos fidalgos. Vossa mercê bem sabe o qne resam as posturas da-

quelle rei velho, o avô d'el-rei, sobre as tavolagens. . . »

«Melhor que tu! — atalhou o conde, voltando-lhe as costas, e dirigindo-se ao moço de monte, que parecia uma estatua: — Galeote, patife, anda cá. Foste ao adro da sé. Que te disse o embuçado?»

Galeote approximou-se, procurando ter-se firme no chão que lhe dançava em redor, e, olhando com aquelle olhar vago que é o sobrescripto da embriaguez, respondeu com voz tarda e maviosa:

«Sem falta. . . Ha-de vir. . . Ao sino de correr... Não póde tardar.. Acabou-se... Puah!»

E recuando, recuando, com as mãos atraz das costas, arrimou-se á quina da hombreira da porta, e ficou por alguns instantes a oscillar sobre ella, como balança no fiel, para um e para outro lado.

«Vae-te! — gritou o conde colerico. — Aquelle pichel, Lourenço Braz! A culpa é daquelle pichel. Anda, põe-no fóra, que não sei se acertará com a saída. Cerra a porta após ti, e espera. Quando sentires cinco aldravadas abre, e deixa entrar um embuçado, com que darás de rosto. Toma tento. São cinco. A não ser isso, batam uma, batam cem, faze de conta que estás morto. Lembra-te do meirinho da

côrte e do corregedor d'elrei. Vereis agora —accrescentou voltando-se para os vultos rebuçados — se é phantasia minha.»

Olhos no conde, olhos na certan, o bésteiro tinha neste meio tempo ordenado tudo para a refeição. O desconforme assado fumava no meio da mesa n'uma ampla palangana d'estanho e rodeado de diversas veações frias: os *prateis*, as agomias e os picheis do mesmo metal brilhavam em volta, e ao pé delles as *copas*, ou taças, as quaes, no rigor da moda daquelle tempo, eram de prata, como o traste de mais luxo nas mesas; nem havia já nobre ou burguez abastado a quem faltasse ao menos uma copa lavrada. Vasos de louça grosseira, cheios de confeitos ou doces seccos, alfeloa e fructas ladeavam as poucas mas succulentas iguarias, que nessas eras mais singelas deviam bastar, sem outros acepipes e manjares, para satisfazer o bom e prompto appetite de rudes barões e cavalleiros. Lourenço Braz, apesar da lida em que andava, não perdêra uma das palavras do conde. Ria interiormente da reprehensão que lhe dera por causa do moço do monte. Não tinha elle visto o seu nobre protector, naquelle mesmo aposento, ainda em peior estado, por longas noites de jogo e devassidão? Calou-se, todavia, e saiu arrastando após si Galeote Estevens, que cambaleava e

praguejava como um possesso. D'alli a pouco ouviu-se a bulha que fazia correndo o ferrolho com que se fechava a solida porta da tavolagem. Depois tudo recahiu em profundo silencio.

Os embuçados que seguiam D. Henrique tinham entretanto recuado os capellos e deixado ver os rostos, atirando depois successivamente os capuzes para cima dos assentos enfileirados ao correr das paredes. Viam-se-lhes os gibões de duas cores pelas aberturas dos peitilhos das jorneas, especie de camisolas nas quaes se bordavam as armas das familias. As suas toucas, ou bonés, onde uma pequena pluma, presa com um broche de ouro, se lhes arqueava sobre a testa, as calças tambem de duas cores, mas trocadas com as dos gibões, e os longuissimos sapatos de bico revirado bastavam para os dar a conhecer por pessoas nobres. No meio, porém, daquella brilhante companhia divisavam-se duas figuras, cujo trajo singular contrastava de mais de um modo com as louçainhas dos cavalleiros. Eram dous monges de Alcobaça: um de boa idade, gordo, nedio, vermelho, reverendo, typo da mais pura raça cisterciense: outro mancebo, magro, trigueiro-pallido, ossudo, feições prominentes: um com meneios suaves, e ao mesmo tempo ma-

gestosos e livres, rindo-lhe a saude nas roscas taurinas do pescoço, onde o toucinho se entrincheirára contra as vans tentativas da penitencia; outro com gesto melancholico, severo, morboso, como se o devorasse febre lenta ou remorso de grandes crimes. Ao primeiro aspecto sentirieis attracção para o mais velho, e repellir-vos-hia o mais moço; mas se reparasseis attentamente nos olhos dos dous monges, os affectos se vos trocariam. Nos daquelle havia o que quer que era semelhante a fulgurar de relampago, e uma vaga incerteza que jamais lhos deixava demorar em objecto algum: nos deste, debaixo de brilho febril, havia uma expressão profundamente triste, que despertava involuntaria compaixão e sympathia, de modo que as lagrymas se vos escoariam insensiveis pelas faces se vos pozesseis a contemplar aquelle gesto; porque a vossa alma sentiria instinctivamente resfolgar debaixo desse exterior carrancudo um volcão de angustias extremas, e de antigos e insanaveis pesares.

Cremos que estes signaes bastam para sabermos que estamos com conhecidos nossos, e que os dous monges são ninguem menos que D. João d'Ornellas e Fr. Vasco involtos nas suas longas e amplas cugullas negras, onde ape-

nas se distingue juncto ao collo a orla do habito branco. Agora, porêm, os outros, que vestem essas roupas variegadas, no meio das quaes se estampam as dos dous vultos monasticos, não são frades: são mui illustres fidalgos da côrte de D. João I. Leitor, se és um peão, põe-te em pé e descobre-te: vaes ouvir os nomes de varios herdeiros dos mais velhos appellidos de Portugal, dos descendentes de alguns feros barões dos seculos XII e XIII. Eram, de feito, os recem-chegados Gonçalo Vasques Coutinho, Egas Coelho, filho de um dos matadores d'Ignez de Castro, e os dous Pachecos filhos de outro assassino seu; eram João Affonso Pimentel, o marechal Alvaro Gonçalves Camello prior do Hospital, o senhor de Rezende Fernando Vasques descendente de Egas Moniz, João Rodrigues de Sá chamado o das Galés, o reposteiro-mór Pedro Lourenço de Tavora, Lopo Dias de Sousa mestre da ordem de Christo, e muitos outros membros dessa cavallaria brilhante, que tão célebre tornou por assignalados feitos d'armas a epocha de D. João I.

Se, para não tecermos um catalogo crucificador, á maneira dos dous grandes poetas Homero e Fernão Lopes, e do nada poeta Barros, sepultamos n'um vago *et caetera* tantos nomes famosos, soffra o leitor que mencionemos com

individuação uma personagem que nesta memoravel noite se achava na tavolagem das Portas do Mar, e que está longe de lhe ser estranha, posto que ainda não a visse passar, senão como eccho ou sombra van, nas precedentes scenas do nosso drama. Esta personagem é o D. Vivaldo dos paços de Vasqueannes, o pupillo do Arcebispo de Braga; é Fernando Affonso, o camareiro-menor de sua mercê o nobre rei de Portugal.

O moço Fernando era (já n'outra parte o dissemos) irmão de um dos furibundos romanistas que constituiam o conselho da coroa, os quaes, tendo por chefe o mais habil entre todos, o chanceller interino mestre João das Regras, o ajudavam a ir alargando passo a passo os limites do poder do rei á custa da fidalguia, em quanto não chegava a vez do povo, e que bem providos de textos de Justiniano, de glossas, distincções e corollarios, sacados dos armazens scientificos de Bolonha, de Pisa e d'outras escholas d'Italia, armazens que a facundia dos Rogerios, dos Albericos, dos Accursios e dos Bartholos tinha tornado inexgotaveis, vinham aos bandos abastecer Portugal da quinta essencia de direito romano, e as cabeças dos principes de idéas de absolutismo.

João Affonso de Santarem, nobre por sangue, preferíra nobilitar-se pela sciencia. O futuro pertencia aos juristas: soube conhecê-lo, e lançou-se na estrada que conduzia a uma influencia solida e real, abandonando a do esplendor e privilegios, ainda numerosos, mas já em parte vãos, da classe a que pertencia. E de feito, pela profundidade dos seus estudos, e por talentos indisputaveis, João Affonso tinha chegado a tornar-se uma especie de oraculo entre os conselheiros d'elrei.

Opposto em indole a seu irmão mais velho, entre o qual e elle pouca affeição mutua havia, Fernando seguíra inteiramente os instinctos da sua casta, casta oppressora e daninha, que ía principiar essa expiação secular, que, com breves intervallos se protrahiu até o dia fatal em que a altiva fronte do duque de Bragança pendeu sobre o cepo de D. João II. Tão ignorante como altivo, a raça burguesa era para elle uma raça vil e reproba: para elle a situação dos antigos malados ou colonos das terras senhoriaes, de que ouvíra mais de uma vez falar a velhos fidalgos, que ainda haviam conhecido na infancia os terriveis barões do seculo antecedente, era a situação natural de todos aquelles cujas familias não podiam ir entroncar-se nos vinte e cinco ou trinta *padrões*,

ou troncos, das primitivas linhagens do reino. No seu foro intimo um villão pouco acima estava de uma alimaria na escala da creação, e se uma vez parecêra interessar-se a favor da villanagem dos coutos de Alcobaça, isso não provava senão quanto rancor nutria na alma contra o abbade D. João d'Ornellas, ou por causa das rixas deste com o primaz, ou por algum outro motivo hoje desconhecido.

Ainda com estas preoccupações politicas, Fernando podia, como tantos outros nobres d'igual pensar, ter uma alma bella e generosa. Mas estava longe disso. Ao homem habituado a ler no gesto dos individuos a sua historia moral e íntima, não seria difficil descortinar-lhe no aspecto uma indole má ou pervertida. O camareiro-menor era um mancebo de vinte e cinco annos, de airosa figura, meneios engraçados, feições regulares, olhos rasgados e negros, onde se reverberavam ardentes paixões. Todavia no seu olhar voluptuario, nas rugas, quasi imperceptiveis, mas frequentes, das faces, no descorado dos labios, e no perfil levemente suino do rosto descortinavam-se-lhe os sentimentos ignobeis e as ruinas que naquelle corpo e naquella alma tinha gerado o excesso dos deleites. Simples pagem no tempo de D. Fernando, servíra na revolução do mestre de Aviz

como escudeiro de uma lança, o que o habilitava para receber, mais anno menos anno, as esporas douradas de cavalleiro, mira das ambições de todos os homens de guerra n'uma epocha em que as idéas cavalleirosas tiveram maior voga em Portugal, e em que se liam com avidez, se traduziam, e até se compunham, com geral applauso, romances como os de Tirante o Branco e de Amadis. O gráu de cavalleiro, não raro bem cabido em valentes homens d'armas, era tambem, (salva a idéa energica e generosa que representava) a fita, a commenda, a gran-cruz, o dixe emfim, com que no seculo XIV se regalava muitas vezes a fofice de paspalhões e parvos.

D. João I, homem austero, tinha notavel predilecção por Fernando Affonso. Era um facto apparentemente contradictorio, mas cuja razão é facil de alcançar. Semelhantes sympathias entre caractéres oppostos são mais vulgares do que se cuida; porque o tocarem-se os extremos é uma das grandes verdades do mundo moral. Escolhido para camareiro-menor d'elrei, o mancebo cujas inclinações viciosas se haviam radicado e desinvolvido na vida aventurada da guerra, obrigado a reportar-se na côrte severa do mestre d'Aviz, côrte beguina e ceremoniatica, onde reinavam os usos

e pontualidades inglezas, affez-se a representar dous papeis, a revestir successivamente dous caractéres, o de cortesão medido pelo genio e pelas idéas do rei, e o de soldado licencioso, que era o seu proprio, e que, excitado pelo constrangimento, se tornava ainda mais desfaçado quando o joven escudeiro podia lançar fóra o manto da hypocrisia. Modesto e circumspecto, lhano e serviçal perante o monarcha, perante D. Philippa, a boa rainha, e ainda perante os barbas-grisalhas do conselho e privança de sua mercê elrei, vingava-se do viver monotono e constrangido do paço nas occasiões em que, com qualquer pretexto, podia obter liberdade. As tavolagens e as outras espeluncas de devassidão não tinham freguez mais frequentador, nem mais digno de as frequentar. Incapaz de affectos puros, sinceros e duradouros, a chronica dos seus amores era um tecido de anecdotas mais ou menos asquerosas, mais ou menos atrozes, só brilhantes aos olhos dos outros escudeiros e cavalleiros moços, consocios das suas orgias ou das suas aventuras. Gloriava-se de ter murchado ao sopro mirrador da deshonra mais de uma flor d'innocencia, de mais de uma vez ter profanado o sanctuario domestico, de muitos desses triumphos, emfim, que o mundo saúda com

sorrisos approvadores, e que só revelam as trevas da consciencia, o atheismo brutal e estupido ácerca dos mais poeticos e generosos sentimentos do homem. Ambicioso de uma triste reputação, julgava-se completamente feliz quando nas festas nocturnas d'embriaguez era, no meio do tinir das taças, acclamado com vivas phreneticos vencedor de todos os seus rivaes em devassidão.

Tal era o individuo, sobre o qual não podiamos eximir-nos de chamar especialmente a attenção do leitor; o individuo que tanta influencia tivera nos destinos de Vasco e de Beatriz, de cuja triste historia elle era o verbo, elle, que, illudindo-a, se póde dizer assassinára pelas costas um velho para prostituir um anjo.

Apenas os cavalleiros alli reunidos deram com os olhos nos cistercienses ficaram suspensos. Sabiam agora quem eram os dous desconhecidos que tinham encontrado com D. Henrique Manuel na alpendrada do collegio de S. Paulo, juncto da qual o conde lhes dera ponto de reunião. A presença do abbade de Alcobaça naquelle logar era tanto mais inesperada, quanto era certo que muitos dos circumstantes ignoravam ainda a sua chegada a Lisboa, e todos qual partido o poderoso monge seguiria nas questões politicas qne então se

agitavam, e em que os prelados, cujas fileiras se recrutavam já largamente entre os doutores, se inclinavam pela maior parte a favor da coroa. Admirados, pois, daquella subita visão, immoveis e sem proferirem palavra, os fidalgos olhavam alternativamente para o conde de Seia e para D. João d'Ornellas.

Dessa situação constrangida os tirou, todavia, em breve D. Henrique Manuel. Mettendo-se entre os dous frades, tomou pela mão o prelado cisterciense, e dirigindo-se aos que o rodeavam, disse:

«Cavalleiros, estranhaes, por certo, a presença do nobre abbade de Alcobaça neste logar e a estas horas. Com a singelesa de que vos tenho dado mil provas, dir-vos-hei a causa disso. Quando a souberdes agradecer-mo-heis. Não ignoraes que depois da batalha de Aljubarrota entreguei ao mestre d'Aviz o castello de Cintra, que eu tinha por D. Beatriz de Castella. Leal em quanto pude sê-lo ao preito que fizera, havia anteposto o meu dever de alcaide-mór ao amor da patria, ás minhas affeições, a tudo. Cedi só quando conheci que a mão de Deus fazia pender irresistivelmente a balança a favor de D. João. A voz da consciencia não me accusava do procedimento que seguíra. O preito antes de tudo! São estas as

tradições das nossas linhagens; estes os exemplos de nossos avós... E, todavia, — continuou o conde, depois de uma breve pausa, durante a qual cravou os olhos em João Rodrigues de Sá e no reposteiro-mór — ao apresentar-me na côrte não achei labios que me sorrissem, peito de amigo que se estreitasse ao meu!... Era o tempo do predominio dos burguezes; eram as orgias da villanagem, e a nobresa curvava-se a tão vis senhores, embora no exterior mostrasse ademanes de orgulho!... Já lá vão quatro annos: não falemos mais nisso... Mas eu mentia dizendo-vos que não achei na côrte um amigo. Ei-lo aqui. Achei o nobre D. João d'Ornellas... Agora, apenas soube que o mui reverendo abbade era chegado a Lisboa, expuz-lhe a situação dos negocios. Suppunha-o, e supponho-o ainda, interessado como nós na conservação dos privilegios que nossos avós compraram em mil batalhas contra os mouros e contra Leão; não podia, não devia esconder-lhe as nossas esperanças e designios. Quiz que ouvisse as revelações antecipadas que esperâmos. Os seus conselhos prudentes ser-nos-hão uteis para começarmos com vantagem o combate; para prevenirmos com tempo a ruina total dos nossos antigos foros e liberdades. Senhores, D. João

d'Ornellas está comnosco: comnosco para a lucta; comnosco para a victoria. Peço alviçaras da boa nova.

«Merecei-las, conde de Seia: — exclamou o prior do Hospital, estendendo a mão para o abbade, que lh'a apertòu, ao que parecia cordialmente. A maior parte dos outros fidalgos abraçaram successivamente o monge, que recebia aquellas demonstrações com affabilidade tão excessiva, que, a serem mais cautelosos, teriam desconfiado delle. Quem lhe conhecesse a fundo o caracter diria que D. João d'Ornellas estava no meio de inveterados inimigos, tal era o excesso da sua benevolencia. Fernando Affonso foi o unico que se não moveu, e o leitor que sabe qual odio subsistia entre estes dous individuos, comprehende, sem duvida, o procedimento do camareiro-menor. Acabado o borborinho, o abbade fez signal para que o escutassem.

«Devieis ter contado comigo no vosso empenho, senhores meus! — disse elle. — Sabeis que detesto as ousadias villans dos tristes tempos que vão correndo. E, graças á Virgem bemdicta, nos coutos de Alcobaça as viboras populares não alevantarão as cabeças; que hei-de sempre calcar-lhas como a mulher forte da sagrada escriptura.»

«Má comparação: — murmurou Fernando Affonso, virando-se para o senhor de Resende, mas em tom que o abbade o ouvisse. — Devia dizer: como a raposa no gallinheiro, a gineta no pombal, o lobo no redil, o magarefe no matadouro...»

«Imprudente! — interrompeu em voz submissa o conde de Seia, que tossia com toda a força dos seus excellentes pulmões, puxando-lhe pela falda da jornea.

«Pois não são mais verdadeiras estas?»

«Louco!»

O abbade, cujo olhar penetrante se cravára de relance no mancebo, proseguiu, apenas cessou a tosse extemporanea do conde, como se nada tivera ouvido:

«Senhor de terras, alcaide de castellos, fronteiro de portos de mar pelo pesado cargo, que sem merecimento occupo, e com que a providencia quiz provar o meu soffrimento, na vossa demanda ventila-se tambem a causa dos abbades do sancto mosteiro de Alcobaça, contra o qual, creio-o firmemente, nunca prevalecerá o inferno. — E depois de uma pausa accrescentou: — Nem enredadores covardes!»

Ao proferir estas palavras, D. João d'Ornellas fitára a vista, sorrindo com dobrada affabilidade, em Fernando Affonso.

Entre os olhos do moço escudeiro, que se torceram obliquamente para o prelado, vincaram-se tres rugas profundas, e uma praga rouca e inintelligivel de colera lhe passou por entre os labios que mordêra. Foi a passagem do relampago.

Depois tornou a approximar a bôca ao ouvido de Fernando Vasques, e murmurou no mesmo tom anterior um novo segredo, demasiadamente audivel:

«O cachaço vermelho do frade anafado e nedio bem mostra as mortificações de sua reverencia. Hypocrita!»

Todos se voltaram como tocados por vara magica: a provocação era grosseira e directa. Não havia já tosse no mundo capaz de a encobrir.

Todavia no rosto do terrivel monge reinava o mesmo placido sorriso.

O escudeiro lançou mão da taça que Lourenço Braz deixára cheia sobre a mesa, e disse em voz alta:

«Permitti, cavalleiros, que eu saude a aurora da salvação da nossa causa. Desde que o illustre abbade de Sancta Maria (*abbas-pretor*, como lhe chama em gira de breviario o seu digno amigo, meu irmão) se declara por nós, está a victoria certa. Quem ignora que elle tem, diga-

mos assim, debaixo de chave a sorte da villanagem insolente!»

A allusão sangrenta ás violencias practicadas por D. João d'Ornellas na villa d'Evora, não pareceu fazer a mais leve impressão no animo do prelado. Esperou tranquillamente que Fernando Affonso acabasse de beber. Chegou-se então a elle com passos lentos, pegou na taça que o escudeiro espantado largou da mão sem tentar retê-la, e foi pô-la sobre a mesa. Depois, cruzando os braços, voltou-se impassivel para o mancebo, e, com o mesmo sorriso benevolo, disse-lhe:

«Mantenha-vos Deus, senhor, que tanto fiaes de um pobre frade. Sou eu, somos nós todos que nesta justa demanda devemos pôr em vós a esperança; em vós que sois poderoso e valído; que sois valente e generoso; que sois, emfim, um nobre, franco e leal cavalleiro.»

Um calafrio de susto coou pela medulla dos ossos de alguns dos circumstantes, que conheciam o abbade, ao ver a insolita humildade de um dos mais orgulhosos prelados de Portugal, e ao ouvir-lhe a cortez resposta, em que, todavia, dera á palavra *leal* uma expressão singular. O coração do proprio Fernando Affonso bateu mais rapido ao ouvi-la: e comtudo, buscou esconder a sua perturbação. Estendeu o

braço para Fr. Vasco, e tocou-lhe levemente no habito. O monge estremeceu e recuou, como se uma serpente o houvera mordido, e os seus olhos cavos despediram estranho fulgor.

«Perdoae, nobre e illustre prelado:—disse o camareiro-menor dirigindo-se a D. João d'Ornellas.—Leio no rosto destes cavalleiros uma certa inquietação, que naturalmente desperta a presença de um desconhecido no meio de nós. Este vosso companheiro... este monge ou phantasma, hirto, mudo, mysterioso...»

«Quanto a este monge,—replicou D. João d'Ornellas em voz baixa e com um gesto de compaixão—nada temaes. Pobre moço! Idiota, absolutamente idiota. Escolhi-o por isso para me acompanhar, segundo a sancta regra da ordem. Verá, e não terá visto: ouvirá, e não terá ouvido.—Depois sacudindo pelo braço o companheiro bradou-lhe:—Vasco, filho de S. Bernardo, tomaste sentido? Responde ao que te perguntaram.»

Como se aquelle movimento e aquellas palavras o houvessem despertado de uma especie de somnolencia, o moço cisterciense alçou a cabeça, olhou successivamente para o abbade e para os fidalgos, encolheu os hombros, e cahiu de novo no seu apparente dormitar.

As attenções tinham-se naturalmente deri-

vado para esta scena. A tempestade que ameaçava estourar parecia espalhar-se. O conde de Seia, porém, foi um dos que não ficaram tranquillos com a moderação do abbade.

No momento em que ía a renovar-se a conversação, distrahida até certo ponto do seu objecto pela impetuosa malevolencia do camareiro-menor e pela tremenda humildade do chefe dos monges brancos, cinco fortes aldravadas na porta exterior da tavolagem a vieram positivamente interromper. Fez-se então profundo silencio, porque era o signal esperado.

«Cavalleiros,—disse o conde de Seia depois de escutar um instante, e approximando-se da mesa — assentae-vos. Marechal, á cabeceira. Que ninguem occupe esse logar juncto a vós. É para o bom do villão. Tudo em pé apenas elle entrar. Graves como dez garnachas negras a disputar sobre as leis imperiaes.»

Os fidalgos obedeceram a estas disposições, como ás de caudilho que os ordenasse em batalha. Só João Rodrigues de Sá pareceu hesitar, murmurando algumas palavras inintelligiveis, que, sem offensa, se poderiam comparar a rosnadura de um rafeiro irritado. O abbade de Alcobaça puxou pela manga a Fr. Vasco, e dirigiu-se com elle para a mesa. No meio daquelle movimento confuso e apressado os dous

frades segredaram um com outro. O que disseram ninguem o ouviu: foi, todavia, um curto, mas significativo dialogo.

«Representaste excellentemente o papel que te coube no auto:—dizia D. João d'Ornellas em voz sumida e rapida.—Conheces emfim o nosso commum inimigo! Insolente e infame; roubador de tua irman, assassino de teu pae, procurador dos meus villãos. O miseravel ainda crê que os seus insultos me ferem. Insensato!»

«Dom abbade! dom abbade!—murmurou Fr. Vasco, apertando o braço do seu interlocutor.—O coração verteu-me sangue de novo ao ouvir a sua voz. Adivinhou-o o meu odio, e nunca a sua detestavel imagem me fugirá da memoria...»

Não poderam dizer mais nada. Os fidalgos tinham-se assentado, e tudo recahira em absoluto silencio. Só o interrompia o som baço das lentas passadas de Lourenço Braz e de alguma outra pessoa que o seguia.

XI

DOCTOR MATER-GALLA.

> Penson sempre nas cousas de sua vantagem, nom lhe nembrando de seus peccados, males e falecimentos.
>
> LIV. D'ELREI D. DUARTE,
> *Conselho I.*

Pouco havia que cessára o bullicio na vasta quadra da tavolagem, quando, os que ficavam defronte da porta interior, viram saír d'entre os umbraes um punho de mão callosa, que sustinha candeia afumada e de luz frouxa, dépois della um braço estendido e uma cabeça de perfil, e depois o corpo achavascado do bésteiro

que, caminhando lentamente, olhava para traz de si. Após elle, não tardou a surdir do corredor escuro um vulto que, pelo extravagante das fórmas, reteremos um instante no limiar, para que se possa reparar nelle. *Prima facie*, dir-se-hia que era um cepo d'açougue, equilibrado por mechanismo occulto sobre duas achas de pinho, e servindo de pedestal a uma abobora moganga, para cima da qual se houvesse atirado ao desdem a cabelleira ruça e cerdosa de um desembargador da antiga Mesa da Consciencia ou da Casa da Supplicação. Esta cousa com pretensões de figura humana vinha ensacada em um gibão de engres preto, e n'umas calças de arraes da mesma cor, que, descendo justas até os pés, iam metter-se n'uns sapatos rombos de couro negro; trajo burguez, que, se no talhe desdizia um és-não-és da pragmatica de Affonso IV, ao menos respeitava-a na qualidade da materia prima, ao passo que no grave da cor indicava que seu dono pertencia por algum lado a uma das duas classes, que naquelle tempo se arrogavam a posse quasi exclusiva da illustração, á dos jurisconsultos, ou á da clerezia.

O personagem recem-vindo, averiguado bem o caso, era uma creatura da nossa especie, e ninguem menos que o licenciado Mem Buga-

lho, d'alcunha Pataburro, alcunha enxertada na familia por culpa ou por virtude de seu pae, cidadão de Celorico, que tivera tanto de casmurro quanto o filho tinha de bonacheirão e paz-d'alma. Cursára Mem Bugalho a eschola de *degredos* ou decretaes na universidade de Lisboa, e voltára á terra natal com a reputação de mui visto em direitos e de sabedor consummado. Devêra isso principalmente ás suas propensões eruditas, propensões que sobrenadavam nos seus discursos, lardeados por via de regra de bastos textos, dos quaes fizera em estudante arrazoado peculio. O reitor da collegiada de Sancta Maria de Celorico, posto que assaz duro da orelha latina, ou antes porque o era, não se cansava de elogiar o licenciado pela sua proficiencia na lingua do Mantuano. Jurava e tresjurava que mais de uma vez lhe ouvíra citar passagens, que até elle reitor não saberia de golpe reduzir a portuguez. D'aqui se veem duas cousas: primeira, que o prelado de Sancta Maria era modesto: segunda, que Mem Bugalho era um sabio. Sabio? Que dizemos nós? Sapientissimo. Era uma cousa conhecida de todos em Celorico, e ainda nas aldeias dos arredores, o como elle herdára a designação paterna. É caso que lhe faz honra, aliás calar-nos-hiamos. Quando chegou da universidade,

seu pae estava já debaixo do chão, e a alcunha de Pataburro andavà, digamos assim, a esmo e quasi apagada da memoria dos homens. Mem Bugalho queria acceitar a herança, não absolutamente ingloria, que lhe legára o seu defuncto progenitor, burguez honrado e pé-de-boi, embora se chamasse Pataburro, nome na verdade aspero e malsoante, mas que nem por isso desaccreditaria moralmente quem a si o appropriasse. Poz-se a scismar o bom do licenciado, e tanto scismou que lhe veiu uma idéa feliz. Foi a de alatinar aquella alcunha, satisfazendo assim á piedade filial e ás orelhas pechosas. Reflectia, e com agudeza, que Pataburro se compunha de dous vocabulos *pata* e *burro;* que *pata,* falando do animal homem, a quem muitas vezes é applicado e applicavel, vinha a ser synonymo de *pé,* e que pé, se não mentia o Catholicon de Joannes de Janua, especie de Magnum Lexicon da idade media, soava em latim *pes;* que *burro* era a olhos vistos o mesmo que asno, e que asno latinisado dava *asinus,* quer natural quer metaphoricamente. Restava uma difficuldade: *Pes-asinus,* versão litteral de Pataburro, cheirava a uma, ou antes a duas heresias, uma contra a elegancia, outra contra a grammatica, ao passo que, transpondo *pes* e declinando *asinus,* estava

achado um bizarro appellido, o de *Asinipes*, onde estampada, a piedade filial passaria aos tempos vindouros em resonante choriambo. Já daqui se conhece que se o nosso decretalista houvera vivido nos principios do seculo XVI ou nos fins do XVIII, não teria sido Pedro Nunes o inventor do nonio ou Wat o das machinas de vapor. Faculdade inventiva, até alli. E ainda não era nada. Mem Bugalho *Asinipes*, ou *Dictus-Asinipes* (para conservar a natureza caracteristica de alcunha) constituia um todo contradictorio, monstruoso, macarronico. A esta desordem acudiu elle com o mesmo tino. Um erudito de agua-doce contentar-se-hia com *Menendus-Bugalius*. Veiu-lhe essa idéa á cabeça, é verdade. Mas que fez? Desatou a rir. *Menendus Bugalius?!*.... Pelo amor de Deus! Vocabulos taes fariam arripiar debaixo da lousa as cinzas de Cicero. Digam lá o que disserem os que vão para ahi. Eram barbaros, barbarissimos. A velha palavra portugueza *madre* já começava a ser dulcificada, pelos pintalegretes do tempo de D. João I, em *mãe;* e *Mem* pronunciado rapidamente não fazia differença sensivel. Estabelecido este facto, é evidente que traduzindo *Mem* por *mater*, não só ficava em latim da gemma, mas tambem dava uma graciosa adivinha. Assentou nisto o licen-

ciado, e se é licito julgar um varão tão grande, parece-nos que assentou bem. Quanto a Bugalho, o negocio resolvia-se por si mesmo. Desde que no mundo ha bugalhos e latim, nunca o leve e ouco fructo do robusto e vividouro carvalho se chamou senão *galla* no idioma venerando de Varrão, Columella e Virgilio. Foi por esta serie de raciocinios, não menos agudos e severos, que os do livro da Razão Pura de Kant, que o illustre pimpolho da viçosa Celorico chegou a fixar definitivamente o seu nome, digamos assim, de guerra, nome indispensavel naquella epocha, na qual um doutor que se assignasse em vulgar commetteria um peccado tão grosso, como nestes nossos tempos um adepto, que ao entrar no templo do supremo architecto para chorar pelo mestre, não se desbaptizasse no atrio do seu nome de baptismo.

Se o leitor achar um pouco estranhas estas particularidades biographicas do licenciado Mater-Galla-Dictus-Asinipes, ou Mem Bugalho Pataburro, dir-lhe-hemos que redondamente se engana. Se o apresentassemos em publico sem dar explicações ácerca do seu nome, apparentemente extravagante, saltavam-nos todos os criticos de folego curto e letras rabudas, que ha nesta bemaventurada terra de Portugal; e

nós respeitamos sobre-modo os dictos criticos; porque de mais sciencia, tacto, e agudeza não cremos que se achem em todo o mundo, sem exceptùar o reino de Pegu, a Polynesia e a Cafraria.

Em compensação das miudezas a que descemos, e que eram indispensaveis para se completar pelo lado moral o retrato material que fizemos do individuo ultimamente chegado á tavolagem das Portas do Mar, passaremos como gato por brasas pelo resto da sua historia. Eleito vereador, poucos annos depois de voltar a Celorico, não tardára a occupar cargo mais importante, o de juiz de foro, ou ordinario, da sua terra. Então é que bemdisse o talento e sciencia que Deus repartíra com elle, e deu por bem empregadas as vigilias que dedicára a fazer a conversão do proprio nome. As palavras *Doctor-Mater-Galla-Dictus-Asinipes*, escriptas em letra grande e garrafal no fundo de um pergaminho, davam ás suas sentenças uma solemnidade, um ar de mysterio scientifico, um grandioso, que infundia sancto e salutar temor na gente de Celorico, embora no tracto ordinario, e sobretudo pelas costas, lhe chamassem o doutor Pataburro. Depois, para diversas côrtes que successivamente foram celebradas, após as de Coimbra de 1384, no Porto, em Coimbra, em Braga, e agora em

Lisboa, o licenciado fôra constantemente eleito procurador do municipio.

Á força de repetidas viagens á capital, no ardente contacto das paixões politicas, Mem Bugalho mudára muito. Circumstancias, que fôra tão longo como inutil narrar, tinham estabelecido entre elle e D. Henrique Manuel, conde de Seia, uma certa intimidade, sincera da sua parte, calculada da parte deste. Nas mãos do conde o honrado procurador era um instrumento, que elle ía affeiçoando para as suas intrigas, na grande lucta, ora occulta ora patente, do povo e dos conselheiros da coroa com as classes privilegiadas, entre cujos chefes (segundo se deprehende do pulverulento e vetustissimo manuscripto de que nos aproveitámos para tecer esta veridica historia) D. Henrique Manuel tinha um dos mais distinctos logares. Sem o sentir, Mem Bugalho estava outro homem. Chegára, emfim, a crer uma cousa que nunca sonhára, isto é, que os concelhos, nas suas invectivas contra a nobreza e contra o clero, podiam alguma vez não ter razão. Fixar os pontos em que esta circumstancia se dava, eis o que excedia a sua capacidade, apesar de ser, como vimos, tão descommunal. Deste modo não era raro acha-lo successivamente no mesmo dia, na mesma hora até, de duas opiniões diver-

sas ácerca dos negocios publicos, opiniões que, seja dicto sem offensa do caracter moral do illustre decretalista, tambem vacillavam um pouco segundo a direcção que lhes imprimiam as suas particulares miras e pretensões.

Resta-nos, por ultimo, saber quaes eram as causas porque Mem Bugalho se achava naquelle logar assim a deshoras, e em companhia de personagens taes e tão fidalgas, elle pobre villão da Beira; porque no fim de contas o licenciado não passava d'um villão.

Exporemos essas causas nas mais breves palavras que soubermos.

Os artigos, aggravamentos, ou capitulos, que os procuradores de côrtes traziam ás assembléas politicas da nação, eram de duas especies, geraes e particulares. Estes diziam respeito ás necessidades, pretensões e queixumes de cada concelho; aquelles aos de todo o paiz. Uns, os especiaes, eram determinados e escriptos pelos magistrados municipaes, e nesta parte o mister de procurador traduzia-se no de mensageiro: outros, os geraes, é evidente que deviam ser redigidos de commum accôrdo pelos representantes das cidades e villas, aos quaes neste ponto cumpria deixar um livre arbitrio maior ou menor. Mas era justamente essa parte da sua missão que importava mais directa-

mente ás classes privilegiadas: era nos artigos geraes que se aggrediam os abusos da nobreza e do clero, e que os delegados do povo combatiam com mais ardor os seus naturaes inimigos. Ahi a grande voz do homem de trabalho fazia-se, muitas vezes sem elle o sàber, intreprete dos desejos da coroa, que parecia ceder ás petições populares e que na realidade só cedia ao instincto do proprio interesse. Assim, os terriveis missionarios do poder real, os juristas, deviam promover aquellas manifestações da má vontade dos pequenos contra os grandes, e estes ultimos buscar amortecê-las ou annulla-las. O saber de antemão quaes ellas seriam facilitava os meios de as combater, ou predispondo o animo do monarcha, ou recorrendo-se a outro qualquer meio, dos muitos que costumam excogitar os temores, os odios e as ambições politicas.

As côrtes, que se iam celebrar em Lisboa na epocha em que se passaram os successos contidos na presente narrativa, começavam. Os procuradores tinham chegado, e faziam repetidas conferencias, a algumas das quaes, segundo se contava, assistíra já o proprio chanceller. Por dictos soltos, que haviam escapado aos menos prudentes, diffundiam-se noticias que inquietavam os chefes do bando aristocratico, e

que indicavam não estarem os concelhos resolvidos a abandonar a situação vantajosa em que os acontecimentos dos ultimos quatro annos os haviam collocado. Preparavam-se, portanto, os nobres tambem para a lucta, e nos seus conventiculos ideavam os meios a que recorreriam para embargar o curso a torrente.

Antes de tudo importava conhecer exactamente qual era a substancia das petições populares, e n'um desses conventiculos o conde de Seia havia-se gabado de que obteria anticipadamente a revelação dos artigos geraes dos concelhos. Contava com a fragilidade de Mem Bugalho, e com as seducções de que costumava valer-se para o embair. Era difficultoso o empenho, e os outros fidalgos tinham-se mostrado incredulos. Excitado pelo amor proprio, D. Henrique Manuel foi mais longe. Offereceu-se a apostar uma somma avultada em como lhes faria ouvir da boca de um dos procuradores as revelações em que tanto interessavam, uma vez que quizessem executar o que elle lhes indicasse. Foi acceita a aposta e a condição; e naquella noite decidia-se quem devia perder ou ganhar.

Os cavalleiros estavam á mira: apenas o honrado Asinipes entrou, ergueram-se a um tempo. A luz das lampadas batêra de chapa

no rosto cucurbitaceo do antigo magistrado de Celorico. O brrruu do riso mal comprimido sussurrou, posto que indistinctamente, por cima do estrépito que faziam ao levantarem-se; mas o bom do procurador ficára demasiado perplexo, por se achar de subito em tão esplendida companhia: mal podia reparar em que nos gestos se revelava um sorriso dubio, que não chegára a romper em estrondosa gargalhada.

Os unicos que haviam conservado imperturbavel seriedade eram o conde de Seia e os dous monges de Alcobaça.

«Ah, sois vós?!—exclamou D. Henrique Manuel dirigindo-se ao sabio decretalista.—Ainda vos não esperava! Embora. São todos amigos nossos quantos vêdes. Iam partir depois de uma frugal collação; mas folgam, por certo, de os haverdes colhido em flagrante. Favoreceu-os a fortuna, porque poderão conhecer de perto um dos mais eminentes letrados de Portugal. Não é isto, meus amigos? Não folgaes assás?»

Todos, á excepção do das Galés, se inclinaram profundamente em signal de completo assenso.

Mem Bugalho estacára: olhava alternativamente para o conde e para as duas fileiras de vultos variegados e brilhantes, e desfazia-se

em venias e rapa-pés. Quiz falar; mas só lhe occorreu a fórmula então vulgar: — Mantenha-vos Deus, senhores! » As mãos, sobre tudo, incommodavam-no. Não sabia o que fizesse das mãos. Levou-as á cabeça para se coçar: viu que não iam para alli bem. Pozse a dar piparotes na gola do gibão; mas o gibão não tinha pó. Desceu com ellas para a barriga, mas a barriga, posto que de respeitavel prominencia, não ameaçava desabar. Sentia que tambem ahi eram inuteis. Achou, emfim, um mister em que as empregar. Deu alguns passos para diante, e deitou-as ao braço do conde, levando-o agarrado para o angulo opposto do aposento, e dizendo-lhe em voz baixa:

« Mas respondestes-me que, para estarmos sós, era necessario vir esta noite á tavolagem das Portas do mar, e acho-me... »

D. Henrique Manuel interrompeu-o no mesmo tom:

« É verdade! E que remedio, se o diabo metteu na cabeça a estes estafermos cearem aqui? Não podia, nem tinha direito a despedi-los. São, como vêdes, as mais nobres lanças de Portugal. Mas se o negocio é urgente!...»

« Trago os artigos: — replicou Pataburro, abaixando ainda mais a voz.

*

« Os artigos? Quaes artigos? »

« Os artigos de côrtes. »

« Agora, agora! Mas que tenho eu....? »

« Pois não me pedistes com multiplicadas instancias, e com promessa d'inviolavel segredo, que apenas resolvidos vo-los mostrasse? »

« Ai meus peccados! Perdoae, doutor! Esta minha cabeça! esta minha cabeça! Não me recordava de tal. Tambem era simples curiosidade.! »

« Curiosidade, ou interesse — interrompeu o procurador de Celorico, que não era absolutamente parvo — cumpro a minha palavra. »

« Bem! — replicou D. Henrique. — Deixaremos sair a turba, e ve-los-hemos. Todavia cuidei ser negocio vosso, objecto para mim de maior monta... »

O doutor Pataburro tomou um ar de mysteriosa gravidade.

« Este não é de pouca. Os procuradores estão bravos: muitissimo bravos.. »

« Arreda Castella! — replicou D. Henrique Manuel com um riso, que bem se conhecia não vir da alma. — Nós os amansaremos. Agora tracta-se de outra cousa. Aquelles cavalleiros, vê-se que nos esperam. Vamos assentar-nos. »

« Mas eu não sou da parçaría: — disse o procurador, encolhido, e forcejando por soltar o braço da mão do conde, que o obrigava agora a retroceder para a mesa, donde elle o affastára.

« Uma pessoa como vós é sempre desejada e bem vinda em toda a parte em que houver espiritos grandes, e que saibam quanto valeis. »

Dizendo isto, D. Henrique tinha litteralmente arrastado Mem Bugalho até juncto da mesa. Os fidalgos, que se haviam assentado, e cochichavam rindo, calaram-se.

« O doutor Mem Bugalho annue ás rogativas que lhe fiz de ser nosso convidado. »

« Viva o doutor Bugalho! — exclamaram os fidalgos.

« Um logar para o doutor Bugalho.... onde ha hi logar? »

« Aqui, aqui! — bradou o marechal.

« Vinde, doutor, vinde: — insistia o conde, levando após si o decretalista, a quem tanta lhaneza animára, e que dizia lá comsigo:

« E teimam aquelles diabos que os fidalgos são inimigos do povo! Queria que vissem isto! Ah, senhores procuradores, senhores procuradores, sois demasiado injustos! Ainda que cuide de vender os meus torrões em Celorico;

e de sacudir na portagem o pó dos meus sapatos, não assignarei os capitulos. O meu voto é livre, livre e desapaixonado. Digo que não quero. Que me importa o chanceller? Nada.»

E na força deste acto mental de fervor contra as injustas preoccupações dos seus collegas, Mem Bugalho chegou ao topo inferior da vasta mesa de castanho. O conde largou-lhe a mão; mas o licenciado começava a entrar em si. Tomou resolutamente pela esquerda, dirigindo-se ao logar que lhe fôra offerecido. Os cavalleiros enfileirados daquelle lado ergueram-se, e arredando os tamboretes, voltaram-se com toda a gravidade. No momento em que passava por diante de cada um delles o digno procurador de Celorico virava-se, desbarretava-se, curvava-se, tornava a virar-se, a endireitar-se, a cubrir-se, para de novo se revirar, desbarretar-se e curvar-se. Achára todo o seu elasterio ante aquella renque de vultos esplendidos, multicores, ridentes, que tambem o saudavam. Apenas o viu ao pé de si, o marechal, segurando-o pelo braço, fê-lo assentar com doce violencia. Como um mar que se achana depois do frémito da procella e do banzar das vagas, o alto rumor da tavolagem asserenou gradualmente até cahir em calma silenciosa.

Seguindo o exemplo do conde de Seia, os cavalleiros pegaram a um tempo nas taças:

«Á saude — exclamou D. Henrique levantando ao alto a sua copa cheia a trasbordar—; á saude do sabedor que não vae buscar na sciencia das leis armas para combater a nobreza de Portugal: á saude daquelle que por odios ruins e villãos não quebra os laços da boa amizade! Honremos o homem que, procurador do povo, tem o animo desaffogado de tristes rancores, e não duvída de assentar-se entre nós, como irmão, como igual nosso que é, porque a sabedoria, e o lustre que della vem á patria commum, o ennobreceram e illustraram.

E levando a taça aos beiços repetiu:

«Á saude do doutor Mem Bugalho.»

«Á saude do doutor Mem Bugalho: — ecchoou a chusma dos fidalgos.

E as amplas copas, empinadas vagarosamente, ficaram por alguns instantes assestadas para a grande lampada pendente do fecho da abobada.

O licenciado ergueu-se. Estava commovido; e a commoção puxava-lhe as lagrymas aos olhos, ao passo que o desejo de se mostrar senhor de si lhe impellia o sorriso ás faces. Naquella contradicção d'inflexões o seu rosto es-

paçoso, vermelho, curvilineo, daria á risada mais douda, mais garganteada, mais inextinguivel um titulo indisputavel de legitimidade.

As ideas e os affectos emmaranhados, tumultuosos, não lhe inspiravam uma unica phrase. Contentou-se com o pôr a mão sobre o peito, curvando-se até onde lh'o consentia a borda da grande mesa da tavolagem.

Depois pegou na taça, e fazendo razão á saude, começou lentamente a despeja-la.

Entretanto Alvaro Gonçalves Camelo, prior de S. João, e marechal da hoste, isto é, chefe militar immediato ao condestavel, como o condestavel o era ao rei, sopesando um pesado *talhadouro* de cabo esmaltado, ou de obra de Limoges, ía retalhando a magnifica peça de assado que fumegava: os prateis reluzentes passavam de mão em mão, e as conversações interrompidas recomeçavam já entre dous, entre quatro, entre seis; acaloravam-se, esmoreciam, limitavam-se, expandiam-se, generalisavam-se, bem como as chispas n'uma tela queimada, da qual o fogo tornou a apoderar-se, que correm tremulas, incertas, fugitivas, separando-se, unindo-se, serpeando, alastrando-se, até a retingirem toda na sua cor abraseada.

No meio daquelle sussurro, dous escudei-

ros mancebos, lançando de relance a vista ao digno procurador de Celorico, murmuraram ao mesmo tempo um para o outro

« Não vês? Não vês? »

E abaixando as cabeças riam de socapa a bom rir.

« Ih! — fungou um terceiro, que, ouvindo aquillo, olhára tambem.

O conde de Seia, que estava ao pé delles, voltou-se com semblante severo para os tres estouvados.

Mas o rir mal suppresso grunhia de todas as partes.

O conde, olhando então para o topo da mesa, deu de rosto com o licenciado, e custou-lhe igualmente a conter-se. Que alma chorona poderia, de feito, ficar impassivel ao contemplar o gesto do pobre Asinipes?

Estava em pé ainda, com a cabeça enterrada de todo entre os hombros; os olhos esbugalhados revolviam-se-lhe nas orbitas; com a boca escancarada, aspirava anciosamente, quasi suffocado, o ar que lhe pipitava nos bronchios; o vinho jorrava-lhe pelos narizes, e a sua tez cor de rabano requintára na de beterraba.

Perturbado, ao corresponder á saude dos fidalgos, dera-lhe o vinho no goto. Estava engasgado.

D. Henrique Manuel viu o perigo: uma gargalhada que destruisse o encanto do decretalista fazia-lhe perder uma somma avultada, ao passo que feria todas as conveniencias politicas. Era necessario conter aquella imprudente hilaridade.

« Sabeis o que corre, senhores? — perguntou em voz alta.

Voltaram-se todos.

« João das Regras está enfermo, muito enfermo. »

Fôra a primeira mentira que lhe lembrára.

« Muito enfermo o chanceller! — exclamou a turba admirada.

« Perdoae, conde: — disse o mestre de Christus. — Ainda esta manhan vi o velho raposo no paço. »

« Tambem eu! »

« E eu. »

« E eu. »

« Pois ouvi-o de mais de uma boca esta tarde... — balbuciou o conde. »

« Historia! — interrompeu Fernando Affonso. — Esta tarde o vi eu á porta de Martim Docem. Vinha da Sé e voltava ao Arco do Caranguejo. Por signal que o maldicto ía mesmo com uma cara! Cara de peccado. »

« Então enganaram-me: — replicou D. Hen-

rique. — Trocaes-me as alegrias em tristezas. »

Mentia. Estava a rir-se lá por dentro; porque tinha obtido distrahir a attenção geral do pobre Mater-Galla, que começava a desembuchar, e cujo rosto ía voltando á cor nativa de rabano.

« Não; de doença não morre elle: — proseguiu o camareiro-menor. — Só se fôr a tiro daquelles trons infernaes que os castelhanos trouxeram a Aljubarrota, ou então se lhe cahir em cima a sorte do que resam os astros. »

« Os astros!? — perguntou D. Henrique. — Que quer dizer isso? »

« Não vos contei ainda de uma prophecia, que ha tempos me fez mestre Guedelha, o physico judeu? »

« Nunca vos ouvi tal! »

« Referir-vo-la-hei, pois, agora. Examinando os aspectos dos planetas, mestre Guedelha leu nelles signaes infalliveis que annunciavam a morte proxima de uma pessoa notavel. Até aqui nada ha estranho; mas o que é monstruoso e horrivel é o modo!.. Não imaginaes qual... Se a sorte cahisse naquelle velho malvado!.... »

« Mas o modo? o modo?! — interrompe-

ram varias vozes, porque a reputação de vidente do depois tão célebre astrologo d'elrei D. Duarte já era assás ruidosa para excitar viva curiosidade.

« O infeliz morrerá amarrado a um poste, na praça de Valverde, queimado pela mão do algoz. »

« Sancto breve! — clamaram muitos com o accento ironico da incredulidade. — O astrologo é descaroavel! »

« Caso singular! — acudio com gesto pensativo o senhor de Resende. — Mestre Zacuto do Porto fez-me o anno passado a mesma prophecia. O physico Guedelha não vos disse mais nada? »

« Nada. »

« Pois mestre Zacuto asseverou-me que, em conjuncção com os signaes que indicavam esse terrivel successo, se viam no céu um habito de monge, uma garnacha de doutor, e uma opa de rei, e tres vezes escripta a palavra Joanne. »

« Quereis que vos interprete o prognostico? — perguntou a rir Fernando Affonso.

« Venha a interpretação! — foi o brado geral.

« Quer dizer que elrei ha-de fazer queimar a ossada podre e bolorenta do chanceller por

concelho do escrivão da puridade. Tres vestiduras; de frade, de doutor, e de rei: tres Joannes; Fr. João Martins, mestre João das Regras, D. João I. Será, ou não será? »

Estrondosos applausos victoriaram a feliz inspiração do augur extemporaneo.

« Prouvera a Deus, Fernando,—disse Gonçalo Vasques Coutinho — que o teu prognostico se verificasse!... Mas por que motivo hade elrei atirar a uma fogeira aquelle velhaco? Tem-no servido bem. Contra nós é que elle desaffoga a sua maldade; o villão ruim! »

« Quem sabe? Os decretos da providencia são inescrutaveis! — interrompeu o digno prelado de Alcobaça n'um tom que fôra difficil determinar se era mystico se ironico. — As affeições dos reis parecem-se com as grimpas dos campanarios no inverno. Raras vezes viram só por metade. Depois da nortada o sul: depois do vendaval a nortada. O sorriso e a sentença de morte não se repellem quando se topam nos labios dos principes. Tem-se visto tantas vezes perpassar! »

Proferindo estas palavras fitou o olhar de gerifalte no camareiro-menor.

« Que Deus vos ouvisse, dom abbade! — exclamou o prior de S. João. — Nesse dia estavamos salvos. »

« Salvos? — acudiu Gonçalo Vasques. — « Como assim? Não resam todos os do conselho pelo mesmo breviario? »

« E porque sería um delles o successor do bemdicto chanceller? — observou o conde de Seia, o qual no geito que levava a conversação achára um ensejo de lisongear indirectamente a sua victima. — Não saem do estudo, que elrei D. Fernando trouxe de Coimbra para Lisboa, doutores em leis e em decretaes? »

A tormenta, em que se debatêra o glorioso pimpolho da viçosa Celorico, tinha asserenado. A glote do honrado procurador voltára ao seu estado normal. O licenciado fitou a orelha ao ouvir a patriotica reflexão do seu illustre amigo.

« Sim ha: — replicou Gonçalo Vasques. — « Mas falae e elrei em qualquer que não seja dos d'Itália. São os seus homens... »

« Dizei antes que são os homens de João das Regras. Tirae-o afóra, e a seita cahirá em pedaços. »

« Duvido! »

« Não duvideis. Só aquelle embaídor soube igualar, e, talvez, exceder o condestavel na privança do mestre de Aviz. Se morressem, credes que Nunalvares, e nós com elle, não teriamos influencia bastante para pôr ao lado

d'elrei um chanceller affeiçoado á nobreza, e para arredar pouco a pouco esse bando de harpias, que, empoleiradas nos degráus do thorono, não cessam de dar bicadas em nossos privilegios e liberdades?

« Vamos lá! — redarguiu o prior. — Supponde que o vento da morte varreu o pestifero hypocrita da face da terra. Quem escolherieis para seu successor? »

« Ninguem determinadamente: — respondeu D. Henrique fitando os olhos no procurador. — Mas que não seja um desses ichacorvos roazes de Bolonha, de Padua, ou de Pisa. Seja um discipulo dos Sanches ou dos Albernazes: um homem que não desprese as leis dos nossos maiores, os bons usos da sua terra, o direito claro e simples do velho Portugal, para nos enredar não sei em que subtilezas estranhas, que só os taes doutores d'Italia entendem. Seja qualquer, menos um dos doutores d'Italia!.... Doutores! — proseguiu elle com gesto de profundo desprezo. — Perguntae-lhes o que annuncia o aspecto dos astros: interrogae-os sobre os mysterios da alchímia, com que se transformam as pedras em metaes; falae-lhes dos preceitos mais triviaes da cetrária ou da monteria, das nobres artes de justas e torneios, de soláus e rimances, de padrões e

linhagens! Ignoram tudo; tudo quanto é util, difficil e bello na sciencia humana. Contentam-se com a gerigonça não sei de que leis pagans, com que pretendem governar christãos. É ou não é isto verdade?»

«Tendes razão, tendes razão! — exclamou a turba.

«Eis ahi porque eu quero um chanceller portuguez d'alma; um chanceller allumiado, que saiba respeitar a justiça e o direito antigo, e não um dos garnachas italianos.»

«Abaixo os italianos!»

«Dôr de reira consuma o Regras, o ignorante, o hypocrita!»

«Ou levadigas de peste, de peste que o mate!»

«E os outros? O que dizeis dos outros?»

«O Gomide, por exemplo; o escrivão da camara?»

«E o da puridade? Aquelle beato de Fr. João.»

«Oh lá, esse tem a alma negra como o habito. Não fôra elle bento! — Era melhor que o reverendo se mettesse em Pombeiro a governar os seus frades...»

«Deixa ver se elle faz assar o das Regras..»

«Ah, ah, ah!»

« Então esquecem-se do chanceller-mór, do Fogaça, porque está em Inglaterra? »

« Nada: o Fogaça nada, que é fidalgo-cavalleiro, e dos nossos. »

« Não é, não é! »

« Sim senhor; é! »

« Nada, não: o Fogaça não! »

« E o corregedor da côrte, o sanctarrão de Gil Eannes? »

« Falae-me nesse! A terra com elle! »

« Todos, todos os garnachas negras! A terra os garnachas! »

« E Pisa e Bolonha? Arrasadas sejam Pisa e Bolonha! »

« Amen Jesus! — rosnava Lourenço Braz, que chegára por aquella parte com o pichel na mão para encher as taças, e que ouvíra o nome de Gil Eannes, a quem tinha antigo teiró.

Falavam, gritavam, bracejavam, riam, enfureciam-se. O que se passava na tavolagem das Portas do Mar era a repetição de scenas anteriores representadas em mais numerosas reuniões de fidalgos, d'onde estes saíam asseverando que trabalhavam em derribar João das Regras, o terrivel valído, que tanto detestavam.

E João das Regras sabia-o, calava-se, abai-

xava humildemente a cabeça, e quando via occasião opportuna destruia-lhes um privilegio, promulgava uma lei que os ferisse, lançava-lhes ás pernas os molossos populares.

Era um sancto e pacato homem aquelle João das Regras!

Mas, digamos a verdade inteira. Tão bom homem como o licenciado Asinipes, lá isso não era.

De orelha fita, o doutor Bugalho tinha escutado aquella conversação, a que supprimimos as pausas e entremeios, produzidos pela masticação, deglutição e haustos convivaes. Vinham assás transparentes as allusões á sua respeitavel pessoa, e uma voz íntima dizia-lhe: — Não te fazem favor nenhum! » Era o testemunho da propria consciencia. Infelizmente isto de consciencia, se fosse entidade de musculos e ossos, iria muitas vezes dar com elles nas galés ou em Africa por testemunha falsa. As cocegas de ambição insensata e impossivel em que se espreguiçava a sua alma não tem expressão condigna na linguagem dos homens. Tão enlevado estava nessas delicias, que se transportou mentalmente á quadra superior da torre da escrivaninha, onde algumas vezes entrára mais timido e acanhado ainda que na tavolagem do bésteiro. Repotreava-se na poltrona

de João das Regras: dava ordens aos escribas, assignava mercês, aconselhava el-rei, citava textos das decretaes, ralhava, governava em fim. Governar Lisboa, o reino inteiro, elle, juiz de fôro de Celorico; elle, a cujo talento e sciencia o mundo ainda não fizera justiça! Era uma idéa suavissima, bemaventurada. Mas o vulto severo do chanceller interino (e todavia mais effectivo que o chanceller-mór Lourenço Annes Fogaça) robusto, sadío, noivo nesse mesmo anno apesar dos seus sessenta bem medidos, começava de novo a coagular-se-lhe na imaginativa, d'onde momentaneamente se desvanecêra, e em breve lhe converteria os dourados sonhos em agua chilra, se antes disso a matinada diabolica do *tutti* final dos fidalgos, nas suas imprecações contra os barbas grisalhas do conselho d'elrei, não o houvesse revocado á realidade da situação, fazendo-o cahir de alturas onde um momento revoára nas azas extaticas da esperança.

As copas ou taças giravam de novo. O pichel do bésteiro, provído e esgotado tres ou quatro vezes, alimentava o bom humor, e o restrugir das risadas sobrelevava de quando em quando por cima da algazarra, em que todos falavam e ninguem se entendia. O grave prior de S. João, o conde de Seia, e o abbade de Alcobaça eram os unicos que pa-

reciam preoccupados, e que mediam pelas suas forças digestivas o numero das libações, em quanto Fr. Vasco se abstinha de tocar na taça inutilmente cheia diante delle, como se abstivera de entrar em conversação com alguem. O prior-marechal, que parecia interessado em fazer ganhar a aposta a D. Henrique Manuel, olhava repetidas vezes para elle interrogando-o com um meneio de cabeça, e a cada aceno de D. Henrique fazia signal a Lourenço Braz para que enchesse a malga do procurador, cujo raio visual ía começando a representar-lhe n'alma dous vultos por cada circumstante. Pataburro sentia-se verdadeiramente feliz. Estava capaz de abraçar Belzebuth se alli lhe apparecesse, e até de mostrar boa cara a seu compadre João Boroa, mordomo de Celorico, com quem tivera uma demanda de cinco annos, antes de ser juiz ordinario, sobre as horas d'agua que tocavam a cada um para a réga de dous campos limitrophes.

As disputas, os motejos, o comer e sobre tudo o beber prolongaram-se por mais de uma hora. D. João d'Ornellas distinguia-se entre os mais pela sua jovialidade, e ninguem diria que esse monge flórido, vermelho, folgazão, era o terror dos desgraçados moradores dos coutos de Alcobaça. Pelo contrario o seu com-

panheiro jámais saíra daquella especie de insensibilidade que mostrára desde o principio. Lisboa repousava profundamente, e só do edificio mourisco das Portas do mar transpirava um ruído duvidoso de orgia, que, sussurrando tenue a alguma distancia, se escoava pelos estreitos becos da judearia mais proximos da cathedral, e fazia durante alguns momentos pôr á escuta a rolda estremunhada dos homens d'armas do alcaide-mór, que passavam cabeceando ao longo da vizinha muralha.

XII

VILLÃOS NÓS: RUINS VÓS!

> Dizem alguns fidallguos que elles nom conhecem outro rrey em ssua terra ssenom a ssii.
>
> CORTES DE LISBOA DE 1456, — *Cap.* 9.

As ageis mãos do roliço bésteiro tinham, emfim, feito desapparecer de cima da mesa os restos da mais sobria que abstemia collação nocturna.

Depois entre o correr e tombar dos dados o ouro rolára profusamente. Approximava-se o quarto d'alva, e ainda tres vultos agrupados juncto á cabeceira da *tavola* disputavam

o favor do acaso, que parecia teimoso em proteger um delles exclusivamente.

Eram o conde de Seia, o prior do Hospital ou de S. João, e o licenciado Asinipes, e este o mimoso da fortuna.

Os outros jogadores haviam-se emfim alevantado pouco a pouco, e de pé e em circulo, para o lado opposto do vasto aposento, pareciam entregues a disputa desordenada e violenta.

A turbação dos animos causada senão pela embriaguez, ao menos pelo quasi delirio que a semelha e precede, não fizera esquecer aos useiros e vezeiros da tavolagem o numen a quem esse logar era especialmente consagrado, numen a cujo culto, fatal para tantos, apenas punham fragil barreira as severas comminações das leis do reino contra um dos vicios mais radicados naquella epocha. Assim a maior parte da noite passára na lucta ardente de jogo desenfreado.

Esses montes de ouro e prata, que haviam mais de uma vez mudado de dono segundo os caprichos da sorte, e no meio das facecias e pragas, das contestações violentas, e até das injurias e ameaças, fazendo sibur do coração ás faces rubras, aos olhos irritados, e aos labios tremulos o lodo das paixões hediondas

que lá dormitavam, eram o fructo de uma alchimia mais verdadeira do que ess'outra que naquelles tempos se acreditava ser apanagio dos adeptos da sciencia hermetica. Eram os vis reaes, pogeias e mealhas do povo, condensados e transmudados nos metaes preciosos de boa e nobre moeda, que rolavam na grande mesa de castanho, agora convertida em mesa de jogo, ou *tavola*.

No decurso de dous para tres seculos uma grande revolução se operára no systema da fazenda publica de Portugal. Em virtude dessa revolução, em quanto o rei e os concelhos, empobrecidos pelos males da guerra, se debatiam na miseria, as classes privilegiadas achavam ainda recursos para a devassidão e para o luxo, sem empenharem inteiramente nas mãos dos judeus as rendas das suas honras e solares.

O estado, que, nos primeiros tempos da monarchia, copiára na sua organisação economica o modelo que lhe offerecia a familia; isto é, que vivêra do producto das suas propriedades, dos fructos das terras chamadas então regalengas, e das rendas e foragens, a troco das quaes cedera os terrenos onde não só se fundavam grandes povoações, mas tambem se estabeleciam os herdamentos, as al-

deias, e até as pequenas arrotéas, desbaratára gradualmente este rico patrimonio. Os reis tinham ido distribuindo essas grangearias, destinadas a alimentar a vida collectiva da sociedade, pelos seus ricos-homens, pelos seus infanções e pelos seus valídos; pelos seus bispos, pelas suas cathedraes e pelos seus mosteiros. D. Fernando, cujo caracter foi um mixto singular de grande principe e de grande mentecapto, esgotára os derradeiros estillicidios que manavam das antigas fontes do rendimento publico, e a nobreza respigára, até o ultimo grão, o que restava da recolhida seara. O estado continuava, todavia, a achar com que supprir as suas necessidades, porque, ao passo que as primitivas contribuições, sem deixarem de subsistir para os contribuintes, cessavam para os cofres publicos, os celebres *pedidos* de côrtes iam lentamente habituando o rebanho popular a uma dupla tosquia, tractamento que, seja dicto de passagem, os alveitares politicos sempre acharam altamente hygienico e salutar.

O systema das contribuições geraes, que se fixou e caracterisou definitivamente nas sizas de D. João I, recebeu depois nos seculos que mediaram até nós o seu inteiro desenvolvimento, emquanto as rendas ou tributos lo-

caes, convertidos em patrimonio nobiliario, apesar dos mais solemnes e repetidos protestos feitos em côrtes contra essa espoliação flagrante, continuaram a ficar enraizados no solo portuguez com uma vida admiravelmente tenaz. Veiu, emfim, neste nosso tempo um principe, que, convertendo em charrua a sua espada de soldado, arrancou pela raiz esse esterilisador escalracho. Quando, porém, viram morto o terrivel lavrador; quando estiveram bem certos de que os seus restos eram cinza, que nenhum sôpro de vida reanimaria jámais, agarraram todos os tronquinhos dispersos da planta maldicta, espalharam-nos de novo pelos campos da patria, apiedaram-nos, regaram-nos, cofiaram-nos, e qualificando de revolucionario o grande acto de justiça nacional, a lavagem que o heroe fizera no estabulo de Augias, appelidaram-no de salteador. Faltou atirarem-lhe as cinzas ao mar. Depois alevantou-se a ignorancia jurisperíta, o molinismo politico, a erudição bastarda, e disseram ao povo: — O escalracho incommoda-te? Bom remedio. Arranca-o. Mas paga primeiro a faculdade de o arrancar. É uma bagatella: apenas pouco mais de tres quartos do valor dessa terra, que regas com o teu suor, e que libertaste com o teu sangue.» E o agricultor lá vae vendendo a camisa para

poder livrar-se da planta daninha. Abençoado seja elle, e os que souberam conhecer-lhe a indole para a explorar!

Era, pois, o producto dos terradegos, chavadegos e maninhadegos, das osas, gayosas e luctuosas, das eiras, angueiras, perangueiras, carreiras e fossadeiras, e dos mais foros, direituras e costumagens em adegos, em osas, em eiras, e em todas as terminações possiveis de rapina legal e tradicional, que se jogava na tavolagem das Portas do mar. Aquelle attractivo divertimento fizera voar as horas. De quando em quando a voz estridente do gallo annunciava a proximidade do dia, bem como a indicava o amortecer das lampadas, que allumiavam a vasta quadra.

Segundo dissemos, o prior-marechal, o conde de Seia e o procurador de Celorico, attentos aos pontos que marcavam os pequenos cubos de marfim, pareciam esquecidos de tudo o que os rodeava.

Não era assim: D. Henrique preparava o golpe que lhe havia dar a gloria de vencedor na aposta que fizera, e ao mesmo tempo as vantagens mais positivas de ganhar uma avultada somma e de conhecer definitivamente as odiosas pretensões populares.

De accôrdo com o prior de S. João o conde

seguíra o methodo inverso dos jogadores professos. Ambos elles o eram: sabiam a tempo repellir a fortuna, ou atá-la ao seu carro triumphal. Fazendo vacillar a sorte a principio, começaram a ceder a victoria quando viram o licenciado assaz engolfado no jogo para que o seu coração se dilatasse no delicioso enlevo de illimitada felicidade. De olhos fitos nas boas dobras, que os dados pintando a flux iam passando para diante delle, o honrado burguez nem sequer ouvia o rufdo das falas, que soava do lado opposto do aposento.

E, todavia, o objecto da conversação era assás importante!

D. João d'Ornellas tinha provado naquella noite ao seu silencioso companheiro, que, assentado a um canto, parecia entregue a uma habitual somnolencia, quão util alliado era para obterem os fins que ambos se propunham. Como o déstro capinha, que, sem accommetter de frente o bravo novilho, falseando-lhe as arremettidas o fere de soslaio, e obrigando-o a inuteis esforços o cansa, irrita e desespera, até o fazer cahir exhausto e vencido pelo proprio furor, assim o diabolico frade, excitando os animos, ora com a contradicção indirecta, ora com ironias pungentes, ora com capciosos conselhos involtos em reflexões austeras, le-

vára os cavalleiros menos prudentes, e sobretudo o homem que elle jurára perder, o joven valído do rei, a manifestarem intentos e esperanças, que, habilmente interpretados, se poderiam tachar, não só de violencia, mas até de deslealdade. Fernando Affonso não se contentára de invectivar contra os ministros de D. João I: approvára os queixumes dos fidalgos contra o proprio monarcha, e a resolução que muitos manifestavam sem rebuço de se recusarem a servir na guerra, se os resultados das proximas côrtes fossem novas quebras de seus privilegios. Mais de um exemplo anterior auctorisava a crer que n'esta ameaçada recusa se continha a idéa de irem pôr as suas lanças ao serviço de D. Beatriz de Castella.

Foi então que, a um aceno do conde de Seia, o prior de S. João, observando que era alta noite, e que ninguem mais se via ao redor da *tavola*, propoz que terminassem o jogo, e, com magoa do tão feliz procurador, se alevantou para ir reunir-se ao grupo que altercava na opposta extremidade da quadra.

A sós com o licenciado, D. Henrique começou a falar em voz baixa. Depois de entreter a sua victima com varios objectos insignificantes, conduziu a conversação de modo

que veiu a tocar na circumstancia que fizera com que o muito honrado doutor Mem Bugalho se achasse de um modo inopinado naquelle logar, áquellas horas e em tão estranha companhia. Lamentava-se de que as cousas tivessem corrido de modo que lhe não fosse licito aproveitar-se das provas de confiança que elle lhe dera, querendo communicar-lhe os capitulos populares, ácerca dos quaes tantos boatos contradictorios se espalhavam; accusava-se de não ter reflectido em que podia encontrar na tavolagem aquelles estafermos, nem na possibilidade de elles se demorarem alli quasi até a madrugada: sentia ter ajustado com o marechal partirem ao romper da manhan para uma caçada nas terras da Flor-da-Rosa, onde se deviam demorar uma ou duas semanas: deplorava a impossibilidade em que se via de ouvir aquella leitura, a qual, a confessar a verdade inteira, posto que o fizesse com o sacrificio de nobre e legitimo orgulho, não lhe era indifferente; mas que não ousaria exigir delle que cumprisse diante de tantos cavalleiros, a muitos dos quaes tractava pela primeira vez, a promessa que lhe fizera, posto que elle conde de Seia podesse responder, como pela sua propria, pela lealdade e circumspecção de todos e de cada um em particular: protesta-

va, finalmente, que guardaria em perpetua lembrança o novo testemunho que recebêra da mais pura e generosa amizade.

As palavras do conde haviam sido tão insinuantes e lisongeiras, o ouro que o illustre Mater-Galla tinha ante si mollificára tanto o seu coração naturalmente bondoso, e, semelhante ao espinho do remorso na consciencia do criminoso, a idéa de poder algum dia sêr elevado ao cargo de chanceller por influencia da nobreza era tão viva e perenne na sua alma, que, depois de scismar alguns momentos, exclamou como arrastado por inspiração irresistivel:

« E porque não os ouvireis agora? Quizera que dependesse de mim cousas de maior preço para vós, e em geral para a fidalguia... »

Ah, Mater-Galla, Mater-Galla! O demonio da ambição tinha-te catrafilado! Despenhavas-te no abysmo!

« Perdestes a vossa aposta:—disse o prior, que entrára na roda dos que altercavam, e que, ouvido n'uma parte, ouvido n'outra, percebêra a exclamação do burguez.

Estas palavras dirigiam-se ao mestre de Christus, ao senhor de Rezende, e a Gonçalo Vasques, que eram os da aposta com o conde de Seia.

« Como assim? — replicou D. Lopo Dias. — É quasi madrugada: vamos partir; e o villão ainda não disse uma palavra. Foi o conde quem perdeu. »

« Mas escutae: — atalhou o marechal.

Todos fizeram silencio.

« Eu sei!? — dizia o conde ao seu interlocutor. — Seria talvez imprudencia... »

« Quando vós affirmaes que respondeis pela lealdade de todos estes cavalleiros, posso depositar nelles illimitada confiança. »

« Na verdade passarieis a meta das minhas esperanças... »

« Basta! Eis aqui os artigos! »

E desabotoando a abertura do gibão, tirou resolutamente um rolo atado com um cordão tecido de cores, e começou a desdar o nó.

O grupo dos fidalgos tinha-se insensivelmente approximado.

« Amigos: — disse D. Henrique dirigindo-se á turba, antes que o burguez se arrependesse — quereis escutar um momento? Ouvireis alguma cousa que ha-de interessar-vos. »

« O que? o que? — perguntaram varias vozes.

« Os artigos de côrtes por parte do povo. »

« Ah! »

A interjeição, que fugíra ao mesmo tempo de todos os labios, era inqualificavel; mixto confuso d'escarneo, d'admiração, de malevolencia e de curiosidade.

Mem Bugalho não gostou daquelle ah.

« Senhores,—balbuciou elle—era uma promessa feita ha muito... Só hoje posso cumprir a minha palavra. Nada arrisco em desempenha-la na vossa presença. Sois nobres, sois honrados: não podeis trahir-me... »

« Oh, oh! »

Esta nova interjeição ainda azoinou mais o procurador de Celorico; porque lhe pareceu mais inclassificavel que a primeira.

Era, porém, tarde para recuar.

Os cavalleiros tinham-se acercado ao redor da mesa. Pataburro desenrolou o pergaminho. Era uma tira longa e estreita, escripta em cursivo miudo e esguio. Á luz das lampadas, já mortiça, allumiava frouxamente o rosto vermelho e amplo do burguez, que, de pé, com a esquerda firmada na borda da mesa, e elevando o pergaminho a certa distancia, inclinou para traz a cabeça. A leitura ía começar.

O que é verdade é que, apesar dos ahs e dos ohs, ouviá-se o cicío do respirar mal comprimido, porque a attenção geral pendia inquieta dos labios do doutor Asinipes.

A trovoada dos artigos era formidavel!

Não esfalfaremos o leitor transcrevendo na integra os interminaveis kiries de uma ladainha municipal dos fins do seculo XIV. Esses monumentos de grandes oppressões e de longas e tenazes resistencias; esses brados energicos da colera dos oppressos, que, semelhantes a Sansão, derrocaram emfim a tyrannia do privilegio, sepultando nas mesmas ruinas as liberdades populares; esses monumentos, lá os achará aquelle, que desejar contempla-los na sua rudeza nativa, sumidos, talvez, no fundo da arca mais carunchosa do seu proprio municipio.

Os aggravos, ácerca dos quaes os concelhos exigiam providencias, eram varios e complexos, e a exposição delles redigida no estylo sorna e estafado, que então parecia sublime de singela eloquencia. A primeira pretensão dos homens-bons, no que respeitava á nobreza, consistia na extincção das coutadas, negocio grave n'uma epocha em que o exercicio da caça, tanto de montaria como de altanaria, era considerado uma das mais dignas occupações de qualquer fidalgo; em que o proprio Mestre d'Aviz consagrava parte das horas, que lhe deixavam os cuidados da guerra e da politica, a escrever um tractado de *cetrária*, ou da

arte de caçar com açores, falcões e gerifaltes; em que, finalmente, os monumentos nos representam os barões e damas de alta linhagem trazendo como distinctivo uma ave de rapina empoleirada sobre o punho, distinctivo, de feito, assás significativo e epigrammatico. A villanagem, porém, que não comprehendia a idealidade que havia em ver os seus campos e bouças arrasados pelas lebres, veados e javalis, com sem-ceremonia blasphema pedia tambem para si o direito de enviar alguns tiros de bésta a hospedes tão incommodos como frequentes. Não satisfeitos com isso, queixavam-se amargamente dos alcaides-mores dos castellos, que, recebendo soldos da coroa para pagarem a homens d'armas que guardassem as boas fortalezas d'elrei, entendiam, e entendiam bem, que era melhor comê-los ou jogá-los, e constranger os moradores dos concelhos a supportarem gratuitamente esse encargo. Vinha tambem aquelle impertinente gentio lançar em rosto a familias tão illustres e antigas como Noé ou Mathusalem, se não mais, outra miseria, tal, que estivemos por um és não és a omitti-la. Queixavam-se dos senhores, que, rodeados dos seus vassallos e clientes, costumavam residir nas terras a elles sujeitas, e que, para evitarem os tedios da triste vida

provinciana, consumiam em lautos banquetes, ás vezes n'um mez, as subsistencias de um anno, esquecendo-se de pagá-los, queixa absurda, visto que elles por serem nobres não eram exemptos das debilidades da retentiva humana; e se por ahi violavam donzellas e viuvas, segundo os artigos resavam, menos por fartar paixões más o faziam que por benevolencia para com essa raça achavascada, meio-mourisca meio-servil, de labregos desagradecidos. Abusando das largas que lhe dera a revolução de 1384, a arraia-miuda engrimponava-se a ponto de lançar em rosto ao seu querido rei bastardo o haver mais de uma vez, em hostes e cavalgadas contra os scismaticos de Castella, confiado as bandeiras dos concelhos a escudeiros fidalgos, em quebra do antigo foro e uso de as levarem aos combates alguns dos proprios burguezes. Não paravam aqui as sandices populares. Representantes do supremo poder nos districtos cujos senhorios eram, os fidalgos exerciam pelos seus corregedores e ouvidores a alta magistratura judicial. Em consequencia as demandas eram intentadas, pelos que nisso interessavam, na instancia superior, e os juizes ordinarios ou de foro ficavam ás moscas, em quanto os litigantes eram arrastados de terra em terra ao tribunal am-

bulante do senhor, e reduzidos á mendicidade pelos gastos da demanda e das forçadas viagens. Assim pediam que, em tudo o que fosse possivel, gyrassem os litigios dentro da orbita municipal, desconchavo de marca maior, porque ninguem os obrigava a ser demandistas. Por ultimo repetiam em especial contra os mestres das ordens, contra o prior do Hospital, e contra Nuno Alvares Pereira, denominado por antonomasia, ou por abbreviatura, *o conde*, e em geral contra todos os fidalgos, a accusação de serem um bando de salteadores, que, vagueando pelo paiz, tiravam aos cidadãos e mais arraia-miuda tudo aquillo de que precisavam, sem curar de saber quanto custava.

Taes eram os artigos resolvidos entre os mandatarios dos concelhos ácerca da nobreza e ainda da clerezia; mas a malevolencia communal não se resumia em tão pouco. A caldeira popular fervia e trasbordava. Propunham-se muitos outros, qual delles mais acre, e que vieram a formular-se nas subsequentes assembléas politicas, mas em que o accôrdo não era ainda completo, se não quanto á essencia, ao menos quanto aos accidentes. A intervenção dos nobres nas eleições municipaes, o aquartelarem-se em certos bairros das villas transformados

por elles em ninhos de abutres, em vez de residirem nas alcaçovas, que tinham por dever guardar; o impedirem nos coutos e honras o pagamento de fintas para as obras publicas, como fontes, estradas e pontes; o deixarem cahir em ruinas os predios urbanos que possuiam nas povoações, como uma inutilidade, visto servirem-se dos alheios; as assuadas e violencias com que embargavam nos paços dos concelhos o livre exercicio da justiça nos seus actos mais solemnes; o exigirem o abatimento de um terço do preço nas cousas que se dignavam de pagar, abuso antigo e contrario ás leis do reino; e emfim, outros pontos diversos, em que o povo via uma quebra dos seus foros, ou um attentado contra a sua propriedade, constituiam a serie dos artigos pendentes, que se ventilavam, refundiam, renovavam, para ainda serem reconsiderados em relação ao tempo e modo de se apresentarem ao rei, posto que os delegados municipaes concordassem uniformemente na sua justiça e necessidade,

A leitura acabára. Nem um movimento, nem uma palavra tinham interrompido a attenção geral. A voz do procurador levemente tremula deixára de vibrar, e um silencio de tumulo lhe succedêra. Era o atordoamento que no primeiro impeto produzem o assombro e a

indignação. Como o oceano, que, ao enovelar-se a procella, parece dormente, subjugado pela mão da terrivel mensageira do Senhor, mas que, soltando um mugido ao encresparlhe o dorso a primeira lufada, eriça os véllos de escuma, e colleia em serranias de vagas, estourando sobre os continentes com alto fragor, assim a colera accumulada rebentou emfim impetuosa.

A primeira lufada da tempestade saíu dos labios do mestre de Christus.

Uma punhada sobre a tavola, tão violenta que fez dar um pulo ao pobre Pataburro, annunciou esse primeiro furacão.

« Pelo sancto templo de Christo! — exclamou o orgulhoso chefe dos novos templarios. — Tractar-me a mim e aos cavalleiros da minha illustre ordem como um bando de salteadores e devassos, de glotões e tyrannos! Muito é, villanagem; muito é! D. João! Filho de D. Pedro! — proseguiu elle, depois de uma pausa, e estendendo a mão para o lado dos paços de S. Martinho, como se o seu gesto e a sua voz podessem romper os obstaculos intermedios. — Eis ahi o fructo das largas, que teu pae deu, e que tu dás aos populares! Ousarão insultar os teus cavalleiros em S. Domingos, e tu, em vez de os

condemnares á forca, ainda lhes prometterás desaggravo. Vae, vae affagando esses ursos, que forcejam por abater a fileira de nobres e valentes lanças que te rodeiam o throno, para depois pôrem as patas felpudas nos degráus delle, e irem com os colmilhos immundos partir-te nas mãos, ou nas mãos dos teus herdeiros, o sceptro do poder real. Roubo ao que é um direito! Quem deu a essa raça de viboras os campos que cultivam, ás aldeias onde moram, os matos e bosques d'onde tiram desde os madeiros dos seus alvergues até as aivecas dos seus arados e o cepo do seu lar? Foram nossos avós, que conquistaram esta terra á mourisma; que a regaram com sangue proprio e alheio; que edificaram os povoados, as igrejas e os mosteiros; que ao deporem a acha d'armas pegavam no venabulo e desinçavam as brenhas dos animaes ferozes ou daninhos...»

«Cujos restos—interrompeu Fernando Affonso — os villãos querem tambem montear. Chegou-lhes o seu S. Martinho.»

«Não me parece fóra de razão isso: — acudiu o abbade de Alcobaça, a quem a passada leitura não alterára os meneios repousados, nem o olhar vago e tranquillo, nem o bondoso sorrir.

E deu uma destas risadas alvarmente ve-

lhacas, ou velhacamente alváres, que tanto podem significar o escarneo do queixoso como a approvação do queixume.

« Sim! — continuou com vehemencia o mestre de Christus. — Á nobreza, que arrancou a Leão a mais bella das suas provincias para instituir um reino; que, gerações após gerações, tem comprado com milhares de vidas os privilegios inherentes aos seus senhorios, ás alcaidarias desses castellos, cujas pedras estão unidas por cimento amassado com o mais puro sangue; cujas carcovas estão calçadas com os troços das armaduras e com as ossadas de dezenas de ricos-homens, e de centenares de infanções; a essa nobreza nem ao menos se permittirá usar dos direitos que lhe deram o valor e a morte, a victoria e o sacrificio? Negar-se-lhe-hão até poucos palmos de chão maninho e algumas alimarias bravias para seu desaffogo innocente? Pela sancta casa de Jerusalem! São senhoris e anchos os villãos. Apertemo-nos nós... Façam praça a suas mercês que passam... E vivam os doutores que os protegem, e que tão bem regulam pelas leis romanas o direito e a justiça! »

As sobrancelhas carregadas, os olhos chammejantes, os frocos d'escuma, que nos cantos

da bôca se lhe penduravam do negro e arqueado bigode davam ao filho de D. Maria Telles um aspecto feroz. Nos gestos dos outros fidalgos, as rugas profundas das testas, que a moda anti-castelhana dos cabellos excessivamente curtos tornava mais espaçosas, os dentes cerrados, que um sorriso ameaçador fazia alvejar, e n'uns a pallidez subita, n'outros o affogueado das faces, pintavam com terrivel eloquencia o tumulto que ía n'aquellas almas. O proprio conde de Seia, que a principio exultára na sua victoria, estava colerico. Só o abbade de Alcobaça conservava, ao menos na apparencia, inalteravel placidez d'espirito.

O Senhor de Rezende tomára a mão depois de Lopo Dias.

«Que sobretudo—vociferava elle—não ponham mão fidalgos-escudeiros nos pendões dos concelhos, embora elrei haja dado cavallaria a burguezes, e estes homens de linhagem sem linhagem se estrêem nas batalhas ao lado dos cavalleiros de boa e generosa avoenga; embora a bandeira do solar tremole muitas vezes entre os ridiculos farrapos mettidos em haste de lança no fundo de alguma tenda da Rua-nova, ou...»

«E porque não?—interrompeu um dos Pachecos:—Levem tambem caldeira para sus-

tentarem em hoste gente de guerra, e montados em mulas de corpo tragam atraz de si pagens com os cavallos de batalha.»

A voz gasta e aflautada do reposteiro-mór chilreava entretanto:

«Isso, isso! Deroguem até a postura do grande rei D. Affonso sobre os vestidos: que tragam palotes e calças de côr, e que façam choutear os seus jumentos e azemalas, não com acicates de ferro bruto, mas com esporas douradas. Trajem, vivam, andem como iguaes nossos... Não digo bem... Troquemos antes os trajos! São elles os senhores; nós os antigos malados... Cochinos!»

«Vede vós: negarem-nos os bairros coutados!»

«E quererem vender-nos nossas mantenças como lhes approuver!»

«Ou não no-las venderem...»

«Matarem-nos á fome quando passarmos pelas villas!»

«Salteadores!»

«É que lhes reina o sangue de mouros em veias de judeus!»

«Pifia relé!»

«Cachorros!»

Estas e outras exclamações e brados irritantes, acres, affrontosos, choviam de todos os

lados, não, como nós os escrevemos, successiva e pausadamente, mas cruzando-se, atropelando-se, confundindo-se. A fronte de Pataburro annuviava-se. Soltára panno de mais ao vento, que, saltando de opposto rumo, o colhia desprevenido. Embasbacado, attonito, não comprehendia como se usasse de tal linguagem diante delle, burguez, antigo juiz de foro, licenciado, e procurador de uma villa como Celorico. Debalde o conde de Seia, apesar do proprio despeito, buscava restituir o socego: a indignação, semelhante a incendio mal comprimido, lavrava de instante para instante com mais força depois da explosão.

No meio da confusa algazarra uma voz tremula e estridente sobrelevou por cima das outras. Era a de João Rodrigues de Sá. O camareiro-mór estivera calado toda a noite, mostrando associar-se de máu grado áquella mystificação, e mais de uma vez no seu gesto e meneios se manifestára a impaciencia. Homem tão violento de genio, como duro de braço e esforçado d'animo, a petulancia do povo tinha-o irritado a ponto, que, finda a leitura, sentia prenderem-se-lhe na garganta as palavras enoveladas, digamos assim, n'um turbilhão. A final a torrente trasbordou, e o fio das idéas tempestuosas do cavalleiro foi pren-

der-se aos motejos insultuosos de Lourenço Pires de Tavora.

«Meu senhor, meú igual, um villão! Por S. Jorge! Quem o disser do fundo da alma, dir-lhe-hei eu que mente. Que me importa que os burguezes tentem elevar-se até mim? Eu é que não desço até elles. Tenho-vos mais de uma vez ouvido falar não sei em que enredos escuros, em recorrer á influencia da rainha, em enganar procuradores com promessas que jámais se hão de cumprir...»

«Tal nunca se disse: — murmurou a medo D. Henrique, prevendo que estas palavras bastariam para desvendar os olhos do licenciado acerca do seu procedimento anterior para com elle.

«Tal nunca se disse?! E para que trouxestes aqui esse tonto e illudido villão? Conde, fazei mercê de dizer-m'o; que a vossa aposta, essa já a ganhastes. Oh, ao que vejo reduzida a nobreza de Portugal! Momices, rodeios, miserias!... Vergonha, vergonha!... Era eu bem pequeno e ainda pagem quando foi a do Salado: vi ahi os corredores infiéis combaterem volteando ao redor do inimigo para o ferirem a descuido: entre cavalleiros d'Hespanha é que nunca tal vi! Por esses caminhos tortuosos não sei eu andar. Como o condesta-

vel; como todos os animos generosos, não gasto nem tempo nem cuidados com as insolencias de villãos. Se me espoliarem do que me pertence, pedirei justiça a elrei: se não m'a fizer, fa-la-hei eu. Somos surdamente ameaçados de violencias e revoltas populares. Que importa? Os arnezes dos nossos homens d'armas são bem temperados, e as nossas espadas não estão ainda tão bôtas como isso! Nas minhas terras o rei sou eu. Acceito dos concelhos a paz; mas não recuso a guerra. Hei-de repellir as injurias e usurpações, quando com ellas me quizerem pagar as feridas, á custa das quaes — das minhas e das de tantos outros — mais de uma vez ficaram grunhindo e chafurdando tranquillos nas suas pocilgas esses javardos immundos. Mantenha-vos Deus, amigos; que, segundo creio, o arremedilho é findo. Podeis despedir o jogral.»

Debalde o das Galés tentára dar ás suas palavras um tom de placidez e frieza, que contrastava com a violencia e desordem dellas, e que o metal e o tremulo da voz desmentiam. Lançando um olhar de profundo desprezo a Mem Bugalho, embrulhou-se no capuz, saíu pelo corredor escuro, e d'alli a pouco a porta exterior soou rijamente nos batentes, fechada de golpe.

Ás palavras «tonto e illudido villão,» o pobre decretalista arregalou os olhos. Estava petrificado. As palavras de João Rodrigues de Sá tinham passado como clarão infernal. Sem transição tombára de um mundo ideal de esperanças n'um pelago de affrontoso ridiculo. A sua deshonra fôra consummada perante testemunhas de sobra para ser divulgada. O rubor e a pallidez succediam-se-lhe no rosto como os éstos do oceano. Quiz falar, e a lingua secca e tolhida não podia menea-la: desejára fugir, mas sentia-se como grudado ao pavimento. A sua situação seria capaz de commover o animo mais duro, se a irritação não houvera subido ao ultimo auge.

Longe de inspirar piedade, o gesto transtornado do procurador suscitou unicamente a irrisão.

O primeiro tiro partiu dos labios de Fernando Affonso; do homem, para quem os trances da agonia alheia eram um recreio como outro qualquer, ainda quando o furor ou o odio não excitavam a sua indole perversa.

«E que pensas tu, villão, de tanta insolencia? —disse elle voltando-se para o estupefacto Mater-Galla, cujo olhar espantado errava por aquelles gestos incendidos.—Que pensas; que pensas?!... Oh!... Pensas o que pensam os

outros. Não é isto?... Fala, homem; que me pareces um odre assoprado, posto no canto de uma taberna judenga.»

Tal um papo de perú cheio de vento, que, pelo entrudo, serve de joguete ao rapaz travesso, e sem estourar retumba uma e muitas vezes nas costas de gallego boçal, mas que encontrando o bico do mais subtil alfinete se lhe extravasa o ar comprimido, engelhando de subito, assim o licenciado, que despertára dos seus dourados sonhos em realidade cruel, para cahir n'uma especie de paralysia interior, aguentára o rugir da procella sem proferir palavra; mas, brutalmente interpellado, saíu daquelle torpor com energia. A injuria do moço escudeiro fôra a picada do alfinete subtil. A exaltação moral, impeto doloroso de um coração barbaramente esmagado, illumina de terrivel luz ainda os entendimentos mais broncos, e alevanta-os ás vezes até as inspirações do sublime. O olhar, até ahi vago, do procurador fitou-se ardente no mancebo. A pallidez de uma cara opada triumphára emfim da vermelhidão nativa do seu rosto rechonchudo e rutilante. Golfavam-lhe da bôca as palavras lentas, baixas, mas firmes, e a indignação e a tristeza davam-lhe subitamente aos ademanes até então acanhados, e ao gesto

pouco expressivo a dignidade das grandes agonias.

« O que parece ao villão? — murmurou elle, rangendo os dentes, e alimpando com a manga do gibão os olhos arrasados d'agua.— Parece-lhe que vos sobra razão para vituperardes o fraco e desleal, que atirou o angustiado gemido dos pequenos e oppressos como um desporto ás jogralidades e ludibrios d'illustres truães! Homem do povo, trahi o povo. Tinha promettido guardar um segredo; guardá-lo religiosamente, até o dia em que a voz dos concelhos de Portugal, trovejando pelas abobadas de S. Domingos, bradasse a elrei com um accento ainda não ouvido por elle: Justiça! » Deixei-me embair por lisonjas, por fingidas demonstrações de amizade. Sou um insensato!... Ride e folgae, valentes cavalleiros, que abusastes da fraqueza, além d'imprudente, criminosa, de um homem chão. Mas se eu fui louco e fraco, pergunto: que serão aquelles que sem respeitarem o bom nome de sua linhagem, o seu gráu de cavallaria, os titulos, emfim, de que se vangloriam, e o que mais é, desprezando todos os preceitos do céu e da terra, abusam da simplicidade e affeição de quem delles se fiou? Que serão aquelles que, semelhantes a salteadores e a assassinos, trazem

enganada a sua victima, de noite e a logares escusos, para lhe matarem, não o corpo, mas a alma; para o amarrarem, não á arvore de caminho solitario, mas ao poste da deshonra? O que estes são e o que valem, dir-vo-lo-ha a consciencia, quando o prazer de uma acção infame houver passado. Ride e folgae, meus nobres senhores! No meio das trevas apunhalastes pelas costas um homem desprevenido, que nunca vos fez mal, que vos amava, que sacrificou o unico thesouro de burguez humilde mas honrado, a reputação de leal á sua palavra. Ride, ride!...»

«Mas, doutor, deixae-me explicar-vos...: ía a interromper o conde de Seia, algum tanto commovido com ver rolar duas lagrymas pelas faces do licenciado.

Foi peior.

«Cal-te, satanaz enganador e bulrão, que crêste comprar-me com as tuas promessas e com o teu ouro. Guarda-as, e guarda-o! — Dizendo isto, Mem Bugalho deu um revés com a mão por cima da mesa, e espalhou no pavimento as dobras que ganhára. — Ouvi tudo calado: agora toca-me tambem falar... Ide; assoalhae por toda a parte que o procurador de Celorico vos vendeu o segredo dos seus companheiros. O preço da venda, isso deixae-mo

a mim, que eu contarei qual foi! Lançastes lodo de mais, meus cavalleiros, sobre o peão escarnido; mas o peão ha-de fazer-vos espadanar algum para o rosto... D'antes, o nobre homem d'armas a quem se dissesse—és um vil embaidor—lavaria em sangue o doesto; porque, segundo resam os vossos livros de cavallaria, o engano e a dobrez eram impossiveis em animos e em bôcas de nobres senhores; e eu agora posso dizer-vos que sois embaidores e vis, meus illustres fidalgos. Doem-vos os artigos? Conformae-vos!.. Vêde vós: é que o povo, esse póde ser injusto, voluntarioso, insolente, cruel; póde arrastar pelas ruas bispos traidores, donas prostituidas, alcaides vendidos ao rei estranho; mas tem uma virtude: é franco e sincero; franco e sincero no seu amor e no seu odio: usa verdade, e di-la sem curar se doe ou não doe. Fazia-vos mal ó meu silencio? Pois bem! Dir-vos-hei que sóbra justiça aos concelhos, e que vós, meus ricos senhores, sois uns ladrões e uns devassos...»

«Eu te respondo, villão!—gritou Fernando Affonso, encaminhando-se para a cabeceira da mesa, com a mão no cabo do punhal que tinha na cincta.

«Que é isto? Sangue aqui!—exclamou

o abbade de Alcobaça com voz de trovão, e avançando tambem alguns passos. — Se... »

Não póde continuar. Fora interrompido por uma risada descomposta, que partíra dos pulmões bovinos de D. Henrique Manuel.

Fernando Affonso parára. O prelado parou tambem.

O despeito, quando facilmente podemos esmagar quem o causa, tende a manifestar-se antes pelo insulto que pela violencia. Esta tendencia fez com que o conde evitasse um assassinio. A sua intimidade leonina com o procurador acabára: era um mal sem remedio. Abaixou-se, pegou u'uma das dobras espalhadas no chão, e chegando-se a elle, fingiu que o obrigava a acceitá-la.

« Bem cantado, jogral maltrapilha! Canta-nos agora a oração do justo juiz. »

Uma gargalhada geral, retumbando dos quatro angulos da mesa, correspondeu a estas palavras.

A situação moral do desgraçado Asinipes, qualquer a póde avaliar. Tinham-no arrojado como uma pedra de catapulta para as idéas burguezas, ou antes despertado nelle todas as paixões odientas, que naquella epocha ferviam nos animos populares. Estava furioso. Acudiam-lhe tumultuarimente aos labios as phrases mais

violentas das muitas philippicas que ouvíra uma e outra vez nas conferencias secretas dos procuradores, e, sem disso dar fé, ía ajunctar aos capitulos que lêra os desordenados commentarios, que, até certo ponto, os explicavam.

« Ah, sim, continuarei: — acudiu elle, e a voz guttural tremia-lhe de raiva, ao passo que nos seus olhos, agora enxutos, brilhava a indignação. — Muitas mercês vos devo, senhor conde, que me obrigam a obedecer-vos!.. Mas porque não consentistes vós outros que esse esforçado escudeiro me assassinasse? Depois da deslealdade a covardia . . . Um só no meio de tantos!... um só e desarmado!... Bem vos ficava, que sois cavalleiros de Portugal... de Portugal ou de Castella, segundo o vento fizer esvoaçar as bandeiras das torres e besantes, ou as dos leões e castellos... Repito-o, meus fidalgos: os concelhos têem razão. O povo é roubado pelos vossos juizes, pelos vossos ovençaes, pelos vossos acostados, e por vós mesmos. Aves de rapina, porque viestes de novo cevar-vos e anafar-vos em terras de Portugal? Porque não ficastes pairando ao redor do scismatico de Castella? Antes da de Aljubarrota não rompieis lanças por D. Beatriz? Os traidores eram dos mais nobres: porque não os imitou o resto? Ora sus, e

cavalgar para Burgos, que lá tendes o coração. Com os aquantiados e bésteiros dos concelhos, e com os lanceiros de pé, nós os do povo defenderemos o rei e o reino. Saem-nos muito caros os arnezados de mula de corpo, cavallo de batalha, estoque e misericordia, elmo e solhas dourados. Affirmaes que vos devemos tudo quanto possuimos, campos, moradas, igrejas, liberdade, independencia! Que mais? A luz, o espaço, o ar, a agua? Talvez. Pretendemos cercear-vos os privilegios, dizeis vós; mas d'onde vos vem elles? Da mercê dos reis antigos. O rei moderno, o eleito do povo, póde tirar-vo-los. Qual é o vosso direito de despojar os que não resistem? A força. Quando o povo, que opprimis, for o mais forte, porque não vos esmagará? Somos ingratos? Livrae-vos de que os concelhos ajustem contas!.. Eu poderia dar-vo-las...»

«Venham ellas, birbante! — interrompeu Fernando Affonso, que respondêra a cada phrase de Mem Bugalho com uma gargalhada, pensando fazer assim penitencia, por haver querido sujar o punhal no sangue de um villão.— Sabes de algarismos? É que teu pae e teu avô não passaram de judeus sacadores, ou rendeiros de direitos reaes.»

«De que nunca viram nem uma pogeia

— acudiu Pataburro — porque vosso pae e vosso avô não passaram de homens d'armas dos alcaides ladrões, que chamam suas as ovenças da coroa, e que o sancto rei D. Pedro usava esquartejar. »

A furia ía quasi fazendo agudo o triste Mater-Galla. Nem com isso, porém, alcançou pôr termo ao tom de mofa dos cavalleiros. A resposta á injuria do burguez foi como até ahi uma risada geral.

« Seja assim! — continuou o camareiro. — Mas aponta, phariseu, as nossas dividas, e ajuncta no fim o preço de uma boa corda, que desde já me obrigo a pagar no dia em que te enforcarem n'um carvalho bem alto. Quanto somma?

« Quereis as contas, gentil escudeiro? Assignadas e selladas dos sellos de cem concelhos as vereis em S. Domingos dentro de poucos dias. Antes disso não faleis tão arrogantes em tantas cousas que chamaes vossas. Vossos os castellos, vossas as terras da coroa, vossos os direitos reaes, porque os comprastes com sangue? Por Deus, que sois esquecidos! Com os tributos do povo, que combate de graça, melhor que vós, e nunca nas azes do senhor estrangeiro, vos pagaram sempre avultados soldos para vos enxotarem dos vossos ninhos

d'abutres, e virdes enristar as lanças nos campos de batalha, ou fazer reluzir os montantes nas quadrellas das muralhas. Quite está comvosco o rei que vo-los dá; quites estamos nós que para isso repartimos com elle o fructo do nosso suor. É invocando a todo o momento esse uso antigo que vós, meus generosos senhores, não quereis servir hoje nesta lucta de morte com Castella a troco das rendas das terras, que sem encargo algum tendes até agora desbaratado. Alevantaes-vos com a esmola, e é a nós outros que chamaes villãos-ruins?! Parti a contenda ao meio. Villãos nós; ruins vós. Pensaes, acaso, que o povo ignora quantas vezes tendes ameaçado D. João I, se vos não pagar as quantias, de vos retirardes para os vossos solares? Para os de Portugal, ou para os de Castella, meus leaes cavalleiros?

« É mentira! é mentira! — exclamaram impetuosamente quasi todos os circumstantes, porque o licenciado acabava de lhes lançar em rosto uma durissima verdade.

« Se é mentira ou não, sabei-lo vós e sei-o eu: — retrucou Mem Bugalho, que sentia desapertar-se-lhe algum tanto o coração, vendo que, emfim, achava uma junctura por onde falsar as armas dos seus contrarios. — Conheço as causas do vosso odio contra o povo. Que-

reis dinheiro, mais dinheiro, muito dinheiro, e Portugal não o tem; porque o pae da vossa D. Beatriz o desbaratou com a fidalguia portuguesa e castelhana. Ha vinte e dous annos que morreu o sancto rei D. Pedro, e ha outros tantos que somos roubados. É por isso que os concelhos vos dizem:—basta!—Basta, homens que consummis em saraus, em torneios e em justas toda a substancia publica: basta, demonios de orgulho, de luxuria, d'embriaguez, de cubiça! Levastes-nos já a pelle, a carne e o sangue: não nos levareis os ossos! »

O heroico Mater-Galla estava em pé, fronte alta, perna retesada, braços estendidos, punhos cerrados, grandioso, sublime, terrivel, e, força é dizê-lo, esfalfado. O sangue tinha-lhe retrocedido gradualmente do coração ao rosto: não podia piar. E não era pela extensão do discurso: era pela vehemencia das idéas, da voz, do gesto. Os fidalgos, irritados pelos tiros que lhes despedíra o furioso procurador, balbuciavam entre o escarneo o a vingança brutal. Houve um momento de silenciosa hesitação. A insolencia da altivez triumphou emfim, e as ultimas injurias de Mem Bugalho tiveram em resposta ainda outra vez um coro de repetidas gargalhadas.

Mas era um rir triste, frio, forçado, como

os applausos dos cortezãos que se espicaçam para achar esperteza e sal em semsaborona tolice que saíu da bôca do monarcha.

O procurador não pôde resistir mais a esta atmosphera d'inexoravel desprezo. Com passos vacillantes, rapidos, desiguaes, fugiu da mesa. Precisava de ar, de espaço, de frescor. Queria saír: foi esbarrar n'uma parede. Recuou: foi encontrar-se com outra. Começou a correr em volta do aposento. Não atinava com a saída. Então é que o rir se tornou espontaneo e estrugidor. Naquelles sons discordes havia imitações de todas as vozes possiveis de alimarias: o nitrido, o regougo, o pio, o zurro, o rugido, o trinado, o sibillo, o mugido, o urro. Dir-se-hia que a tavolagem era a arca da alliança, ao abrir-se no cimo do Ararat. Lourenço Braz, que adormecêra estirado no lar, acordou ao ruído, e esfregando os olhos, poz-se a mirar, no meio de um tremendo bocejo, o atarantado burguez.—«Ui!—disse o bésteiro lá comsigo.—Jogam á cabra cega? Bonito!.. Nada; não: já vejo. Tem os olhos destapados. Que diabo será isto?!»

«Lourenço Braz, Lourenço Braz!—gritava Fernando Affonso.—Ajuda a saír aquelle varrão com dous couces nas pousadeiras!»

O bésteiro não era homem que fizesse re-

petir duas vezes a mesma ordem, ou que se pozesse a philosophar sobre ella. Ergueu-se e dirigiu-se para o licenciado. Felizmente este atinára, emfim, com a saída, e Lourenço Braz teve de segurar-se com ambas as mãos a uma das hombreiras, porque ao despedir um pontapé para o corredor escuro, onde desapparecêra o designado padecente, feriu em vão no ar, e faltando-lhe a resistencia das nadegas municipaes ao impulso da perna, sem aquella precaução ficaria infallivelmente estatelado.

Entretanto os cavalleiros cubriam-se com os amplos capuzes deitados por cima dos bancos que circulavam o aposento, rindo e falando todos a um tempo. Os dous frades esses tinham-se apressado a saír.

A sós por alguns instantes com o seu companheiro, na passagem estreita, o abbade disse de manso para Fr Vasco:

«Vae, corre!... Busca detê-lo á Porta do ferro, em quanto eu me livro destes diabos. Quero falar com elle: quero persuadi-lo a ir ámanhan ter comigo ao collegio de S. Paulo. Assegura-lhe que é o meio de obter pleno desaggravo. Jura-lho até *in verbo sacerdotis*. Anda depressa: não te demores!»

Nada mais pôde dizer. O moço frade saíu correndo, e sumiu-se pelos becos que iam dar

ao terreirinho da sé. O abbade tomou ao longo da muralha para o lado das Fangas-velhas, e os fidalgos seguiram-no machinalmente.

Como elle soube esquivar-se á turba que o rodeiava é o que não diz a chronica. Só refere que d'ahi a alguns minutos, juncto ao arco da muralha de D. Affonso, que, perto da Torre da Escrivaninha dava passagem do atrio da cathedral para a Rua-nova, e que se chamava a Porta do ferro, as sombras de tres vultos se estiravam movediças no terreiro, escaçamente allumiado pela lampada que ardia na capella da Senhora da Consolação, sobranceira ao arco. Depois de falarem algum tempo com vehemencia, os tres vultos separaram-se a final. A conversação, que parecia interessar-lhes vivamente, de ninguem foi ouvida, porque o sitio estava deserto. D'ahi a pouco D. João d'Ornellas, seguido do seu companheiro, puxava fortemente pela sineta da portaria do collegio, onde, morto de somno, ora passeiando, ora assentando-se, o esperava ainda, não por caridade, mas por ordem do prior, o converso Fr. Julião, cansado já tanto de resar e de se encommendar a Deus, como de encommendar a todos os diabos sua mui poderosa e illustre reverendissima, o abbade D. João, fronteiro e alcaide-mór de Alcobaça.

O converso abriu a porta rosnando, e os dous frades entraram. Não tardou muito que no sino do coro batessem as badaladas que annunciavam a hora de prima. Era que o céu ía-se afogueando já com os primeiros fulgores de uma bella madrugada.

XIII

QUASI SUICIDA.

Dos males em que ha cura
Todo benefycio val;
Mas o mal que é immortal
Quem lhe remedio procura
Perde todo o cabedal.
CANCION. DE RES. *Trov. de Alv. de Noronha.*

....«Eis aqui, meu irmão, com que artes detestaveis aquelle homem cruel alcançou arrastar-me ao abysmo. Agora examina tu por teus olhos como eu tive de medir lentamente, esmagada debaixo da mão de ferro d'inuteis remorsos, a profundidade desse abysmo de perdição e de miseria.»

Assim falava a pobre Beatriz, referindo a Fr. Vasco a dolorosa historia das suas desventuras. O monge quizera ouvir-lhe da propria bôca aquella terrivel narrativa, a qual tinha sido mais de uma vez interrompida pelos soluços e lagrymas da desditosa, que exhauríra emfim toda a energia que lhe restava em volver as negras paginas dessa historia fatal.

O logar da scena era um aposento modesto, mas decentemente adereçado, na rua de D. Mafalda, rua velha como a sé, e da qual a rasoura do terremoto não deixou vestigios na moderna topographia de Lisboa. Proxima do collegio de S. Paulo, prolongava-se por entre a pinha de casarias, que, retalhada n'um sem numero de viellas de seis ou sete palmos de largo, cubria o terreno ladeirento limitado ao oriente pela rua que ía da sé até as portas d'Alfofa, e ao sul pela de Sancta Justa, a qual passava por fóra do muro de D. Affonso, desde o adro da igreja dessa invocação até o da Magdalena. O mestre de theologia, que vimos em Restello providenciando tudo, não só para salvar Beatriz, mas tambem para tornar menos amarga a sua situação, concluíra a obra ahi encetada destinando-lhe naquella rua pouco frequentada uma habitação humilde, mas onde nada faltava dos commodos necessarios á vida. Sem

Fr. Lourenço, Fr. Vasco mal poderia ter suavisado a sorte de sua desgraçada irman. Vestindo o habito cisterciense, o moço cavalleiro reservára apenas uma limitada porção da herança paterna para não abandonar á miseria a velha idiota Brites, cuja tutella encarregára ao seu veneravel pastor, doando o resto á ordem de S. Bernardo, que lhe dera abrigo e lhe promettêra a subsistencia até o dia em que podesse ir repousar debaixo de uma lagea do claustro, envolto nessa mortalha d'estamenha que ella tambem lhe dera, e que vestíra uma vez para não mais a despir.

É preciso, todavia, confessar que este foi um dos negocios que tirariam o somno a Fr. Lourenço, se um feliz acaso não tivesse vindo em seu auxilio, porque o padre mestre não era homem que deixasse aquecer-lhe na algibeira o dinheiro. Era um mãos-rotas; e a sua illimitada caridade extorquia-lhe rapida e insensivelmente até a derradeira mealha. Se pôde em Restello occorrer aos gastos das incumbencias dadas ao chocarreiro e á velha, foi que nas vesperas recebêra umas cincoenta dobras de D. Pedro e algumas dezenas de barbudas, dos salarios que se lhe deviam como leitor de theologia no collegio de S. Paulo, em conformidade do que deixára estabelecido

o bispo-chanceller D. Domingos Jardo. Com essa pouco avultada somma o cisterciense fizera milagres. Demos, porém, o seu a seu dono. Naquelles arranjos Fr. Lourenço tivera uma habil executora das suas idéas. A tia Domingas era uma joia; e Alle podia gabar-se de ter posto o dedo na pessoa mais adequada aos designios do caciz christão. Com admiravel presteza e economia a sancta velha corrêra as tendas da rua de sancta Justa e da encyclopedica Rua-nova, gyrára, espiolhára, mirára e remirára tamboretes, bancas, arcas, bufetes, cocedras, almucelas, mantens, roupas, prateis, agomias, caldeiras e mais adereços domesticos: tinha apreçado, promettido, desdenhado, barateado, e pago em pogeias de cobre (pelas quaes trocára com lucro as dobras validías de Fr. Lourenço nos *cambos* ou lojas de rebatedores judeus e prazentins) pelos preços mais somenos e ratinhados que era possivel. Foi, voltou, andou para traz e para diante, de coromem traçado, touca á banda, e guedelhas cahidas em desalinho; falou, gritou, bracejou, barafustou, suou e esfalfou-se, de modo que, á noite, não podia ter-se já nas pernas. Mas, bem empregada lida! Quando no outro dia o mestre de theologia veiu examinar como as ordens que dera tinham sido cumpridas, não pôde deixar de exprimir o seu contenta-

mento e espanto. O arranjo e o aceio de tudo quanto se via no simples e severo aposento eram admiraveis. Beatriz, assentada no estrado raso, que então servia, ainda ás mais nobres damas do gothico Portugal, de marquesa, sophá, ottomana, ou não sei que outros assentos esdruxulos, em nome e feitio, que as modas estrangeiras têem hoje introduzido, empregava-se em bordar uma téla mais delicada pelo lavor que ahi se fa alevantando, que pela finura do tecido, emquanto a tia Domingas, depois de ter dado contas ao monge com um sem numero de notas, observações e commentarios, que o seccaram soffrivelmente, fa assentar-se n'um banquinho mais alto que o estrado, e, mettendo no classico ourelo da cinctura a roca tradicional, acompanhava com o submisso rangido do derriçar nas barbas do linho, e com o leve zumbido do fuso os discursos cheios de suave uncção, com que, por largo espaço, o virtuoso sacerdote tentou consolar a alma attribulada da desditosa Beatriz, por cujas faces as lagrymas deslisavam a quatro e quatro sobre a tela que tinha ante si.

Apesar da actividade de que a bojuda tia Domingas dera tão irrefragaveis documentos; apesar dessa especie de tonel das Danaides, de continuo despejado e repleto, chamado a

roca e o fuso (e aqui aprenderá o leitor como um fuso se póde comparar a um tonel) as suas occupações, passada aquella primeira balburdia, não eram bastantes para nos deixar mentirosos se dissermos que a veneranda censora dos costumes depravados de Ruy Casco achára emfim aquillo por que tantos lidam, e que tão poucos alcançam, o *otium cum dignitate* de uma existencia farta, pacifica, e até, não diremos deliciosa, mas assás espairecida. Bem agasalhada no seu pelote e saia nova de valencina, e no seu coromem de arrás, com melhores bocados e habitação mais confortativa, conchegada e tranquilla do que na pobre aldeia de Restello, devia dar-se por completamente feliz, ao menos quanto se póde ser no desterro deste mundo. Todavia, certa propensão, que mais de uma vez lhe fôra fatal, (e disso vimos uma prova deploravel á porta da sua barraquinha em Restello) a acompanhára, como um verme roedor, para lhe toldar a limpida corrente da vida. Era o prurido chronico e sarnento do mexericar, e bisbilhotar, e moralisar ácerca das vidas alheias. Era esta a cruz da senhora Domingas do Sacratissimo Lado, nome integral da beata. Cuidou d'estourar de silencio nos dous primeiros dias que passou na rua de D. Mafalda; e se não

fosse o conhecimento que em breve travou com uma cuvilheira da vizinhança, corrêra risco de algum accidente grave de mexericos recolhidos; porque, no meio daquella lida, nem sequer podera dar uma saltada a S. Francisco, aonde tinha a devoção de ir todas as semanas depositar nos ouvidos do padre Fr. Isidoro, franciscano de fórmas athleticas e letras gordas, as faltas do proximo d'envolta com as proprias topadas e torcicolos na carreira da perfeição espiritual. Tirado este mas, e a tia Domingas cogitava seriamente em removê-lo, podêmos dizer, sem receio de erro grosso, que a sua vida se escoava suavemente na rua de D. Mafalda; porque, dotada de conformidade e resignação heroica, não a affligiam demasiado as tristezas de Beatriz, nem as dolorosas vigilias das suas noites solitarias, em que a infeliz, a sós com as memorias do passado, invocava a morte, emquanto ella dormia a somno solto com o mystico repouso e religioso egoismo de uma pia e resignada devota.

Isto que vamos dizendo refere-se ao que succedia poucos dias depois dos acontecimentos, que o leitor presenciou, por ter tido a condescendencia para comnosco e para com Fr. Lourenço de nos acompanhar a Restello. Agora

que já lhe expozemos qual era a situação da tia Domingas, é necessario que lhe digamos o que foi feito do mouro truão, a quem não é possivel que deixasse de ficar, como nós, affeiçoado. O mestre de theologia tomára Alle debaixo da sua especial protecção, e não lhe fôra difficil fazê-lo acceitar por *sergente*, ou moço de porta-a-fóra, na estudaria. Verdade é que o converso Fr. Julão, inimigo declarado de tudo quanto cheirava a judaismo ou mohametismo, o recebêra a principio com a affabilidade com que um grave rafeiro recebe um goso experto e brincalhão, que o pastor lhe deu por companheiro na guarda do rebanho; isto é, rosnando e mostrando-lhe as presas. Não obstante, porém, o teiró do donato, como todos no collegio de S. Paulo amavam e respeitavam Fr. Lourenço Bacharel, o mui reverendo porteiro não teve remedio senão ir-se habituando aos gracejos de Alle, que dentro daquella sancta casa voltava frequentes vezes ao antigo humor jovial e mordaz, como se a consciencia de ter practicado um acto nobre e generoso, abnegando de si proprio por causa de uma desgraçada mulher, houvesse apenas sido um palliativo temporario contra a loucura, meio natural meio voluntaria, em que por tantos annos vivêra, e que de novo lhe rea-

gia na alma, tendo-lhe faltado o estimulo moral, que durante algum tempo lhe emprestára a mascara de cordura, com que se compõem os loucos só por dentro, chamados homens de juizo.

O pensamento de Fr. Lourenço, trazendo comsigo o mouro, fôra conduzi-lo gradualmente a abraçar o christianismo. Conhecêra que no seio do chocarreiro batia um bom coração, como é vulgar encontrar-se nas ultimas camadas sociaes, onde o continuo roçar das privações e dores predispõe os animos para a compaixão, e o bom do monge sabia que os olhos purificados pelas lagrymas da piedade facilmente se hão-de abrir sempre á branda luz do evangelho. Mas D. João d'Ornellas, semelhante a cometa perdido no espaço, que approximando-se dos orbes os dissolve e encorpora no seu vulto ardente, ou os atira para novas solidões, onde fluctuam mortos como um cadaver sobre as vagas incertas do mar; D. João d'Ornellas, que logo percebêra não lhe ser possivel amoldar inteiramente aos seus designios o malaventurado Fr. Vasco, emquanto não o separasse do robusto cedro que o amparava, enviára o mestre de theologia por visitador aos mosteiros de Carquere e Bouro, sob pretexto de que a vida monastica ahi cor-

ria soltamente fóra dos preceitos austeros da regra de S. Bernardo. O monge obedecêra; e assim, ao passo que Alle parava na carreira de cathecumeno, Fr. Vasco precipitava-se para um tenebroso futuro, insondavel ainda para elle, mas em cujo mysterio a consciencia lhe affigurava o que quer que era monstruoso e horrivel.

Aproveitámos o silencio de Beatriz para instruirmos o leitor da situação de algumas das personagens que têem intervindo nos successos que nos propozemos narrar, personagens que, tempo ha, perdemos de vista. Agora pedimos-lhe cortezmente que volte de novo a attenção para o que se passava na rua de D. Mafalda ao começarmos o presente capitulo; isto é, oito dias depois do grande conciliabulo na tavolagem das Portas do mar.

No estrado, pouco mais alto que o pavimento da camara, ao qual já alludimos, estava assentada Beatriz. A luz de uma lampada de dous lumes, collocada sobre uma tripode de ferro, via-se passar pelo chão branco da parede fronteira uma sombra que se movia lentamente. Era o vulto curvado e tenue de Vasco, o bom cavalleiro da ala de Mem Rodrigues nos campos de Aljubarrota, agora Fr. Vasco, vergando já para velhice prematura

debaixo da mão ferrea dos pesares. Sem consciencia do que fazia, o mancebo passeiava de um para outro lado do aposento trazendo na mão um maço de pequenos pedaços do que então se chamava *pergaminho de papel*, cuja raridade e fragil contextura faziam com que sómente fosse usado quando havia a escrever cousas destinadas a terem curta duração. Eram muitas folhas de varias dimensões, dobradas cuidadosamente, e cingidas, cada qual sobre si, com um nastro de seda de côres. O frade não despregava os olhos do moço; e por mais de uma vez, em quanto durava a narrativa de sua irman, tinha parado como impaciente por desdar os nós que lhe impediam conhecer de antemão o ultimo acto do drama doloroso, cuja protagonista ella era, e cujo desfecho essas cartas deviam explicar-lhe. Conteve-se, porém, e logo que Beatriz, tendo recobrado alento, fez signal de que ía continuar o que restava da sua historia, o frade parou, e cruzando os braços, pôz-se a escutar de novo com a mais viva attenção.

« Assim — proseguia ella — eu esperava, dia após dia, o momento em que podesse dizer perante o mundo quanto amava esse homem, a quem sacrificára familia, orgulho, virtude, liberdade, tudo; diante do mundo,

como mil vezes lh'o dissera a elle perante o céu; esse momento em que podesse lavar com as lagrymas suaves de uma felicidade pura e legitima o ferrete d'infamia que estampára no nome da nossa linhagem, e em que obtivesse de nosso pobre pae o esquecimento e o perdão; de nosso pae, que eu e elle assassinámos, e cuja morte cuidadosamente me escondêra. Trazia-me cega um amor credulo, infinitamente credulo, porque era infinitamente sincero: por isso cria quanto Fernando Affonso imaginava para alimentar minha esperança; e posto que, ás vezes, nos momentos em que solitaria conversava com a propria consciencia, uma voz de remorso e de terror me passasse cá dentro, quando elle voltava, as suas palavras affectuosas e os seus juramentos varriam-me do espirito essas idéas tristes, como o norte varre as nuvens que toldam momentaneamente o esplendor do sol.»

«Pouco a pouco, porém, começaram a perturbar-me o espirito inquietações mais vivas. Sentia que o seu amor esfriava. As suas palavras eram visivelmente estudadas, as expressões da sua ternura tinham o que quer que era triste, e a impaciencia, que elle comprimia na alma, revelava-se-lhe no gesto e modos, sem que o percebesse. Oh, a quem ama com

paixão ardente e profunda não é possivel esconder o desamor, e eu amava-o com todo o enlevo de um coração que se lhe rendêra ainda virgem! Meu irmão, tu que, no meio das desventuras da nossa familia, buscaste abrigo á sombra pacifica do claustro; tu que, puro diante de Deus, mal sabes o que são taes affectos, não imaginas que infernal tormento seja o ter confundido a propria existencia com outra existencia, o ter edificado todo o nosso futuro sobre esse enlace intimo, e ver desvanecer-se o mais formoso, o mais sancto dos sentimentos; ver decahir, agonisar e morrer o pensamento de todos os dias, de todas as horas, de todos os instantes, e achar ao pé de nós, amarrado ao nosso amor cheio de viço e de vida, um amor contrafeito e gelado! Conhecia que esta era a minha situação, e ainda buscava illudir-me recuando ante a fatal realidade; porque a minha desgraçada affeição parecia redobrar, como se houvesse recolhido em si ess'outra, que se extinguia.»

O monge, que tinha os olhos fitos em sua irman, com um sorriso de indizivel amargura murmurou: — Eu sei de mais fundas agonias!...»

«Póde ser, Vasco: — proseguiu Beatriz: — mas eu experimentei-as. Contar-t'as?... Como

ta's contaria? Que palavras podem pinta-las? Lê essas cartas. Saberás depois quanto a punição excedeu um erro, que nunca poderei esquecer, senão quando a terra cubrir eternamente o meu opprobrio. Deus e Nossa Senhora tragam em breve tal dia!...»

E cubrindo o rosto com as mãos, desatou a chorar.

Os olhos de Fr. Vasco arrasaram-se tambem de lagrymas: eram de sangue que se lhe espremia do coração. Correndo por elles a manga do habito, enchugou-os, e com um movimento convulso foi assentar-se juncto da lampada. Depois, quebrando os fechos das cartas em vez de os desatar, desdobrou-as, e começou a lê-las pela ordem das datas.

Sería demasiado longo transcrevê-las aqui. Escriptas, a principio, com breves intervallos, tinham sobretudo por objecto explicar frequentes ausencias de quem as escrevia. A imaginação de Fernando Affonso mostrava-se fertil em idear embaraços que lhe impediam, segundo affirmava, o ir testemunhar a Beatriz, mil e mil vezes, que o seu amor era tão vivo e ardente como no primeiro dia em que a amára. Posto que a linguagem do moço escudeiro revelasse por vezes a pouca delicadeza dos seus sentimentos, via-se, comtudo, que tinha bas-

tante dissimulação e astucia para illudir a apaixonada credulidade de uma pobre mulher. Nas mais recentes, porém, que pareciam excriptas, em resposta a outras, e cujas datas eram cada vez mais distantes entre si, escapavam de vez em quando, como clarões infernaes, phrases colericas de impacienca contra queixas e terrores, que o hypocrita seductor fingia considerar como absolutamente infundados. Algumas presuppunham a existencia de scenas violentas passadas entre ambos, e conhecia-se que era sempre Beatriz quem implorára piedade, quem se humilhára ante o seu tyranno, em cujas respostas transluzia o despeito, porque a doçura e resignação da victima lhe roubavam todos os pretextos para um rompimento decisivo. Devia ser bem profundo o abysmo onde se despenhára a desgraçada, para acceitar este combate repugnante, e para esgotar assim gole a gole o calix da abjecção e do infortunio. As cartas cahiram então das mãos tremulas do monge, cujos olhos chammejantes, cujas faces encendidas, cujo feroz silencio annunciavam uma crise terrivel.

Fr. Vasco ergueu-se. Mediu o aposento a passos largos, de angulo a angulo. Parou de novo cruzando os braços e poz-se a contemplar sua irman, que assentada no estrado, com

a cabeça entre as mãos, sobre as quaes lhes cahiam desalinhadas as louras madeixas, semehava a estatua da amargura, reclinada, como symbolo da saudade, nos degráus de um tumulo. A vida revelava-se-lhe sómente no seio, que arfava com os mal comprimidos soluços.

Por fim alçou os olhos para o monge, que sem pestanejar tinha os seus cravados nella, e com um accento inexplicavel de dôr murmurou:

«A ultima! a ultima!»

De feito o frade conservava ainda nas mãos uma carta. Começou então a examina-la exteriormente com uma especie de hesitação. Dir-se-hia receiar que ao abri-la surgisse ante elle o que quer que fosse phantastico e diabolico. Enfiado, desdeu lentamente o nó, e não menos lentamente desdobrou o papel fatal. Correu-o com a vista. Então comprehendeu quantas agonias se resumiam no olhar e na exclamação de Beatriz.

Crer-se-hia que esse papel, que tremia nas mãos convulsas de Fr. Vasco, fôra escripto com uma penna arrancada das azas negras do demonio da desesperação e da ironia.

Friamente, longamente, sem colera e sem piedade, Fernando Affonso punha diante dos olhos de Beatriz o quadro medonho da sitau-

ção da desventurada com toda a nudez de horrivel realidade. Revelava-lhe que seu velho pae deixára de existir; que seu irmão, conforme o que todos diziam, apparecêra e desapparecêra nos paços paternos como um meteoro, e que tambem ou morrêra ou abandonára a patria. Ponderava que para ella a existencia actual fechava-se a curta distancia n'um horisonte de ferro, e pendia unicamente da vontade do homem a quem se escravisára. Confessava depois que por muito tempo buscára occultar-lhe o affecto ardente e irresistivel que nutria por outra mulher; mas que, emfim, o protrahir a lucta com o proprio coração se lhe tornára impossivel, e que ella apressára esta revelação cruel com o excesso de um vago ciume. Jurava-lhe que se, desilludido do seu amor, não podia vencer a paixão que o devorava, nunca se esqueceria dos deveres de cavalleiro para com aquella a quem devêra um amor immenso, e muitos dos mais deliciosos instantes da vida. Como condições, porém, da protecção que lhe offerecia, ordenava-lhe duas cousas: que não buscasse torná-lo a ver, nem tentasse descubrir a sua rival. Quanto á primeira, elle saberia impedi-lo; quanto á segunda, asseverava-lhe que todos os seus esforços seriam baldados para o obter; porque os

laços em que se havia enleiado eram um segredo sabido só delle, da sua amante e de Deus. «Para ti, Beatriz—concluia a carta fatal—vae sorrir uma aurora de obscura e tranquilla felicidade. Mas se acaso, cega de uma indignação inutil, quizeres lançar-te como obstaculo entre mim e o ceu de ventura a que aspiro, sabe, pobre e fragil verme, que a minha mão de bronze iria esmagar-te sem remorsos, sem piedade, e sem que o mundo sequer suspeitasse o teu inutil sacrificio.»

Tal era em substancia a ultima carta do moço escudeiro. Mal imaginava elle que verdade ahi escrevêra! Desses amores occultos, cuja revelação dirigia como um punhal ao seio de Beatriz, sabía Deus. Ao tenebroso mysterio a inexoravel testemunha devia dar no dia da sua colera uma publicidade terrivel... Não antecipemos, porém, os successos, e sigamos, como até aqui, a ordem em que os achámos collocados no velho manuscripto.

«Oh, sancta mãe de Deus!—prorompeu redobrando os soluços e lagrymas á filha de Vasqueannes, quando seu irmão acabou a leitura.—Não cahi morta ao ver esse papel horrivel: não! Mas era forçoso morrer... Como ponto unico no horisonte do meu futuro, onde reverberava alguma luz no meio de trevas

sem fim, apparecia-me a sepultura. O martyrio do continuo sobresalto, das vagas incertezas avivava-m'o, em vez de o suavisar, a duvidosa esperança que ainda alimentava. Ella espirára emfim, e por alguns instantes quasi que achei refrigerio no desfallecimento da desesperação. Nessa especie de medonha bonança medi toda a extensão da minha desdita. Uma escrava que me servia, o tecto que me abrigava, os trajos que trajava, o pão que me nutria, era Fernando quem m'os dera. Emquanto o preço das minhas poucas joias bastou para me supprir, tinha-me esquivado a acceitar as suas offertas; mas, quando todos os recursos desappareceram, fôra constrangida a consentir na sua vil generosidade, que ainda cria nobre e honesta. Abandonada por elle, o viver um dia mais que fosse naquella odiosa morada seria gravar mais fundo o sello da propria infamia. Era preciso saír d'alli; porque essas paredes, esses adereços, essas alfaias, tudo parecia insultar-me. Mas em Lisboa não conhecia ninguem: não saberia sequer como atravessar essa multidão de ruas e praças, que, vivendo quasi occulta, nunca ou raramente cruzára. « E que importa? — exclamei eu no auge do meu delirio. — Não conduzem todos os caminhos á morte? Ou

necessito eu de testemunhas para esconder no seio della a minha desventura e o meu opprobrio?»

«Era ao lusco-fusco da tarde. D'uma janella do aposento descortinava-se a bahia do Téjo na sua amplidão até onde a encubria um grande edificio enegrecido pelos annos, e situado a pequena distancia da cidade para o occidente. Tinham-me dicto que eram os paços reaes de Sanctos. Sabes que antes desse dia fatal, em que abandonei sem remorsos nosso velho pae, nunca víra o mar. Quando pela primeira vez, daquella mesma janella, contemplei essa immensa copia d'aguas, apesar do insensato prazer que sentia de me achar então ao lado de Fernando, experimentei uma violenta impressão de terror, e, não sei porque, veiu-me ao espirito a idéa de me ver mergulhada no immenso pego que brilhava tremulo, debatendo-me nas ondas, e afundando-me, afundandando-me sem que ninguem me soccorresse. Foi tão energica esta impressão, que recuei horrorisada, dando um grito agudo. Assustado a principio, vendo-me tremula e demudada, Fernando não pôde conter o riso, apenas lhe expliquei a causa do meu subito terror. Posto que, depois desse dia, fosse gradualmente desapparecendo aquelle susto infundado, nunca

chegava á janella d'onde a primeira vez víra o mar sem sentir o receio invencivel, que gera em nós o aproximarmo-nos da beira de um precipicio. »

« Havia já bastante tempo que não lançára os olhos para o rio. No tumulto, porém, de paixões que essa carta cruel me accendêra no seio, sentia uma oppressão intoleravel: abri machinalmente a janella para respirar. Tinha ante mim o vulto das aguas, que mal se enxergava á claridade tenue do crepusculo fugitivo. A impressão que tal vista me produziu no espirito foi inteiramente nova. Representava-se-me a imagem de morte irremediavel na solidão das ondas, como da primeira vez que as contemplára: o terror, porém, desapparecêra. Attrahia-me, ao contrario, para ahi um sentimento de aprazivel saudade. Até este momento nem uma só lagryma me assomára aos olhos: pousavam-me todas condensadas, espessas, sobre o coração. Correram então com abundancia, e pude emfim respirar. »

« A noite vinha tempestuosa. Um negrume cerrado alevantava-se d'alem dos montes d'Almada, e corria ao longo delles impellido por vento rijo e tepido, que murmurava pelas ameias dos eirados e pelos coruchéus dos palacios, e fazia gemer o rolo do Téjo, batendo

mais violento e encapellado lá em baixo na praia da judearia. Não se descortinava no céu uma estrella, e a chuva miuda e frequente começava a fustigar-me as faces. Puz-me a scismar, e scismei muito tempo. Uma voz parecia dizer-me :—Ao mar! ao mar! »—Era o demonio que me tentava? Assim o cri a principio. Ajoelhei e resei a nossa senhora e ao meu anjo da guarda. A mão de ferro da angustia bastaria para me matar: porque havia, pois, de tentar contra os meus dias? Foi a idéa que me veiu depois de muito resar. Ergui-me, e tornei á janella. Olhei: era noite escura: já não via senão o alvejar ao longe das carneiradas que corriam pela superficie do rio.— «Ao mar! ao mar! — repetiu-me a mesma voz intima que ouvíra. Intima!? Não digo bem: juraria que me soava distinctamente nos ouvidos. A terribilissima recordação de que tudo quanto me rodeava pertencia ao homem que me abandonára; de que só á miseria e á deshonra podia naquelle momento chamar minhas; de que, sem acceitar um nome infame, não me era licito demorar-me naquella morada, nem sequer para estalar de dor; tudo isto, juncto com a voz imperiosa que ouvia, excitava em mim tal delirio, um phrenesi tão insensato, que não hesitei mais em obedecer

a esse preceito infernal. As difficuldades que poderiam obstar a semelhante resolução, nem sequer me passaram pelo espirito. Imaginei que, além dos paços de Sanctos, por entre essas vinhas que os rodeiavam estendendo-se para o occidente, algum outeiro escarpado, algum promontorio bojando sobre as aguas, me facilitaria um ponto sobranceiro ás vagas d'onde podesse precipitar-me. A margem de cá do Téjo devia ser como me parecia a de lá, aspera e debruçada sobre as ondas. Achava-me só: a escrava saíra. Cubri-me com um capuz, escondi a cabeça e o rosto com o capello, e obedeci ao impulso que me arrastava. Parti.»

« A chuva começava a cahir grossa e pesada. A minha bôca, durante esse dia, não tocára em nenhum alimento; e comtudo sentia-me robusta. Só as veias das fontes, batendo-me com força, e uma viva dôr de cabeça me perturbavam. Segui o caminho que me pareceu dirigir-se para o poente da cidade. As rajadas do vento, que soprava rijo daquelle lado, serviam-me de guia atravez das ruas tenebrosas e confusas que succediam rapidamente umas ás outras. Os raros vultos que encontrava sentia-os parar um momento; mas os meus passos eram tão ligeiros, e a escuridade tão profunda, que logo cessava o reparo e seguiam

ávante. Brevemente me achei n'uma rua ladeada de arcarias: grandes edificios como que passavam para traz fugindo: devia ser a Ruanova em que tanto ouvíra falar. Atravessei um terreiro, encaminhei-me ao longo de uma corredoura ou passagem estreita e solitaria, e cheguei a uma das portas occidentaes da cidade. Estava aberta ainda. Apesar da cerração divisava-se um largo panno da muralha pardacenta, sobre a qual duas torres da mesma côr se me representavam como dous espectros gigantes de pé em cima d'extensa lousa. Estremeci de terror. Lembrou-me que essa porta era a da vida para a morte, e que, talvez, pouco depois de a haver transposto, ella se fecharia eternamente após mim. A imagem do nosso pae, a tua, meu irmão, e até a da nossa pobre Brites pintaram-se-me na alma com tanta viveza, tão repassadas de saudade, que parei, e assentando-me n'um marco juncto ao vão da porta, desatei a chorar. »

« Foi, porém, um momento. Depois dessas imagens tão queridas, outra com um sorriso d'escarneo as substituiu. Adivinhas qual fosse.... A repugnancia succedeu ao terror. Senti que já não amava; que antes de me soltar dá vida este coração morrêra! Ao mesmo tempo a voz, que mais de uma vez ouvíra, pareceu-me

que repetia as palavras fataes: — Ao mar! ao mar! » — Diria que os labios desse vulto, que a imaginação febricitante me affigurava, se haviam agitado para as proferir. Ergui-me então. Tinha os olhos enxutos, e com passos firmes atravessei o profundo portal. »

« Além delle era uma estrada chan. Por entre algumas choupanas, que demoravam da esquerda, via-se um reluzir vago, e ouvia-se estourar e murmurar espraiando-se o rolo das ondas. O vento abrandára, as nuvens rareavam e a lua passava a correr por cima dellas adiante de mim. Á direita erguia-se um monte empinado. Era necessariamente o de sancta Catharina, cujos cimos cubertos de verdura e coroados de algumas casarias, eu d'antes avistava ao longe por cima dos adarves da muralha occidental. Depois de observar rapidamente o que me ficava dos lados, olhei ante mim, para me affirmar no caminho. Lá estavam a curta distancia os paços de Sanctos, cujo vulto negro o luar nublado me deixava reconhecer, posto que mal distincto. »

« Desdé então em nada mais reparei senão nesse edificio tristonho que tomára por baliza. Em breve o transpuz descendo para estreito valle. Com desvairada alegria vi que a estrada subia de novo prolongando-se com o

rio. Era como o previra. Pendurava-se acima da agua em ribas despenhadas e fragosas. Alli ía achar, emfim, a noite verdadeira e eterna em que repousasse das angustias desse infernal dia. »

« Mas a especie de ebriedade phrenetica, o feroz contentamento que agitava a minha alma, durou bem pouco. A estrada, que seguia quasi á borda do precipicio, estava amparada por um muro, que a ía acompanhando até se curvar para outro valle. Prosegui sem desanimar ainda, esperando achar alguma passagem para a ribanceira. Debalde: nenhuma havia. Pensei então em retroceder... Para onde, e para que? — Eia! — disse comigo. — Aqui, ou mais adiante, que importa?—Continuei. »

« Ou que o cansaço me houvesse quebrado as forças, ou que a humidade, que me traspassava os membros, me houvesse acalmado um pouco a febre em que ardia, eu caminhava menos rapidamente. Não tardei a passar uma ponte. Além della, a um lado ficavam brenhas e arvoredos que murmuravam com o vento; ao outro, a lua descoberta um momento por entre as nuvens rotas, prateava o mar. Alonguei os olhos: diante de mim dilatava-se a margem pantanosa e solitaria, que, estreitada pelos montes, e semelhante a uma faixa mos-

queada, se estendia a perder de vista. Parei outra vez. Começava a desanimar: o frio coava-me até a medúlla dos ossos. Corri á praia para metter-me ás vagas, deixando que ellas me arrastassem; mas aos primeiros passos que dei, penetrando na agua, recuei horrorisada. Pelo rio revolto do temporal vinha a aproximar-se, a approximar-se um rolo enorme, que ao tocar em terra se espraiou em lençoes d'escuma. Era medonho ver vir assim a pouco e pouco a morte para me dar a mão, e pouco a pouco, retirando-se, arrastar-me ao abysmo.»

«Tua irman, meu Vasco, que já deshonrára uma vez o sangue generoso de nossos avós cedendo a uma paixão insensata, deshonrou-o outra vez com a covardia. Não tive o valor de morrer!...»

Um como rubor hectico passou pelas faces pallidas de Beatriz, que as cubriu com ambas as mãos, ficando assim por alguns instantes. Depois, afastando as madeixas que lhe haviam pendido sobre o rosto, proseguiu:

«Tornei a metter-me ao caminho; mas já não tinha inteira consciencia do que fazia, e nem, até, me recordava bem do motivo por que me achava alli. A dor violenta que sentia na cabeça desapparecêra: deslumbravam-me, porém, umas fitas de fogo que frequentes ve-

zes via passar ante os olhos. Estonteava-me um zumbido estridente, que impedia chegar-me aos ouvidos outro qualquer som, e a estrada affigurava-se-me uma cobra monstruosa colleando-me debaixo dos pés, que fugiam para traz sobre o dorso escorregadio do reptil. Estendi as mãos pare me segurar. Dei um estremeção violento, e nada mais senti. »

« O resto sábe-lo tu, meu irmão. »

Beatriz calou-se: e após largo silencio, o frade na mesma postura, de braços cruzados e com a cabeça pendida sobre o peito, parecia escutar ainda.

Depois, alçou subitamente a fronte, estendendo para o ar os punhos cerrados, blasphemia muda dicta pela sua alma ao céu. Reverberava-lhe outra vez o fulgor nos olhos, a côr da vida no gesto, e sem proferir palavra recomeçou o seu anterior ir e voltar de um para o outro lado do aposento. Havia naquelle movimento o que quer que era de tigre encerrado em gaiola de ferro.

Deixemo-lo scismar e passeiar; e em quanto scisma e passeia, aproveitemos o tempo para irmos espairecer os olhos n'uma scena bem diversa.

XIV

DESIGNIOS.

Contas na mão, e o démo no coração.
Onde o ouro fala, tudo cala.
ADAGIOS ANTIGOS.

As phrases abruptas, por onde concluimos o precedente capitulo, fizeram, talvez, com que o leitor se capacitasse de que, semelhantes ao côxo Asmodeu, o arrebatavamos da modesta habitação da rua de D. Mafalda, para o transferirmos em bolandas a algum logar, ou escuso ou remoto, na cidade ou *extramuros,* para assistir a estranhas scenas, só atadas ás

que já presenceámos pela progressão dos successos, que temos a gloria de ir desenterrando do pó do esquecimento. Quanto são errados os juizos humanos! Enganar-se-hia o conversavel e pacifico leitor que assim o pensasse. Posto que a litteratura destes nossos tempos — o drama e a novella — tenham levado tanta vantagem em rapidez de locomoção ás vias-ferreas, quanto levam as faculdades da imaginativa ás fôrças mais energicas do mundo material, a nossa mutação, apesar disso, respeitará as sans doutrinas da unidade de logar e de tempo.

Abramos a porta da ante-camara onde estão, fechados por dentro, o monge e sua irman, e desçamos por esta estreita escada, que fica á nossa direita. Bem. Estamos n'uma casa terrea. O lar com um resto de brasido, alli o vemos daquelle lado; uma banca de pinho no meio da quadra; defronte a cantareira com o vermelho e encerado pote, por cima do qual pende ao desdem grosso mas limpo bragal, reluzindo em volta, na prateleira mais alta, uma renque de caldeiras, agomias, prateis, salsinhas e outros trastes analogos, sobre o chão alvo da parede irreprehensivelmente caiada. É uma cozinha o aposento onde nos achâmos: não ha que duvidar.

Mas para que descemos, para que revistámos, para que viemos aqui?

Esperae, que ainda não vimos tudo.

Olhe o leitor para aquelle recanto escuro, aonde mal chega a claridade quasi crepuscular da chammasinha, que de vez em quando espirra no candeio de ferro, pendurado dentro da chaminé fuliginosa. Não divisa lá o que quer que seja? uma janella aberta; umas adufas alevantadas; um raio de luz de estrella, que escapa por entre a rotula? Não enxerga um vulto roliço, curvado sobre o peitoril, posto nos bicos dos pés, e com a cabeça torcida, meio para o lado, meio para o ar, como se espreitasse algum planeta, ou esmasse, pelo curso de nuvem passageira, d'onde viria o vento? Não conheceu ainda pelas linhas do perfil, pelas roscas espiraes do pescoço, pela touca farfalheira, pela rotundidade das ancas, pelo lombudo das costas, a nossa tia Domingas? Pois é ella. Cheguemo-nos pé ante pé; tenhamos a respiração; appliquemos o ouvido, e conveneer-nos-hemos de que não foi inutil para a intelligencia deste importante livro, o devassarmos o interior da morada de Beatriz, nem o descermos aos dominios culinarios da cuvilheira, em quanto Fr. Vasco anda philosophando, lá em ci-

ma no sobrado, á maneira dos peripateticos.

A respeitavel matrona de Restello fôra excluida da larga conferencia do moço cisterciense com sua irman. Mandarem-na saír do aposento buliu-lhe com a subjectividade. Fr. Lourenço nunca mostrára semelhante falta de consideração. Desceu resmoneando para a cozinha, e começou a arrumá-la, trauteando a devota lôa do justo juiz, indicio supremo das horas aziagas de máu humor e perrice da tia Domingas. Andava tudo n'uma poeira: as tripeças iam-lhe adiante dos joelhos; a banca de pinho levou mais de dous empurrões: esteve quasi meia hora a raspar n'uma caldeira com um talhadouro velho e cheio de móssas: fez cahir no chão uma barda de pratos d'estanho, querendo matar com uma vassourada uma barata que ía a correr pela parede: e por fim de contas quebrou um lindo pucaro d'Estremoz, ao enchê-lo d'agua para apagar o brasido. Depois de todas estas façanhas e cavallarias, abriu a janella, alçou a adufa, escarrou, tomou ruidosamente a respiração por tres vezes, e concluiu esta serie de actos expressivos com dous ai! ai! seguidos da exclamação sacramental: — Coitado de quem atura filhos alheios! »

« Que tem, vizinha?—murmurou de uma janella lateral voz adocicada que parecia de mulher moça. — Que tem, que está agoniada? Passou bem? Já não ha quem a mereça. »

« Que hei-de ter? A minha vida; a minha vida! Parece que me não benzi, ou que tenho peccado mofento. Se esta semana me não confessei! Fui hoje a S. Francisco. Qual Fr. Isidoro, nem meio Fr. Isidoro! Tinha ido prégar a Restello. Meu rico padre espiritual, que foste deitar as tuas perolas a porcos. Sempre lhe digo, vizinha, que gente assim..... Ellas: cal-te bôca: e elles... Ai, virgem bemdicta! Mancebias, mancebias, que é um tremer. E não ha-de haver peste, fome e guerra?! Não; que não ha-de. Peccados e mais peccados: onzenas, mortes, roubos, murmurações; e querem que Deus tenha paciencia? Demais a tem elle tido. Mas, como lhe ía dizendo: tudo me sae esta semana torto! Sabbado de nossa senhora é hoje! Ainda bem que está acabada. Jesus, sancto nome de Jesus! E a vizinha como vae? »

Bem, tia Domingas: obrigada. Diga-me cá: não tenho visto o frade bernardo já idoso, que ahi vinha todos os dias... frei... frei.. »

« Fr. Lourenço, não é que diz? »

« Falou; que cant'ao moço, ao irmão

de sua domna, esse vi-o eu entrar ainda agora... »

« Mandaram-no lá para um convento de cima. Cousas da governança, conforme ouvi rugir. Era frade de lei! Cá nos deixou a chaga do companheiro. Forte casmurro é o tal Fr. Vasco. T'arrenego! Lá está em cima a azaranzar a coitada da irman. Uhm, uhm, uhm. Sempre a rosnar o maldicto! É focinho com que não engraço. Ainda não lhe vi os cunhos ao dinheiro, nem lhe ouvi boa palavra. Escute... Ahi anda elle com a veneta: dá-lhe que dá-lhe a passeiar. Gasta naquillo horas esquecidas. A irman chora que se mata. O que lhe elle canta, isso não sei eu. Olhe; sabe o que lhe digo? É que ha gente que nasceu para castigo dos outros. »

« Então, visto isso, não tem podido entrujir... »

« Nada: por ora nada. Elle a entrar, e a acenar-me com a mão que sáia. Parece um fidalgo! E pan, porta nas costas; e zás, volta á chave. Já estive uma noite a escutar na escada; mas o excommungado, Deus me perdoe, que falo do bento cercilho abaixo e com a devida reverencia ao habito do nosso padre S. Bernardo, parece que me presentiu, porque disse para a irman (aqui a tia Domingas fez

uma voz de papo): Toma tento, Beatriz: se esta cuvilheira fôr curiosa, é preciso despedila. Depois escarrou e tossiu. Fiquei sem pinga de sangue; e o suor era em bagas. Desci pé ante pé. Abrenuncio! Não; lá isso não! Ainda que se matem não sáio da cozinha.»

«Ora, ora! É exquisito o irmão de sua domna! Irmão: creio que não tem duvida que é irmão: — disse a outra com uma certa inflexão de voz maliciosa.

«Essa é boa! Pois eu parava aqui um instante, vizinha? Menos isso! Com Domingas do Sacratissimo Lado não faziam farinha. Comase de rala; mas cara descuberta. Irmão carnal de pae e mãe. Disse-o Fr. Lourenço, está dicto: para mim é um evangelho. Bem sei que haverá praguentos e murmuradores, que deitem peçonha; mas nesse ponto ponho as mãos no fogo. E demais: ninguem póde tapar as bôcas do mundo. Melhor era que certa gente olhasse para si. As cousas a mim não me cahem no chão. Já cá ouvi uns zums, zums, e por isso canto por esta solfa. A proposito: — accrescentou a tia Domingas em voz ainda mais submissa — como vão os namoricos da vizinha do segundo andar, da filha do tabellião? Tem visto passar o cujo?»

«Isso pergunta-se? Ainda hoje: eram trin-

dades. Cavalgava um cavallo raudão: trazia saio de setim azul, empennado á volta de martas, e calças roxas brosladas, chapeu chapado á franceza, borzeguins de gamo, todo airoso e bemposto. É um mocetão: lá isso é! Chegou alli defronte, e poz-se a soffrear o cavallo, que principiou a saltar e a recuar e a fazer um estrupido na calçada que até veiu á porta o vizinho armeiro, e mais estava azafamado a acabar umas grevas. Alçou-se então a adufa, ahi mesmo por cima da camara da sua domna, e appareceu aquelle rostinho de alfenim, com um riso e olhar que matava. O gentil escudeiro, que não despregava os olhos da janella, depois de fazer suas gaifonas, partiu a galope. Creio que o pae não estava em casa... »

«Não estava; não:—interrompeu a velha Domingas.—Hoje, a horas de terça, vinha eu pelas Fangas acima, da banda dos cubertos do Pelourinho, de fazer as minhas mercancias. Com quem havia de dar de rosto, mesmo á porta do paço dos tabelliães? Com mestre Bertolameu.—«Olé, vizinho! Hoje não se dormiu a sésta?—perguntei-lhe eu a rir. Vae elle, e diz-me:—Pois que quer, senhora Domingas? Nestas vesperas de côrtes não ha mãos a medir. Os procuradores não se tiram do paço a pedir traslados authenticos, certidões, autos, e

quanto lhes vem ao bestunto. Temos que dar á unha até o serão. Guarde-a Deus, vizinha.» — «Vá na graça do senhor: — respondi-lhe eu, e vim arrastando a ossada até o alto da Madanela. Cheguei estafada a casa. Eu a entrar, e a moura de mestre Bertolameu a saír. Ía tão estonteada, que me pisou o melhor calo que tinha. — «Terçans te comam, demonio! — disse-lhe eu. — Seja pelas chagas de Christo!» — Pois, que pensa que ella fez? Desatou a rir, e foi-se esgueirando. Se a apanhasse, esbofeteava-a. Rir-se de mim aquillo! Eu, que a conheço de Restello, e mais o perro do pae. Ás tres o diabo os fez. Deram em pantana com um tractante d'um almuinheiro, com quem ella esteve de casa e pucarinho. Agora metteu-se a soldadeira, até ter outro commodo... Mas cal-te bôca! Certas cousas é melhor não falar nellas, para não cahir em peccado de murmuração. Só lhe digo que a tal Zilla ha-de ser uma alcaiota de truz.»

«Lá isso é verdade. Tem-no escripto na cara: — replicou a outra cuvilheira. — Mas diga: ainda não perguntou quem era o bargante? Tenho idéa daquella veronica. O especieiro prazentim alli debaixo creio que o conhece.»

«Conhece, conhece! Fui lá hontem com-

prar um pouco de assucar rosado de Alexandria, e uma dinheirada de pimenta. Era micer Richarte em pessoa que estava ao balcão. Boa laia d'homem que é aquelle micer Richarte! Fala como um breviario; e até lhe dá graça a sua meia-lingua. Derriçámos o nosso bocado: veiu o negocio á balha, e poz-me tudo em pratos limpos.»

«Então quem é? quem é? — interrompeu a interlocutora, que rebentava de curiosidade.

«É um tal Fernandaffonso, camareiro delrei, ou o que é, Fernandaffonso, parece-me que disse micer Richarte... É isso, é.»

«Que... tu... nan... tão! — exclamou a collega da tia Domingas, carregando naquellas quatro syllabas, que proferidas, assim lentamente, por uma bôca de mulher, significam: — muita pena tenho de que não seja o caso comigo.»

«Sim!? — replicou a velha. — É o que se vê neste tempo. *Oh tem para amoras!* como diz aquelle sanctinho de Fr. Isidoro por seu latim, quando discorre sobre o que é este mundo. A mocidade vae perdida; perdidinha! Está fresca D. Alda! Pobre mestre Bertolameu!»

«Delle tambem eu tenho dó. Mas della?!

Sua alma, sua palma. Não importa, que é para lhe abater as soberbas, áquelle focinho torto. A boa porta vae bater! Aquillo, que era capaz de enrodilhar as onze mil virgens! Olhe que as punha á cinta...»

«Ai, mana, não diga heresias, que se me arrepiam os cabellos.»

«É modo de falar. Se ouvisse as historias d'aquelle estavanado que andam em praça, isso é que é de fazer arrepiar. Não acabava se começasse a enfial-as. Quer saber uma fresquinha, que me contou hontem a minha fregueza de pescado, que mora na rua das Esteiras, na esquina do terreiro de S. Julião por baixo da ermida da Oliveira, defronte de um tosador?»

«Bem sei; bem sei: de mestre Inofre, que tem uma filha já espigada...»

«Foi com essa mesma o caso...»

«Domingas, Domingas! — soou de repente do alto da escada. Era a voz estridente de Fr. Vasco. A velha nem deu as boas noites á palreira vizinha. Deixou cahir a adufa, e gritou: — Ahi vae, ahi vae. Estou acabando de encerar o pucaro d'Estremoz.»

A pressa com que a chamávam era uma excellente desculpa recriminatoria para quando apparecesse quebrado.

Emquanto ella tarda em subir, para provar com muda eloquencia a lida e azáfama em que andava, vejamos o que, durante o dialogo que transcrevemos para edificação do leitor, se passára no aposento de cima.

O moço frade tinha passeiado muito.

Parou finalmente com o rosto voltado para a parede, e com as mãos cruzadas atraz das costas, como se estivesse lendo attentamente o Mane, Thecel e Phares da sala do banquete de Balthasar.

E, comtudo, nada via de quanto o rodeiava. Tão intima era a sua meditação.

Depois de se conservar largo espaço naquella postura, virou-se como impellido, após violenta lucta comsigo mesmo, por uma resolução suprema; dirigiu-se para Beatriz, pozlhe a mão sobre a cabeça, e disse com solemne tranquillidade:

«Minha irman, ainda resta uma esperança.»

Beatriz alevantou o rosto com um sorriso fugitivo d'incredulidade, e logo deixou pender a cabeça entre as mãos, meneando-a lentamente.

«Resta sim! — proseguiu Fr. Vasco. — Era sangue o que devia remir a seducção; mas o sangue, que lava a beta negra traçada na fronte, espirra para o coração do assassino, e as-

signala-lh'o com outra beta mais cruel e mais negra, que pouco a pouco se vae irradiando e o devora. Poupemos o sangue, e tentemos ainda!... Fernando salvará a tua honra, a honra de nosso pae, e a minha propria, se é cousa essa em que deva pensar quem traja em vida a mortalha. Ha um anno teria corrido a saciar-me de vingança inutil; hoje a seiva do meu viver está gasta, muito gasta, Beatriz. Na eschola da adversidade aprende-se a prudencia. Vamos lá; vamos tentar se nas trevas da sua alma póde penetrar um raio de piedade e justiça: vejamos se a reparação póde absolver-me do desaggravo que perante a imagem sacrosancta de nosso pobre pae jurei tomar. Senão... Deus se amerceie delle, e tambem de nós!»

Estas palavras foram dictas n'um tom que fez tremer Beatriz.

«Não, não! — exclamou ella. — Nunca!»

O monge continuou, como se não a tivera ouvido:

«Que te diga diante do mundo — tu és minha mulher» — e que depois te abandone, te deteste. Que te importa, ou que me importa? Eu te amarei por elle; eu concentrarei em ti as minhas affeições todas. Reclinarás a tua alma neste coração devastado e deserto, e re-

povoa-lo-has de ternura. Viveremos um para o outro: esqueceremos no amor fraterno passadas desventuras; porque ambos nós temos muito que esquecer... É necessario que esse homem torne a ver-te; que mais uma vez te humilhes ante o teu seductor, e que seja elle, não eu, que lavre a propria sentença.»

Como se no regaço lhe houvesse lançado uma vibora, Beatriz deu um grito de horror, e poz-se em pé.

«Mata-me, Vasco: — exclamou ella com o impeto da indignação — Podes; devias, talvez, tê-lo feito. Que a terra cubra a nossa deshonra. Mas eu humilhar-me ainda uma vez ante esse homem que me envileceu, sacrificando-me aos pés de outra mulher; que fez de um amor ardente, illimitado, submisso, objecto d'infame ludibrio; que me impelliu de crime em crime, e por cuja causa nosso pae legou a sua filha a justa maldicção do moribundo?! Oh, isso não! Bem sei em que abysmo cahi. Mas antes perecer do que acceitar, para delle saír, a mão atraiçoada que me precipitou.»

«Como te approuver, Beatriz: — replicou o cisterciense, cujos olhos scintillavam, mas em cuja voz firme e serena apenas vibrava

ironia amarga. — Vejo agora que era um insensato quando imaginava que valia a pena de sacrificares alguma cousa ao teu e ao meu futuro; que valia a pena de não poupares um derradeiro esforço para consolar debaixo da lousa as cinzas de Vasqueannes. Foi um erro. Não importa!... Fa-lo-hei eu, o sacrificio; eu só, tremendo, e ruidoso. Dous clarões havia no horisonte: um apága-lo tu; resta o outro, sanguineo e sinistro, para me esclarecer a estrada... O primeiro podia ser a aurora, não da felicidade, porque para nós ella é já impossivel, mas da consolação: o segundo vem do poente; é o ultimo clarão que rompe o negrume, accumulado ao anoitecer, da tempestade nocturna; é a tocha infernal que allumia a vingança, mas vingança que completará a deshonra da nossa familia. Olha, Beatriz, ha muito que me anda aqui na cabeça uma idéa fixa. Não tarda o dia da procissão de Corpus: e nesse dia á noite a tua velha cuvilheira virá contar-te uma horrenda historia, de que Lisboa inteira ha-de falar. Dir-te-ha, alli, assentada áquelle cantó, e persignando-se tres vezes: — Na longa fileira das communidades viam-se alguns frades do collegio de S. Paulo. A uma das varas do pallio ía elrei: seguiam-no todos os cavalleiros e escudeiros da côrte,

a pé, como elle, e desarmados. Então d'entre esses poucos frades de Cistér saíu um ainda moço, e encaminhou-se para o logar onde ía elrei. Ninguem pensou em embargar-lhe os passos. Que importa um frade que vae ou que vem? Buscava alguma pessoa na turma dos cortesãos, e de feito chegou-se a um delles. Falou-lhe ao ouvido: o que lhe disse ninguem o percebeu; mas viu-se reluzir ao sol um ferro, e o cortesão cahiu. Era um moço gentil! O frade poz-lhe um pé sobre o peito que arquejava, e assim ficou a olhar de roda e a rir... »

A donzella atirou-se aos pés do monge, abraçando-o pelos joelhos, e exclamando: — Vasco, Vasco, por alma de nossa mãe, tem dó de mim! »

« Dias depois — proseguiu elle, sem volver sequer os olhos para sua irman — contar-te-hão o resto, e dir-te-hão: — O frade, prenderam-no: não quiz revelar a ninguem o segredo da sua vingança; e elrei mostrou-se, com razão, inexoravel. Arrancaram-no do fundo do calabouço: tiraram-lhe solemnemente as ordens: despiram-lhe as vestiduras monasticas; e entre apupos da gentalha conduziram ao patibulo o ultimo descendente de nobre linhagem; que de nobre linhagem vinha o

frade. Era o que restava della: um assassino! Minto. Ainda ficava no mundo uma vergontea da arvore derribada: era uma mulher prostituida.»

«Pois sim! pois sim. Que venha! Arrojar-me-hei a seus pés... Tudo quanto tu quizeres... tudo! — interrompia a desgraçada com voz quasi imperceptivel.

E Vasco sentiu nos joelhos o affrouxar do estreito abraço. Abaixou os olhos: a cabeça de Beatriz pendia-lhe paro o lado; um gemido affogado veiu ferir-lhe os ouvidos, e no mesmo momento viu-a cahir como morta. O ranger dos dentes era nella o unico signal de vida.

Fôra neste lance, que a tia Domingas ouvíra a voz do frade chamá-la duas vezes. Quando a velha entrou, Fr. Vasco estava encostado á hombreira da porta, com a cara escondida entre as mãos; e a donzella jazia desmaiada e de bruços no mesmo logar onde cahira.

O monge, que parecia inteiriçado por um espasmo nervoso, recobrou, emfim, o movimento. Fez signal a Domingas para o ajudar, e ambos conduziram Beatriz para a sua camara. A agitação a reanimára. A cuvilheira ficou sósinha ao lado de sua ama, que parecia respi-

rar mais soltamente, como quem dormitava. Passado um largo espaço, durante o qual o cisterciense se occupára em ajunctar as cartas de Fernando Affonso, que cuidadosamente guardára, e no seu ir e voltar de uma para outra parte, a tia Domingas ouviu-o chamá-la de novo mansamente.

« Nosso padre S. Bernardo me perdoe; — pensou ella — mas o frade é o diabo. Que me quererá o maldicto agora? »

Quando a viu assomar, Fr. Vasco parou, e olhando na direcção da camara, inclinou para traz a cabeça e estendeu a mandibula inferior, como interrogando a cuvilheira ácerca de Beatriz.

« Dorme: — respondeu a velha. Bem sabía ella se dormia. O monge sorriu.

Dormir!

A um seu aceno, Domingas aproximou-se. Então, tirando debaixo do escapulario uma bolçasinha, o cisterciense pô-la sobre a especie de tripode em que estava a lampada. Involuntariamente a beata foi-se cheganda mais. Dera-lhe o coração um pulo. Sem saber porque, o teiró que tinha a Fr. Vasco sentia-o diminuir d'intensidade com uma especie de prazer semelhante ao que experimentamos quando, depois de dia abafado da canicula, vem pela

tarde a brisa do mar refrigerar-nos o sangue, e restituir-nos ás fibras languidas o anterior elasterio.

« Mulher, — disse o moço frade apontando para a tripode — aquella bolça é tua; mas has-de executar á risca o que te vou ordenar. »

Estas palavras abruptas eram as primeiras que nessa noite elle dirigia á senhora Domingas do Sacratissimo Lado, que não gostou do *tu* grosseiro, nem da brutal designação de *mulher*, posto que a offerta fosse assás melliflua, e, por assim dizermos, um affago após uma bofetada. Abrindo muito os olhos, e volvendo-os alternativamente para a bolça e para o cisterciense, a matrona respondeu sem titubear.

« Lá quanto a isso, é alma que cahiu no inferno, salvo seja. Em comparação: é como se o dissesse áquella parede, com perdão de vossa reverencia. »

« Bem está — proseguiu Fr. Vasco. — És aldean. Talvez nunca visses a procissão de Corpus em Lisboa ... »

« Nunca vi a procissão de Corpus ? ! ... Que diz vossa reverencia ? Nunca deixei de a ver. Meu rico senhor S. Corpus Christi ! Lembra-me sendo eu tamanina, em tempo d'elrei

D. Affonso: Deus lhe fale na alma, que era um sancto rei: daquella laia de reis já não ha; e mais este é bom, diz o povo. Como eu ía contando, naquelle tempo um tio meu, que era carniceiro, um rapagão como uma torre, fazia o papel do imperador que levam os do officio. Outro tio meu quasi sempre era um dos diabos dos esparteiros, e até no anno da grande peste, parece-me que foi hontem, fiz eu d'anjo dos especieiros, e uma prima...»

« Basta, basta! — interrompeu Fr. Vasco.—Quem te pergunta por isso? Sabes, portanto, que elrei vae a pé com os principaes senhores que se acham em Lisboa, ás varas do pallio; que o rodeam os officiaes, cavalleiros e escudeiros da sua côrte; e que nesse dia o povo se mistura com os fidalgos, e póde qualquer aproximar-se d'elrei...»

« Lá isso é verdade! — murmurou a velha com visiveis signaes d'inquietação. — Mas se vossa reverencia tem alguma petição ou recado para elle!...»

« Deixas-me falar, mulher?! — atalhou o frade já impaciente. — Não; não é para elle. Toma sentido. Conheces um certo escudeiro, mancebo e gentil-homem, chamade Fernando Affonso, que é camareiro-menor d'elrei?»

« Tenho idéa; tenho idéa do sobredicto... Não ponha vossa reverencia mais na carta:— respondeu a tia Domingas, deslisando um risinho d'intelligencia, e arregaçando a mandidula superior ao longo de um grande dente solitario que lhe restava na bôca.—Que estavanado! Sei-lhe da vida... »

« Que sabes tu delle, que sabes?!—acudiu impetuosamente o cisterciense, cuja perturbação se lhe pintava no gesto.

« Ora, que hei-de eu saber? Diabruras; rapaziadas, É fructa do tempo. Ai, Virgem sanctissima! Fazer o que fez á filha de mestre Inofre, o tosador da rua das Esteiras! Se aquillo era uma tolaça! Olhe, eu não sei se elle é amigo de vossa reverencia, por isso me calo; mas sempre digo, que andar assim á roça da filha de mestre Bertolameu, um homem tão capaz, não é bonito. Fuge-te partes aversas! Vae tudo n'uma poeira com elle: dizem. Destas sei eu. »

O monge, que não conhecia o tosador, nem sabía quem era mestre Bartholomeu, recobrou as apparencias de serenidade de que se revestíra a principio. As palavras da beata tinham-no feito receiar que a deploravel historia de sua irman fosse já demasiadamente sabida.

« É esse mesmo — proseguiu elle, — o camareiro-menor... Qualquer a quem perguntasses te diria: — É aquelle! — Agora resta explicar-te o que exijo de ti. No dia da procissão, em que elle forçosamente ha-de ir na comitiva d'elrei, não o percas de vista. Quando vires momento opportuno, no meio da confusão e tumulto, aproxima-te d'elle, e dize-lhe que uma dama, cujo nome te foi prohibido revelar, pretende falar-lhe nessa mesma noite. Indica-lhe um logar onde haja de encontrar-te, e conduze-o aqui. »

Domingas olhava espantada para o frade, que lhe dava tão estranha incumbencia com tal ingenuidade, que não sabía a boa da velha o que pensasse do caso. Com sobeja experiencia do mundo, fôra justamente o modo natural e singelo, que Fr. Vasco affectava, que a fizera desconfiar daquella singular missão. Costumada a avaliar as cousas, antes de tudo, nas relações que podiam ter com o proprio *benè esse,* suspeitou que as palavras do monge fossem um laço armado á sua imprudencia. O cortejo de Fernando Affonso á filha de mestre Bartholomeu tinha sido, acaso, observado por elle, que o poderia suppor dirigido a sua irman. Que entre os dous se havia passado uma scena violenta, era o que o estado, em que, su-

bindo, achára Beatriz, tornava indubitavel. Fino devia de sér o frade para a pilhar com a bôca na botija, se houvesse alguma emburilhada, quanto mais estando segura de sua consciencia. Estas reflexões passaram rapidas pelo espirito da cuvilheira, que buscou logo terreno solido, onde podesse combater com vantagem o seu adversario. Por isso, apertando as mãos na cabeça, exclamou:

« Sancto breve da marca! Um religioso, como vossa reverencia, falar em tal a uma dona recatada, como Domingas do Sacratissimo Lado! Vossa reverencia está de certo gracejando. Eu! eu levar semelhante mensagem a um desbragado daquelles, em dia de S. Corpus, e na procissão, e diante do senhor sacramentado, e nas barbas d'elrei, que costuma ir alli com a sua real opa, tão magestoso e grave que faz tremer! Oh, minha Virgem sancta da Escada, da igreja de S. Domingos, que é o meu padrinho e o sancto do meu nome! E que diria Fr. Isidoro, o meu confessor, em sabendo que eu tinha trazido comigo, de noite, ás escuras, um mocetão daquelles para o introduzir sorrateiramente nesta casa, que até hoje, Deus louvado, tem sido um convento! Vossa reverencia quer-me deitar a perder e a sua irman... »

« Cal-te, faladora tonta e impertinente: — bradou colerico Fr. Vasco, batendo o pé na casa, e n'um tom que não admittia réplica. — Ordenei-te, acaso, que falasses de amores a Fernando Affonso? Não podem existir outras relações entre uma nobre dama e um gentil escudeiro? »

« Mas vossa reverencia não vê que somos duas donzellas recolhidas e vergonhosas...?»

« Silencio! — atalhou de novo o monge no mesmo tom. — E quem te disse que eu não estaria aqui? Crês-te, porventura, mais interessada na reputação de Beatriz que seu proprio irmão? Acabemos com isso, mulher. Ou receber aquella bolça, ou abandonar esta casa. Escolhe. Dou-te tempo para pensares; mas não ha meio termo. Percebes? »

Proferindo estas palavras, Fr. Vasco metteu as mãos na correia que o cingia, e começou a passeiar novamente, parando d'espaço a espaço, e escutando á porta que, ao longo de um corredor estreito, conduzia á camara de Beatriz. O profundo silencio só era interrompido pelo quasi imperceptivel ranger das alpargatas do frade. Domingas seguia-o com a vista, mechendo a cabeça como um mandarim de porcelana da China.

« E se elle...Valha-me nossa senhora!... Se elle teimar á mão de Deus padre que lhe diga o

nome da bella dama?—reflectiu, como a medo, e passados alguns minutos, a tia Domingas.

« Prohibi-te que o revelasses: — replicou friamente o incansavel passeiador.

« E se por isso recusar acompanhar-me? »

O frade encolheu os hombros, continuando a passeiar, e respondeu com o mesmo feroz laconismo:

« Despedida. »

Não duvidára um momento de que o aventureiro mancebo acceitasse um semelhante convite, por esse mesmo mysterio em que se envolvia.

O gesto de Fr. Vasco, os seus movimentos de impaciencia, as suas ameaças, o tom decretorio em que falára haviam, emfim, desenganado a cuvilheira de que o dilemma que lhe fazia era, posto que inexplicavel, sincero, e as ultimas perguntas da tia Domingas o que provavam era que estava resolvida a obedecer. As difficuldades que ponderava tinham sido apenas uma astucia de Sancho-Pansa para não cahir de salto em condescendencia contradictoria com os escarcéus que a principio alevantára. Imitava, sem o saber, os gladiadores moribundos nos circos romanos: queria cahir bem: e cahiu.

« Emfim, como vejo que aperta, será vossa

reverencia servido. E sabe porque? Eu lh'o explico. Quando o padre mestre se foi disse-me: — Senhora Domingas, » — que por senhora me tractou sempre — obedeça a Fr. Vasco — assim se diz na ausencia — como outro eu. Elle é o verdadeiro protector de Beatriz. » — Portanto, reverendissimo, visto que vossa reverencia não quer ouvir nem das más nem das boas, lavo d'ahi minhas mãos. E mais juro-lhe que não é pelo interesse: é porque sou muitissimo obrigada áquelle sancto de Fr. Lourenço, e como vossa reverencia faz as vezes delle... Ora com licença, diga-me vossa reverencia cá. Então sempre quer que seja nesse dia e que fale ao gentil escudeiro na procissão de S. Corpus? »

Fr. Vasco reflectiu um momento.

« Poderia ser n'outro, talvez... Porém, não! Obedeçamos á primeira inspiração... Quanto ao modo d'executares o que te ordeno, tens plena liberdade d'excogitar os meios. O ensejo que te indiquei é mais seguro: antes ou depois ser-te-hia talvez impossivel. Entretanto o que me importa é que o camareiro-menor se ache aqui nessa noite, e que o véu do mysterio lhe esconda o nome de quem te enviou e o nome de Beatriz. O resto pertence-te a ti. »

*

Dicto isto, o moço cisterciense encaminhou-se para a camara de sua irman, chegou-se ao leito, e escutou attentamente o respirar da desgraçada. Domingas tinha-o seguido. O monge tirou debaixo do escapulario uma ambulasinha cheia de um excellente cordial, e entregou-a á cuvilheira, explicando o modo de o ministrar logo que Beatriz saisse daquelle lethargo. Cruzou depois os braços, e cravando os olhos no gesto transtornado de sua irman, ficou por alguns instantes absorto.

Posto que, unido com o abbade de Alcobaça n'um pensamento profundo de rancor, houvessem ambos jurado vingança implacavel contra o camareiro-menor; posto que, digamos assim, tivesse vendido alma e corpo a D. João d'Ornellas, o desejo de salvar Beatriz e de remir a deshonra da sua familia lhe fizera conceber a esperança de que para Fernando Affonso ainda houvesse um clarão de arrependimento. O mancebo, cujos generosos instinctos a desventura não podera envilecer, quasi acreditava que a situação e as lagrymas da tão meiga e tão desgraçada victima seriam capazes de despertar, ao menos pela piedade, alguma centelha da affeição antiga naquelle coração gasto e gélido, que elle tão mal conhecia. Os remorsos, a que o arrebata-

mento de paixão insensata outr'ora o condemnára; os phantasmas de terror, que o duro leito da penitencia, e a estamenha monastica não haviam podido ainda affugentar dos seus sonhos, eram a expiação de um assassinio. Qual seria a de outro? Quando, longe do abbade, se punha a cavar nesta idéa, horrorisava-se. E se o terrivel legado, que seu pae moribundo lhe herdára, e o proprio orgulho não lhe consentiam esquecer uma grande affronta, o longo padecer tinha, sem que o percebesse, affrouxado muito a tensão indomavel do seu caracter. Era para elle uma especie de alívio o tentar um derradeiro esforço para se abster de mais sangue, embora pezasse depois sobre a sua cabeça o odio implacavel de D. João d'Ornellas.

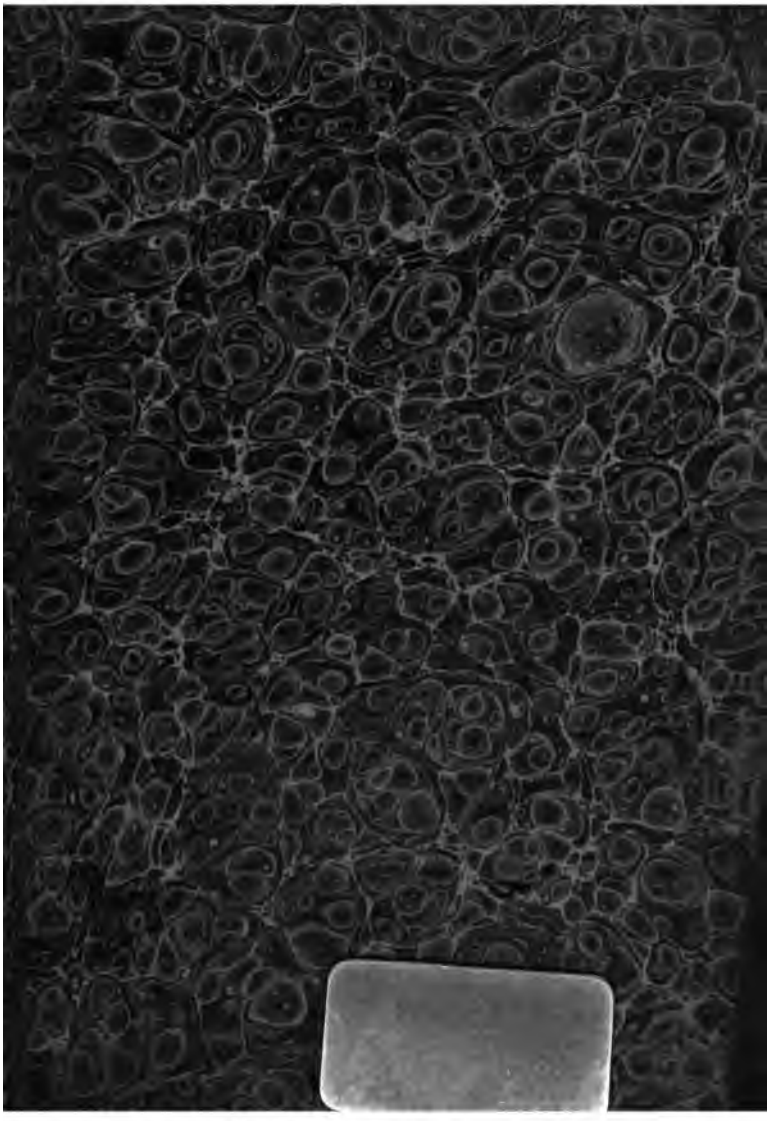
Fr. Vasco despertou, emfim, da especie de meditação extatica em que se embrenhára, voltou ao aposento do lavor, cubriu-se com a cogulla e saíu, não sem se voltar para traz, ao transpor o limiar, para fazer novas e ameaçadoras recommendações á tia Domingas ácerca do segredo absoluto no negocio de que a incumbíra.

Apenas o monge saíu, a velha pegou na bolça, virou-a mansamente sobre uma arca, e viu que os seus contentos eram dez magnificas

dobras validías. Tornou-as a metter dentro, coando-as e remirando-as uma a uma entre os dedos, e escondeu a bolça no seio, em quanto mentalmente fazia o soliloquio seguinte:

« Agora, agora! E nem de tal me lembrava! Em lhe dando os signaes da casa, pensa logo que é a filha do mestre Bertolameu... Espera lá, que já vae! O diabo é não o tirar eu bem por feições... Não importa; que quem tem bôca vae a Roma. Ao recolher da procissão, no barulho... Ou ao sair? Algures será. Mas que emburilhada é esta? O frade tem demonio. Queira Deus; queira Deus! E que tenho eu com isso? Bem fiz em não alugar o meu buraquinho de Restello, e em dar a chave a Isabel Annes para m'o arejar. Aqui anda historia!... Uhm! Não me cheira. Minha domna é uma sancta: mas este monge, este monge! Dizem que é o companheiro do abbade de Alcobaça. Do abbade de Alcobaça! Virgem bemdicta! É má casta de frade... Contam cousas... Minha mãe sanctissima, livrae-nos de más linguas e de juizos temerarios. Se voltaria hoje Fr. Isidoro? Havia de voltar. Amanhan irei a S. Francisco. Deus permitta por sua infinita misericordia que não me esqueça á volta comprar um pucaro d'Estremoz. Se a vizinha estará ainda á

janella? Estou morrendo por saber o resto do caso da filha de mestre Inofre. Talvez me venha a servir...»

Um debil gemido de Beatriz veiu interromper o curso magestoso das idéas da tia Domingas; idéas profundas, concatenadas, harmonicas e uteis como as reformas governativas feitas em Portugal nos ultimos quinze annos. A velha correu então apressada a ministrar a sua ama o reanimador elixir.

554030